



## XXVI Jornada do Gelne

# Área Temática 18 **Semântica e Pragmática**

ANAIS ELETRÔNICOS DA XXVI JORNADA DO GRUPO DE  
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE

Capítulo da obra *Pesquisas em Língua, Linguística e Literatura no Nordeste:  
uma Jornada de quase 40 anos do Gelne*. ISBN 978-85-66530-69-8



# A EVIDENCIALIDADE EM LÍNGUA ESPANHOLA: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA EM EDITORIAIS

NADJA PAULINO PESSOA PRATA (UFC)

## Introdução

O presente trabalho está vinculado ao Projeto de Pesquisa “A Evidencialidade em textos jornalísticos: uma análise funcionalista em língua espanhola”, cadastrado na UFC, o qual conta com a participação de uma professora da UNILAB e de mais três alunos da Graduação em Letras-Espanhol (UFC)<sup>1</sup>. Tal projeto de pesquisa teve como pontapé inicial um trabalho apresentado em 2012 no *VII Congresso Brasileiro de Hispanista*<sup>2</sup>, no qual versamos sobre a temática da categoria evidencialidade com base em textos jornalísticos. Vale salientar que a investigação foi, no entanto, incipiente do que diz respeito às ‘variáveis’ de análise da categoria e à constituição do *corpus*, o que nos motivou a elaborar um projeto que a abarcasse a categoria de modo mais abrangente. Em sendo assim, este trabalho objetiva, em parte, descrever e analisar as expressões linguísticas da evidencialidade em língua espanhola, com base em um texto jornalístico, especificamente, o editorial.

Com base nos pressupostos funcionalistas e nas possíveis relações entre a categoria linguística evidencialidade e a construção discursiva<sup>3</sup>, estabelecemos o

---

1. Colaboradores: Profa. Dra. Izabel Larissa de Lucena Silva (UNILAB), e os alunos Daniel Stephanye Filgueiras da Silva (UFC), Jane Eyre Caldas Martins (UFC) e Renata Pereira Vidal (UFC).

2. Cf. PESSOA-PRATA, N. P. Evidencialidad en textos periodísticos: un análisis funcionalista en español. In: **Atas** do VII Congresso Brasileiro de Hispanistas, Salvador, 2012. P.881-886. Disponível em: [https://docs.google.com/file/d/0B\\_fPPa-m93xDaGjyTFozZ3FfVG8/edit?pli=1](https://docs.google.com/file/d/0B_fPPa-m93xDaGjyTFozZ3FfVG8/edit?pli=1)

3. O termo “discurso” assume diversos sentidos a depender da área ou da vertente teórica ao qual está vinculado. Connolly (2004), por sua vez, explica que, na perspectiva da Gramática Funcional, “discurso” pode ser compreendido como processo da interação comunicativa e como produto deste processo. Para nós, tendo em vista a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, “discurso” diz respeito à

seguinte problema básico que nos instiga: *Qual a relação entre os aspectos morfosintáticos, semânticos e pragmático-discursivos que caracterizam, de modo integrado, o uso de marcadores de evidencialidade na língua espanhola em textos jornalísticos?*, aqui especificamente no que diz respeito ao editorial, gênero<sup>4</sup> de caráter argumentativo, cuja função é expressar a opinião de um dado jornal, por exemplo. Segundo Lima e Santos Filho (2011, p. 95), “o editorial é o principal gênero textual apresentado como rótulo de credibilidade”, o que justifica nosso interesse em investigar como a fonte da informação é apresentada para auxiliar na construção discursiva.

No tocante ao arranjo textual do trabalho, dividimo-lo em três partes. Na primeira parte, tratamos da evidencialidade desde uma perspectiva funcionalista de análise linguística. Na segunda parte, tratamos da metodologia da investigação, detendo-nos em aspectos pontuais do *corpus*, sua constituição e nas categorias de análise. Na terceira parte, tratamos dos resultados gerais da investigação, mais especificamente, da análise qualitativa de algumas ocorrências encontradas no editorial de jornais em espanhol.

## A evidencialidade na Gramática Discursivo-Funcional

Numa abordagem funcionalista da linguagem, o que importa é a *competência comunicativa*, ou seja, o modo como os usuários da língua se comunicam efetivamente, uma vez que a linguagem constitui uma atividade cooperativa regida por normas, regras linguísticas e pragmáticas (DIK, 1997). Isto pressupõe que eles sejam capazes de adequar-se às diversas situações, fazendo uso das expressões de modo apropriado, segundo as convenções da interação verbal da comunidade na qual estão inseridos, o que significa assumir o postulado da não-autonomia da língua.

---

língua(gem) em uso. Assim, para a GDF, a unidade básica de análise é o Ato Discursivo.

4. Concebemos ‘gênero’ no mesmo sentido de Marcuschi (2008, p. 156): “[...] textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.”.

Na perspectiva do funcionalismo holandês, a Gramática Discursivo-Funcional (GDF)<sup>5</sup> constitui uma expansão da Gramática Funcional (GF), de Dik (1997). Desse ponto de vista, Hengeveld (2004) explica que a geração de estruturas profundas, bem como a interface entre os vários níveis, pode ser descrita em termos de decisões que o falante faz ao construir seu enunciado. Assim, o processo de produção do discurso parte da intenção para a articulação.

Para o autor, o falante primeiro decide qual o seu propósito comunicativo, seleciona a informação mais conveniente e então codifica gramatical e fonologicamente esta informação e articulando-a em seguida. Assim, para a GDF, a unidade mais básica de análise é o ato de fala mais do que o enunciado, ou o Ato Discursivo. Assim, é possível distinguir quatro níveis que interagem entre si: o nível interpessoal, o nível representacional, o nível morfossintático, que se relaciona à codificação, e o nível fonológico. Esses níveis, por sua vez, interagem com o componente conceitual (competência comunicativa, conhecimento de mundo e competência linguística) e com o componente contextual (informações derivadas a partir da situação de fala).

Levando em consideração a GDF, vemos, entre outros temas, que a evidencialidade é um ponto relevante para a análise linguística, o que nos fez centrar nessa categoria. De um modo geral, a “evidencialidade” é tida como uma categoria linguística que diz respeito à fonte da informação e/ou ao modo de obtenção da informação, o que nos faz relacioná-la, por exemplo, diretamente ao discurso jornalístico, o qual desempenha um importante papel na sociedade: informar fatos e formar opiniões, conforme explanaremos mais no tópico seguinte.

Ao apoiarmo-nos na GDF, percebemos, pela leitura da obra, que é possível estabelecer uma relação entre os níveis, as camadas e os tipos de evidencialidade, conforme Quadro 1:

---

5. Esta seção está baseada fortemente nas ideias dispostas na obra *Functional Discourse Grammar*.

Quadro 1: Categorias dos evidenciais na GDF

Categorias Evidenciais			
NÍVEL	TIPO		CAMADA
Interpessoal	Reportativa		Conteúdo Comunicado
Representacional	Inferida	Sensorial	Conteúdo proposicional
		Conhecimento existente	
		Conhecimento geral da comunidade	
	Genericidade		Estado-de-coisas
Percepção do evento			

Fonte: Prata et al. (no prelo) a partir da GDF<sup>6</sup>

A GDF (2008, p 33) faz distinção de dois tipos de ‘evidencialidade’: a) reportativa (uma categoria do Nível Interpessoal) e b) evidencialidade propriamente dita (uma categoria do Nível Representacional). Segundo Hengeveld e Mackenzie (200, p. 20), o ‘reportativo’ é um operador do Conteúdo Comunicado, que está no nível Interpessoal; enquanto que, ao Nível Representacional, o marcador evidencial pode atuar na camada do Conteúdo Proposicional, quando há a especificação do modo como o falante chegou a da informação: i) por meio da inferência ou (ii) por meio de uma conhecimento partilhado pela comunidade; ou ainda na camada do “Estado-de-coisas” (EC), quando se indica se o EC foi testemunhado pelo falante.

Em relação aos meios de expressão, a língua espanhola não apresenta um paradigma obrigatório, mas pode ocorrer mediante diversas estruturas, lexicais ou

---

6. Este quadro foi elaborado pelos participantes do projeto e consta em outro artigo apresentado ao Gelne em 2016.

gramaticais, como esclarece Cornillie (2015, p. 1). Para ele, a evidenciabilidade pode ocorrer por meio de advérbios, adjetivos, construções parentéticas com verbos *dicensi*, por exemplo, verbos auxiliares e tempos verbais.

## Metodologia de investigação: *corpus* e categorias de análise

Os objetivos por nós estabelecidos, bem como a opção por uma orientação funcionalista de análise, levam-nos a trabalhar com um *corpus* de ocorrências reais da língua, de modo a podermos descrever e explicar, empiricamente, o uso de marcadores de evidencialidade em editoriais, o que totalizou cerca de 10.000 palavras, conforme Figura 1:

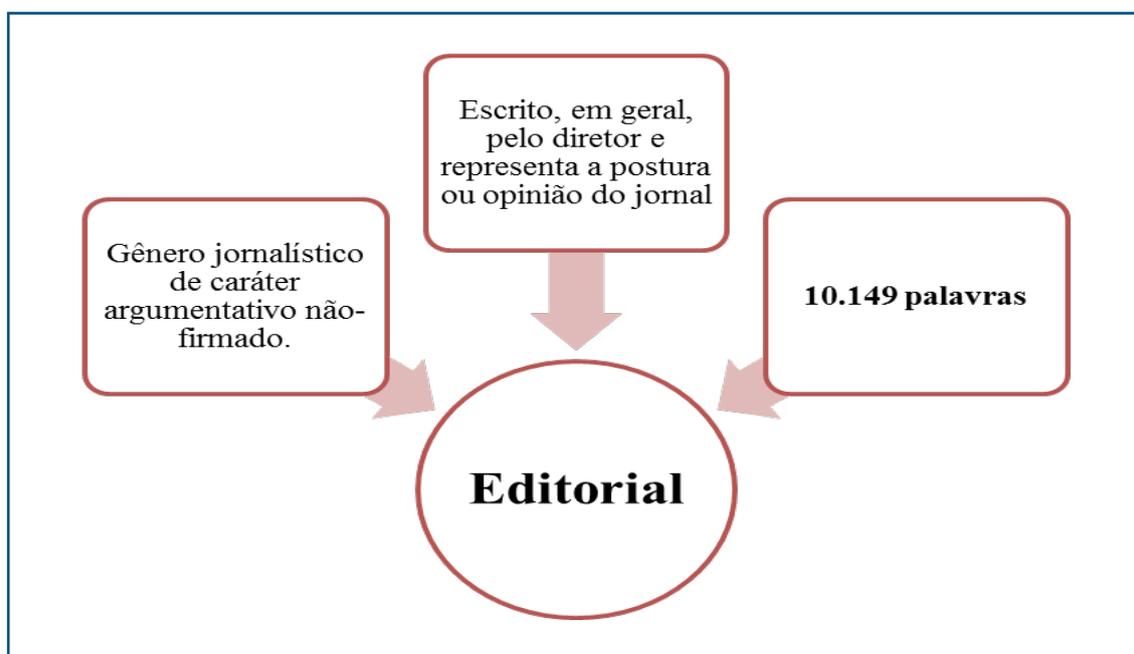


Figura 1 - A constituição do *corpus* de investigação

Fonte: Elaborada pela autora.

A escolha do editorial como *corpus* está pautada em dois dos três critérios estabelecidos por Souza (2006, p. 21), quais sejam: (a) base argumentativa do gênero<sup>7</sup>,

---

7. Vários autores explicam que o editorial é um gênero predominantemente argumentativo, tais como Pinto (2004).

(ii) ponto de vista de uma ‘instituição’ (jornal), pois o “[...] editorial tem a função de informar de modo que proporcione uma reflexão crítica sobre o assunto em pauta e utiliza argumentos para convencer o leitor a aderir e compartilhar com o ponto de vista da empresa jornalística.” (SOUZA, 2006, p. 97). Nesse sentido, o editorial é um artigo jornalístico sem assinatura, pois, como nos explica Cuadrado (2001), deve-se eliminar o uso do ‘eu’ do escritor, uma vez que quem opina é uma ‘instituição social de inegável personalidade política’. Entretanto, além de emitir um ‘juízo de valor’, o editorial desempenha as seguintes funções, conforme nos explica o autor: a) explicar os fatos, b) dar antecedentes, C) predizer o futuro e d) formular juízo.

Em relação à estrutura interna do editorial, os autores<sup>8</sup> destacam três partes, as quais sintetizamos a seguir: a) Ponto de partida: noticia-se os fatos para expô-los de modo breve; b) Corpo do editorial: desenvolve-se o ponto de vista argumentativo sobre o fato; c) Ponto de finalização: defende-se o ponto mais importante do texto ou recapitula-se as razões expressas.

No tocante às categorias de análise do projeto, elas constituem um leque amplo tendo em vista os níveis da GDF, entretanto, aqui, por se tratar de um estudo preliminar, deter-nos-emos na análise de algumas ocorrências, atentando para a: a) forma de expressão (verbo, substantivo, preposição, advérbio e adjetivo); b) fonte da informação (falante, terceiro definido, terceiro indefinido, genérico (senso comum)).

## Resultados: análise e discussão dos dados

Levando em consideração o nosso *corpus* de análise, qual seja, o editorial de jornais escritos em língua espanhola, investigamos, ainda que de modo preliminar, os meios de expressão usados nesse gênero, de modo a verificar a relação entre os meios de expressão, o tipo de fonte da informação e os possíveis efeitos de sentido na construção discursiva.

Como vimos, diversos são os meios de expressão da categoria em língua espanhola. No *corpus* da investigação, percebemos o uso de preposições formando um

---

8. Cf. Espinosa (2003), Cuadrado (2001).

sintagma preposicional (SP), como em (1), ou como nexos de orações subordinadas, como em (2):

(1) Las personas en riesgo de exclusión social han pasado del 26% al 29,2% entre 2010 y 2013 en España, **según estadísticas oficiales**. (P2)

(2) Es posible que Ángel Gabilondo - el escogido para encabezar la candidatura a la Comunidad, **como publicamos** ayer- pueda detener algo la caída que registra el voto socialista en Madrid desde que Gómez dirige el partido, pero de ahí a que se produzca una remontada definitiva va un abismo. (P1)

Em (1), a oração é construída de modo a apresentar primeiro o fato e em seguida a fonte da informação, que aparece marcada pela *preposición 'según' (segundo) + um sintagma nominal*. Vale dizer que o SN aparece sem determinante, o que lhe confere certa indefinidade, de modo a levar o leitor a ponderar sobre a fiabilidade da fonte. Em (2), a preposição 'como' introduz a oração complexa que nos mostra a fonte da informação ("nós - elíptico"). Observemos que a construção evidencial toma como escopo somente uma parte da informação, mais especificamente o SN da construção apositiva ("o escolhido para encabeçar a candidatura à Comunidade"), pois põe em relevo a porção da informação considerada mais importante dentre os fatos apresentados. Nesse caso, percebemos que o uso da primeira pessoa do plural do verbo 'publicar' deixa claro que o editorial é um texto de autoria institucional, como explicamos anteriormente. A fonte definida, nesse caso, é a própria instituição (jornal), o que pode conferir mais fiabilidade, já que não só 'dá antecedentes' ao que foi dito, o que é uma das funções desse gênero, mas se coloca como fonte dessa informação.

Observamos ainda o uso de verbos de elocução, como (3) ou (4):

(3) Los electores socialistas y los demás ciudadanos observan atónitos una pelea inédita en la política española que, **repetimos**, hace mucho daño al PSOE. (P1)

**(4) Las estadísticas**, confusas en este caso, **dicen que** hay casi 12 millones de estos contadores, pero no todos pueden realizar lecturas horarias remotas. (P2)

Em (3), percebemos novamente o apagamento do sujeito do verbo na primeira pessoa do plural, o que nos dá indícios de que a fonte definida focaliza a porção à direita do verbo *dicendi*: '*hace muchos daños al PSOE*' ("faz muito mal ao PSOE"), o que se mostra ao leitor como uma espécie de (i) explicação dos fatos, e de (ii) advertência sobre o futuro, funções discursivas também relevantes ao editorial.

Em (5), observamos uma organização discursiva um pouco diferenciada, pois parece haver distintas fontes de enunciações diferentes, formando uma *polifonia*: a) SP encabeçando toda a informação que aparecer posterior a ela (construção sublinhada); b) SN nucleado por um nome próprio (Rivera); c) marcação tipográfica (uso de aspas)<sup>9</sup>.

(5) En una entrevista que publicó ayer "X"<sup>10</sup>, **Rivera asegura** ser consciente de su situación ante las próximas elecciones: "No nos podemos poner techo, igual que no tenemos suelo". (P2)

Em (5 - item a - SP), temos uma evidencialidade reportativa, que diz respeito à retransmissão de uma história ao invés de contá-la, conforme explicam Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 104). Os autores explicam ainda que "[...] onde os personagens da história usam a fala direta, não há nenhum marcador reportativo em suas palavras. No contexto da história, eles estão falando por si mesmos, não

---

9. Apesar de constituir uma forma de marcação da heterogeneidade discursiva, o uso de aspas não constitui um fenômeno gramatical, o que nos não considerá-lo como marcador evidencial. Ele, entretanto, aponta para o enunciado como tendo sido usado literalmente, o que pode dar mais confiança ao leitor, pois coloca em relevo o sujeito do dizer.

10. A letra "X" substitui o nome de um dos jornais, a fim de preservar o anonimato, uma vez que nosso objetivo não é analisar a construção de uma dada empresa, mas como a categoria se manifesta e colabora no efeito de credibilidade por exemplo.

retransmitindo as palavras e pensamentos de outra pessoa.”<sup>11</sup>, como observamos aos se usar as aspas.

## Considerações finais

Com base num enfoque funcionalista (mais especificamente o da Gramática Funcional e o da Gramática Discursivo-Funcional), cujo pressuposto é o de língua como instrumento de interação social, objetivamos descrever e analisar o uso dos evidenciais em língua espanhola de modo verificar possíveis inter-relações entre a gramática da língua e a construção discursiva (língua em uso) em editoriais. Assim, observamos que preposições, verbos *dicendi* e outros meios são usados em língua espanhola de modo a atender as várias funções discursivas do editorial e conferir aos enunciados ‘graus’ de credibilidade a partir dos quais pode ir influenciado o leitor.

Por fim, o trabalho que desenvolver-se-á ainda está relacionado à descrição e à análise da língua espanhola, o que poderá servir de subsídios para possíveis comparações entre a variedade peninsular e a hispano-americana, bem como aos estudos contrastivos entre português-espanhol no que diz respeito à categoria e à construção discursiva. Tais análises podem também nortear a construção de materiais didáticos, a compreensão do sistema linguístico e da construção de textos divulgados em periódicos espanhóis e auxiliar o professor nas explicações em sala.

## Referências

CONNOLLY, John H.. The question of discourse representation in functional discourse grammar. In: MACKENZIE, J. Lachlan; GÓMEZ-GONZÁLEZ, María de Los Angeles. **A new architecture for functional grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 73-88.

CORNILLIE, Bert. Los auxiliares evidenciales en español. In: RUIZ, Ramón Gonzáles; ALEGRÍA, Dámaso Izquierdo; LAMAS, Óscar Loureda. **La evidencialidad en español: teoría y descripción**. [s.i.]: Editorial Vervuert/iberoamericana, 2015. p. 1-15. Disponível em: <[https://www.academia.edu/10010695/Los\\_auxiliares\\_evidenciales\\_en\\_español\\_Bert\\_Cornillie.\\_En\\_La\\_evidencialidad\\_en\\_Español.\\_Ramón\\_González\\_et\\_al\\_eds.\\_2015.\\_Vervuert\\_](https://www.academia.edu/10010695/Los_auxiliares_evidenciales_en_español_Bert_Cornillie._En_La_evidencialidad_en_Español._Ramón_González_et_al_eds._2015._Vervuert_)>. Acesso em: 10 jul. 2016.

---

11. Tradução nossa. O original diz: [...] where the characters in the story use direct speech, there is no reportative marker in their words. In the context of the story, they are speaking for themselves, not relaying the words and thoughts of someone else.” (HENGEVELD E MACKENZIE, 2008, p. 104).

- CUADRADO, Luis Alberto Hernando. Lengua y estilo del editorial. **Estudios Sobre El Mensaje Periodístico**, Madrid, v. 1, n. 7, p.279-293, maio 2001. Disponível em: <[http://pendientede-migracion.ucm.es/info/periol/Period\\_I/EMP/Numer\\_07/7-5-Inve/7-5-07.htm](http://pendientede-migracion.ucm.es/info/periol/Period_I/EMP/Numer_07/7-5-Inve/7-5-07.htm)>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- DIK, Simon Cornelis. **The theory of functional grammar**. [s.i.]: Walter de Gruyter, 1997.
- ESPINOSA, Pastora Moreno. Géneros para la persuasión en prensa: los editoriales del Diario El País. **Ámbitos**, Sevilla, v. 9-10, p.225-238, 2002. Disponível em: <<http://www.aloj.us.es/grehcco/ambitos09-10/pastora.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- ESPINOSA, Pastora Moreno. Rasgos diferenciales de los géneros periodísticos de opinión. In: IV BIENAL IBEROAMERICANA DE COMUNICACIÓN, 4., 2003, San Salvador. **Ponencia**. San Salvador: Bienal Iberoamericana de Comunicación, 2003. v. 2, não paginada. Disponível em: <<http://www.saladeprensa.org/art501.htm>>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. **Functional discourse grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HENGEVELD, Kees. The architecture of a functional discourse grammar. In: MACKENZIE, J. Lachlan; GÓMEZ-GONZÁLEZ, María de los Angeles. **A new architecture for functional grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 243-272.
- LIMA, José Rosamilton de; SANTOS FILHO, Ivanaldo Oliveira dos. Editorial: gênero de expressão opinativa. **Interdisciplinar: revista de estudos em língua e literatura**, Sergipe, v. 14, p.87-99, dez. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1068/906>>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PINTO, Rosalice. A heterogeneidade constitutiva e o ethos no editorial português. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p.25-32, dez. 2004. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6447/0>>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- PRATA, Nadja Paulino Pessoa. Evidencialidad en textos periodísticos: un análisis funcionalista en español. In: ATAS DO VII CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 7, 2012, Salvador. **Atas**. Salvador: Congresso Brasileiro de Hispanistas, 2012. p. 881 - 886. Disponível em: <[https://docs.google.com/file/d/0B\\_fPPa-m93xDaGjyTFozZ3FfVG8/edit?pli=1](https://docs.google.com/file/d/0B_fPPa-m93xDaGjyTFozZ3FfVG8/edit?pli=1)>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- SOUZA, Maria Medianeira de. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. 2006. 418 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/2006/teses/tese-maria-medianeira.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

## A LÍNGUA NA PERSPECTIVA DOS ATOS DE FALA

**LUIZ CARLOS CARVALHO DE CASTRO (UFPE/NEHTE)**

### Introdução

É notório, em aulas virtuais, a recorrência de atos de fala cuja força ilocucionária vai além da língua, ou seja, nem sempre o que está explícito a partir da língua é o que se deseja, ou o que se deve dizer. Nesse sentido, os atos de fala são vistos como explosivos capazes de produzir os mais diversos efeitos de sentido no interlocutor.

Dessa feita, pode-se afirmar que os atos de fala dizem respeito à relação sistemática da língua(gem) com seus usuários (ARMENGAUD, 2006, p.100).

No Curso de Geografia a Distância do IFPE, os cursistas enunciaram atos de fala, cuja força ilocucionária varia de uma pergunta a uma ordem e *vice-versa*, somente sendo possível compreendê-la devido ao contexto de uso da língua(gem) e as condições de produção de seus enunciados, de certa forma, esses fatores influenciam a compreensão dos atos de fala ao serem enunciados pelos falantes (cursistas), pois a língua(gem), mostra-se insuficiente para significar tudo o que o usuário da língua(gem) que dizer, necessitando lançar mão de fatores extralinguísticos. Com certeza Austin e Searle estavam cientes desses fatores, porém, mesmo cientes, esses autores sequer falaram em pragmática.

Na pragmática dos atos de fala o que de fato faz a diferença é a sua unidade mínima de análise na interação verbal entre usuários da língua(gem). Não é a palavra, não é a frase, nem mesmo o texto em si, mas a realização que emana da força ilocucionária de alguns tipos de atos de fala.

Para Armengaud (2006) os atos ilocucionários, que indicam o fazer, quando enunciado, muitas vezes, produzem no interlocutor, um efeito perlocucionário. É exatamente nessa passagem do efeito ilocucionário para o efeito perlocucionário que se pode vislumbrar a possibilidade de se conceber o caráter dialógico de um ato de fala, isto é, a força ilocucionária de um ato de fala que provoca no outro uma determinada ação de convencer, emocionar, irritar, intimidar, concordar ou discordar,

Austin e Searle, respectivamente, perceberam que a centralidade dos atos de fala está exatamente em sua força ilocucionária, essa percepção levou Austin a desenvolver uma classificação dos atos de fala ilocucionários, em cinco categorias e, posteriormente, Searle a desenvolver doze critérios para os atos ilocucionários.

Diante do que fora exposto, esta pesquisa teve como objetivo analisar a força ilocucionária dos atos de fala, ativada pelos componentes linguístico e pragmático, recorrentes em fóruns de ambientes virtuais, tendo em vista que assim como Austin e Searle, também percebeu-se, nas análises dos dados, que a centralidade dos atos de fala está em sua força ilocucionária.

O fórum do ambiente virtual, na plataforma moodle foi o *lócus* no qual realizou-se a coleta de dados e posteriormente a análise dos atos de fala cuja força ilocucionária de um ato de fala, ao ser enunciado, produziu nos interlocutores diferentes efeitos. Os atos ilocucionários, não somente produziu no outro, atitudes, emoções e diferentes posições, considerando-se o evento e as condições em que foram produzidos os atos de fala, assim como evidenciou que elemento linguístico é um explosivo capaz de produzir diferentes efeitos de sentido.

## A teoria dos atos de fala

Austin ao desenvolver a teoria dos atos de fala percebeu a partir de algumas sentenças declarativas, que a língua(gem) não existe apenas para descrever coisas, mas para realizar coisas. Essa nova perspectiva de ver a língua(gem) como ação, levou a cabo o positivismo lógico, pois os atos de fala não podem ser avaliados como verdadeiros ou falsos. Em seu livro "Pragmática, Levinson afirma:

No conjunto de palestras publicadas postumamente como "*How to Do Things With Words*", Austin começou a demolir, com seu jeito suave e educado, a visão de linguagem que colocava as condições de verdade como centrais para a compreensão da linguagem. (LEVINSON, 2007, p. 289).

---

1. Como fazer coisas com palavras (tradução minha).

A essas sentenças, livres das condições de verdade, que permitem fazer coisas, Austin as chamou de “performativas”

Um exemplo clássico dado por Austin (1990, p. 29) “Aceito” (esta mulher como minha legítima esposa ... )”. O autor observa que essa declaração ao ser proferida em uma cerimônia de casamento, esse dizer vai além de uma descrição, significa fazer algo, ou seja, alguém está fazendo algo, está se casando.

No entendimento de Austin (1990) uma sentença performativa como essa não está sujeita as condições de verdade como propunha o positivismo lógico, não obstante, o autor estabeleceu uma tipologia das condições de felicidade, pelas quais as sentenças performativas devem se guiar para lograr bom êxito, ou seja, atingir as condições de felicidade. Para tanto, Austin estabeleceu três categorias:

### **Categoria A**

(1) Deve existir um procedimento convencional que tenha um efeito convencional; que apresente um determinado efeito convencional e que inclua o proferimento de certas palavras, por certas pessoas, e em certas circunstâncias; e além disso, que

(2) as pessoas e circunstâncias particulares, em cada caso, devem ser adequadas ao procedimento específico invocado.

### **Categoria B**

(1) O procedimento tem de ser executado, por todos os participantes, Corretamente e (2) completamente.

### **Categoria C**

Nos casos em que, como ocorre com frequência, o procedimento visa às pessoas com seus pensamentos e sentimentos, ou visa ali instauração de uma conduta correspondente por parte de alguns dos participantes, então aquele que participa do procedimento, e o invoca deve de fato ter tais pensamentos ou sentimentos, e os participantes devem ter a intenção de se conduzirem de maneira adequada,! e, além disso,

(2) devem realmente conduzir-se dessa maneira subsequentemente.

E assim, o não cumprimento de uma dessas categorias, implicará o mau êxito do proferimento performativo, ou seja, o proferimento atingirá seu estado de infelicidade.

Ao estabelecer essas seis categorias Austin, ciente ou não, estabeleceu os fatores pragmáticos que vão além da língua para reger os atos de fala e, desse modo, satisfazer as condições de felicidade dos atos de fala performativos (atos ilocucionais), assim como, definiu também que as condições de felicidade de um ato de fala requer:

(A1) um acontecimento, ou seja, um evento comunicativo

(A2) que cada participante ocupe uma função social definida no evento comunicativo.

(B1/B2) que todos os participantes tenham conhecimento dos procedimentos recorrentes no evento comunicativo.

(C1) cada participante é o ser intencional, com suas emoções e consciente de sua participação e sua função social no evento comunicativo.

As categorias desenvolvidas por Austin não somente dizem respeito, aos aspectos extralinguísticos, ou seja, ao contexto pragmático e às condições de produção dos atos de fala como também esclarecem o caráter intersubjetivo em que um acontecimento ou evento comunicativo se realiza ao descrever um sujeito intencional, com consciência própria, embora sua participação e função social estejam delimitadas, antecipadamente, pelo evento comunicativo do qual o sujeito participa. Essa visão corrobora com a concepção monológica da linguagem.

A linguagem no cotidiano, entretanto, não funciona tão bem assim, ela tende a extrapolar os limites impostos pelo evento comunicativo, contrariando os critérios que operam nas condições de felicidade proposta por Austin, pois um sujeito intencional pode optar pela aceitabilidade ou não de um conteúdo proposicional de um ato de fala. Assim como pensa Araujo:

Pensamos [...] que os critérios da evidência e da satisfação devem ser completados pela aceitação ou não do conteúdo proposicional, em um ato de fala, que mostrará o uso que um falante dá à sentença, numa situação dialógica. Para chegar ao nível da compreensão, é preciso, portanto, um passo adiante em direção às condições pragmáticas, a fim de mostrar como se dão e porque são aduzidas certas razões que levam à aceitação de um ato de fala e não apenas à compreensão do significado (sustentar a verdade). O conteúdo proposicional é questionado, rejeitado, negado, etc., pelos falantes. Nas situações reais da fala, não há apenas a enunciação de uma sentença, mas uma ação lingüística, na qual os recursos semânticos operam através de estruturas pragmáticas (ARAÚJO, 2005, p. 7-20).

Araujo (2005) tenta aclarar que o sujeito intencional da pragmática dos atos fala utilizando-se do fator pragmático de aceitabilidade, pode ou não concordar, discordar, aceitar, negar ou até mesmo rejeitar, contrariando os critérios de condição de felicidades propostos por Austin. Nesse sentido, não estamos lidando apenas com o conteúdo lingüístico, tendo em vista que os fatores semânticos operam sobre os fatores pragmáticos, além da intencionalidade do dizer dos falantes de uma língua. Essa consciência e intencionalidade do sujeito reclama o caráter dialógico do ato por entendermos que o falante tem consciência própria para concordar ou discordar por meio da força ilocucionária dos atos de fala, produzindo assim os mais diferentes sentidos.

A força ilocucionária de um ato de fala foi que de fato mais interessou aos filósofos, de Oxford, Austin e Searle, em uma de suas conferências Austin explicita: “Nosso interesse nestas conferencias consiste essencialmente em ater-nos ao ato ilocucionário e contrastá-lo com os outros dois.” (AUSTIN, 1990, p. 91).

Para estabelecer a distinção Austin apresenta três categorias ou dimensões de atos de fala:

[...] realizamos um ato locucionário, O que equivale, a grosso modo, a proferir determinada sentença com determinado sentido e referência, o que, por sua vez, equivale, a grosso modo, "significado" no sentido tradicional do termo. Em segundo lugar dissemos que também realizamos atos ilocucionários tais como informar, ordenar, prevenir, avisar, comprometer-se, etc., isto é, proferimentos que têm uma certa força (convencional). Em terceiro lugar também podemos realizar atos perlocucionários, os quais produzimos porque dizemos algo, tais como convencer, persuadir, impedir ou, mesmo, surpreender ou confundir. (AUSTIN, 1990, p. 95).

Ao proferirmos um ato de fala locucionário estamos apenas enunciando uma sentença cujo sentido e referências são determinados, ou seja, estamos apenas enunciando o sentido literal de um ato de fala. Referimos-nos a algo com sentido e referência no mundo. Quando proferimos um ato de fala ilocucional não apenas declaramos algo, mas fazemos algo, realizamos coisas como informar, ordenar, pedir, perguntar, prevenir. Já o ato de fala perlocucionário é o reflexo, no outro, da força ilocucionária produzida por aquilo que proferi. Se tomarmos como exemplo a sentença: "Você não pode dirigir" teremos como força ilocucionária um protesto contra o motorista, porém, como um ato perlocucionário, produziremos, no outro, o efeito de sentido, capaz de impedi-lo de dirigir, uma força ilocucionária que detém a ação de dirigir.

Austin (1990, p. 123) classifica os proferimentos em função de sua força ilocucionária, conferindo-lhes os seguintes nomes:

### **(1) Verditivos**

Caracterizam-se por dar um veredito, como nome sugere, por um corpo de jurados, por um árbitro, ou por um desempatador (terceiro árbitro). Mas não é necessário que sejam definitivos. Podem constituir uma estimativa, um cálculo, uma apreciação. Constituem essencialmente o estabelecimento de algo - fato ou valor - a respeito do qual, por diferentes razões, é difícil se estar seguro

### **(2) Exercitivos**

Consistem no exercício de poderes, direitos ou influências. Por exemplo: designar, votar, ordenar, instar, aconselhar, avisar, etc.

**(3) Cornissivos**

Caracterizam-se por prometer ou de alguma forma assumir algo; comprometem a pessoa a fazer algo, mas incluem também declarações ou anúncios de intenção, que não constituem promessa!, e incluem também coisas um tanto vagas que podemos chamar de adesões, como, por exemplo, tomar partido. Têm conexões óbvias com os veriditivos e os exercitivos.

**(4) Comportamentais (um horror este neologismo!)**

comportamentais, constituem um grupo muito heterogêneo, têm a ver com atitudes e comportamento social. Exemplos são: pedir desculpas, felicitar, elogiar, dar os parabéns, maldizer e desafiar.

**(5) Expositivos**

são difíceis de definir. Eles esclarecem o modo como nossos procedimentos se encaixam no curso de uma argumentação ou de uma conversa, como estamos usando as palavras, ou seja, são, em geral, expositivos. Exemplos são: “contesto”, “argumento”, “concedo”, “exemplifico”, “suponho”, “postulo”. Devemos levar em conta, desde o início, que ainda há amplas possibilidades de que se apresentem casos marginais ou embaraçosos, ou casos de sobreposições entre essas classes.

Searle (1995), ao estudar os atos de fala, descarta o efeito perlocucionário, pois esse não faz parte do ponto, isto é, da finalidade da força ilocucionária. A finalidade, ou o ponto de uma promessa é que o locutor execute algo, ou seja, se comprometa em realizar a promessa.

Armengaud (2006) apresenta os doze critérios de Searle para os atos ilocucionários:

1. Diferenças quanto à finalidade do ato - qual a finalidade ou ponto de uma promessa? Certamente que aquele que o enuncia cumpra, ou seja, realize a promessa.
2. Diferenças quanto à orientação de ajuste entre as palavras e as coisas – diz respeito ao ajuste das palavras a realidade - é o caso de uma proposição verdadeira. Ou, de outro modo, o mundo se acomode às - é o caso de uma ordem ou promessa.

3. Diferenças acerca dos estados psicológicos expressos – diz respeito a força ilocucionária de crenças (observação, explicação), de intenção (promessa, voto), de desejo ou necessidade (pedido, ordem prece, súplica), de prazer (felicitações, saudações de boas-vindas).
4. Diferenças de intensidade de investimento ou de comprometimento manifesto na apresentação do pontos ilocucionário. (sugerir/insistir a realizar algo)
5. Diferenças de estatuto ou de posição do falante e do ouvinte, na medida em que a força ilocucionária da sentença é sensível a isso. (o professor pede/o aluno pede).
6. Diferenças na maneira com que a sentença se relaciona com os interesses do falante e do ouvinte. (autoelogios e lamentações de interesse do falante) e (felicitações e condolências de interesse do ouvinte).
7. Diferenças na relação com o todo do discurso, com o contexto discursivo – expressões performativas que ligam uma sentença ao resto do discurso (respondo, deduzo, concludo, retruco).
8. Diferenças de conteúdo proposicional determinadas por marcas ou procedimentos indicativos da força ilocucionária - diferença entre um relato e um relatório.
9. Diferenças entre os atos que são sempre atos de fala e os que podem ser realizados como atos de fala, mas que não são necessariamente realizados como tal.
10. Diferença, entre os atos que requerem instituições extralinguísticas para a sua realização e aqueles que não o requerem. A maioria dos atos de fala ilocucionários tem necessidade de fatores extralinguísticos (pragmáticos) e uma posição do falante e do ouvinte (interlocutores) em uma dada instituição para que sejam realizados.
11. Diferenças entre os atos em que o verbo ilocucionário correspondente tem um performativo e aqueles que não o tem. Um grande número dos verbos ilocucionários tem usos performativos como eu prometo, eu ordeno, eu concludo. Eu te ameaço, por exemplo, tem uma força ilocucionária, mas não é performativo. Ameaçar não é um verbo de realiz(ação), mas um verbo de prenúncio de perigo iminente.

12. Diferenças no estilo de realização do ato ilocucionário. Há verbos que funcionam para marcar o estilo. Alguém diz: “eu vou proclamar o meu amor por Jesus” outro diz: “eu vou confidenciar meu amor por Jesus”, o primeiro locutor quer falar em alta voz para todos ouvir, já o segundo, pelo contrário quer falar em baixa voz, apenas para uma pessoa ouvir.

Baseado nesses 12 critérios de força ilocucionária dos atos de fala, Searle cria sua classificação dos atos ilocucionários:

1. **Os assertivos:** sua força ilocucionária leva o falante a acreditar na verdade do conteúdo proposicional, sua realização se dá por um testemunho, uma afirmação. Exemplo: Lucas está lendo a obra Dom Casmurro.
2. **Os diretivos:** sua força ilocucionária consiste em levar o ouvinte a fazer ou dizer algo. Sua realização se dá por uma ordem, um pedido ou por uma súplica, um questionamento, um conselho. Exemplo: Feche a porta ao passar.
3. **Os comissivos:** sua força ilocucionária leva o falante a se comprometer com a realização de algo (ação) no futuro. Sua realização se dá por intenção, desejo, promessa ou recusa. Exemplo: Falo com você assim que acabar a reunião.
4. **Os expressivos:** sua força ilocucionária leva o falante a expressar seus sentimentos ou emoções. Sua realização se dá por agradecer, parabenizar, desculpar-se, apresentar condolências, lamentar, desejar boas-vindas, saudar, denunciar. Exemplo: Seja bem-vindo!
5. **Os declarativos:** a principal característica dos atos declarativos é a relação entre o conteúdo proposicional e a realidade que está sujeita as condições de verdade ou falsidade do enunciado proferido, pois quem profere tal enunciado deve estar autorizado institucionalmente a fazer o estado de coisas enunciadas. Exemplo: o aluno não está apto a prestar exame ao ENEM. (dever ser um professor ou formador).

Até aqui fora discutido e descrito os efeitos de sentido produzidos pelos atos de fala diretos, onde o falante diz tudo que quer dizer de forma clara e objetiva. E assim percebemos que os atos de fala locutório e ilocutório estão centrados no falante que busca fazer coisas ao falar, enquanto o ato de perlocucionário centra-se no outro, no ouvinte que reage impulsionado pela força ilocucionária de um ato de fala.

Searle percebendo que a centralidade dos atos de fala está na força ilocucionária que o falante intencionalmente produz ao enunciar um ato de fala e, além disso, que não existe uma relação “biunívoca” entre proposição e ilocução (força ilocucionária), mais adiante ele estabelece a distinção entre atos de fala diretos e indiretos.

Os atos de fala indiretos são aqueles que o falante usa intencionalmente para dizer algo diferente do que ele enuncia, do que o conteúdo proposicional expressa.

Exemplo: Você tem um cigarro?

É notório que o falante não quer saber, apenas, se o ouvinte (o outro) tem um cigarro, mas ele quer pedir-lhe um cigarro, a partir do momento que o outro responde afirmativamente ou não. E assim, a proposição que parece ser uma pergunta, não é. A força ilocucionária do ato de fala indireto indica um pedido. Essa interpretação somente é possível porque os interlocutores (falante e ouvinte) compartilham de certos tipos de convenções da linguagem e do contexto da enunciação.

Compreender os atos de fala indiretos implica, no dizer de Marcondes (2006), depender basicamente do contexto, ou seja, de elementos extralinguísticos. E, ainda, acrescenta o autor que a teoria de Paul Grice é relevante na interpretação dos atos de fala, na medida em que ela dispõe de recursos, a fim de que o ouvinte interprete os objetivos do falante ao enunciar os atos de fala.

Em síntese, um ato de fala é um enunciado linguístico proferido por um falante, que apresenta uma determinada força ilocucionária, capaz de produzir no ouvinte (no outro) os mais diferentes efeitos de sentido.

## **Análise - os atos de fala em fórum de ambientes virtuais**

A análise toma a linguagem em seu contexto de uso, conforme propõe a teoria dos atos de fala, concebendo a linguagem como ação, na qual realizamos coisas ao falarmos e, ainda, a depender da força ilocucionária dos atos de fala diretos ou indiretos produz no ouvinte os diferentes efeitos de sentido. Para tanto utilizaremos

recortes do fórum de mensagens do ambiente virtual do curso de graduação de geografia a distância do IFPE, no período de maio a julho de 2015.

Nos recortes abaixo, os atos de fala, em destaque, fazem parte de um diálogo que tanto pode ser *on-line* como pode ser *off-line*, disponível em um fórum de mensagens entre cursistas, tutores e formadores.

### **RECORTE 1 - CURSISTA**

Todas as mensagens | Mensagens recentes

**quinta, 23 julho 2015**

13:37: 1 (Cursista)

#### **Boa tarde**

Vejo no meu AVA que o quadro de notas foi modificado depois da avaliação final. minha nota media final de 8,36 foi para 7,34.

**Faça a verificação novamente e reponha a nota.** ainda a erros no quadro de notas. você me retribui nota 0,00 em um envio de arquivo que esta duplicado. aguardo contato.

O ato de fala expressivo **“Boa tarde”**<sup>2</sup> é uma expressão de saudação cuja força ilocucionária leva o falante a exprimir seus sentimentos. Sua realização se dá por agradecer, parabenizar, desculpar-se, apresentar condolências, lamentar, desejar boas-vindas, saudar, denunciar.

A sentença, **“Faça a verificação novamente e reponha a nota”**, trata-se de um ato de fala diretivo cuja força ilocucionária consiste em levar o ouvinte a fazer ou dizer algo, realizado sob a forma de uma ordem, quando deveria ser um pedido. As condições de produção desse enunciado requerem tanto do falante como do ouvinte uma posição que cada um ocupa dentro de uma dada instituição, logo, o cursista fere as condições de felicidade de seu ato de fala, ou seja, é infeliz ao imprimir uma força ilocucionária imperativa ao seu pedido de revisão da nota, tal interpretação só é possível devido ao compartilhamento de certas convenções da linguagem e aos

---

2. “Swan divide suas explicações sobre cumprimentos em três partes. Na primeira, define esse ato de fala a partir de exemplos como “bom dia”, “boa tarde” e “boa noite”, explicando, além disso, a diferença entre good evening e good night, e caracterizando essas expressões como formais.” (SWAN 1980, p. 274 apud GUTIERRES, 2009 p. 191).

fatores pragmáticos que indicam quem fala e para quem se fala, Tais fatores são constitutivos da compreensão dos atos de fala.

### RECORTE 2 - PROFESSOR-FORMADOR

20:04:

**Caro Cursista,**

Ciente de sua participação significativa em 90% no AVA e 100% no presencial, **os professores decidiram reavaliar suas atividades conferido-lhe a nota 8,0 como média final na disciplina de Língua Portuguesa.**

**Desejamos sucesso em sua trajetória,**

aproveitamos para compartilhar com você um versículo bíblico que sempre dá certo: a palavra branda desvia o furor, e do ponto de vista pragmático o uso da polidez.

No recorte de nº 2, o professor formador utiliza-se do ato de fala expressivo, **Caro Cursista**, a fim de exprimir uma carinhosa saudação, na sequência do diálogo, utiliza-se do ato de fala exercitivo **“os professores decidiram reavaliar suas atividades conferido-lhe a nota 8,0 como média final na disciplina de Língua Portuguesa.”** tal como postula Austin (1990, p. 126) “para tomar uma decisão a favor ou contra um determinado curso da ação, ou advogá-la.” Além disso, pragmaticamente os professore exercem a função social devida para realizar a revisão da nota e conceder a aprovação ao aluno. E por último uma ato expressivo **“Desejamos sucesso em sua trajetória”** exprimindo sentimentos e emoções e felicitações.

### RECORTE 3 - CURSISTA

quinta, 23 julho 2015

13:12: (Cursista)

**Boa tarde!**

Professor, abri a plataforma hoje e minha nota foi rebaixada. [...] Por isso professor eu **peço encarecidamente a sua ajuda para que eu não fique reprovado e não tenha que me atrasar nas grades curriculares.**

No recorte nº 3, o cursista utiliza ato de fala expressivo **“Boa tarde!”**, uma saudação, para exprimir seus sentimentos, um ato de fala diretivo cuja força ilocucionária é de um pedido, uma suplica para revisão da nota.

**RECORTE 4 - PROFESSOR-FORMADOR****Caro Cursista (A)**

Os 80% de sua participação no ambiente virtual de aprendizagem, somados a 70% participação no presencial fizeram jus ao seu pleito, por isso, **os professores decidiram por sua aprovação conferindo-lhe nota 7,0 (sete) como média final na disciplina de Língua Portuguesa.**

sexta, 24 julho 2015

No recorte de nº 4 a exemplo do recorte nº 2, o professor formador utiliza-se do ato de fala expressivo, **Caro Cursista**, a fim de exprimir uma carinhosa saudação, na sequência do diálogo, utiliza-se do ato de fala exercitivo **“os professores decidiram por sua aprovação conferindo-lhe nota 7,0 (sete) como média final na disciplina de Língua Portuguesa.”** tal como postula Austin (1990, p. 126) “para tomar uma decisão a favor ou contra um determinado curso da ação, ou advogá-la.” Além disso, pragmaticamente os professores exercem a função social devida para realizar a revisão da nota e conceder a aprovação ao aluno.

A análise dos atos de fala em fórum de ambiente virtual permitiu visualizar a permuta da força ilocucionária dos atos de fala em ambientes virtuais, em que a proposição de um pedido pode ter força ilocutória de ordem, indicando assim que em ambientes virtuais há evidências de inversão de papéis sociais. Além disso, os fatores pragmáticos são fundamentais na compreensão dos atos de fala.

## Considerações finais

A pesquisa reforça a força do contexto pragmático e das condições de produção dos enunciados na interpretação/compreensão da intenção do falante ao enunciar os atos de fala, conferindo-lhes uma força ilocucionária capaz de produzir no ouvinte (o outro) diferentes efeitos de sentido. E ainda, que um pedido pode ter a força ilocucionária de uma ordem, pois o que deveria ser um pedido, foi uma ordem, não levando em conta as condições em que foi enunciado o ato de fala, não se conferindo o devido valor aos fatores pragmáticos como os papéis sociais de cada participante, em uma dada instituição, e a convenção da linguagem ao evento comunicativo.

O fato do cursista, do recorte de nº 1, ter enunciado o ato de fala com a força ilocucional de uma ordem, quando deveria ter a força ilocucional de um pedido evidencia o caráter dialógico dos atos de fala, pois o falante, na condição de cursista, toma a posição de ordenador e não de solicitante, quebrando as convenções da linguagem e da pragmática. Tal atitude do falante, segundo Austin e Searle, confere condições de infelicidade ao ato de fala pelo falante não respeitar as convenções da linguagem em um dado evento comunicativo.

A pesquisa também mostrou que o enunciado linguístico não da conta da significação dos atos de fala, pois os falantes dependem de fatores extralinguísticos para compreender os objetivos e as intenções comunicativas de quem enuncia um ato de fala.

## Referências

- ARAÚJO, I. L. *Por uma concepção semântico-pragmática da linguagem*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 5, n. 8, março de 2007. Disponível em [HTTP://www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br), consultado em 25/08/2016.
- ARMENGAUD, Françoise. *A Pragmática*. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- AUSTIN, J. *Quando dizer é fazer*. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre, Artes médicas, 1990.
- GUTIERRES, A. *Relevância da Pragmática e da Teoria dos Atos de Fala para o Ensino de Inglês como Língua Estrangeira: tratamento dado a greetings in materiais didáticos*. The Specialist (PUCSP) , v. 29, p. 187-209, 2008.
- MARCONDES, D. Desenvolvidos recentes na teoria dos atos de fala. O que nos faz pensar: *Revista do Departamento de Filosofia da PUC-Rio*, 17:25-39. 2003.
- SEARLE, John R. *Expressão e significado: estudos das teorias dos atos da fala*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

## **ANÁLISE ESTILÍSTICA DA MÚSICA “EU QUERIA MUDAR” DO GRUPO *RAPPER* PACIFICADORES<sup>1</sup>**

**JOSÉ JUVÊNCIO NETO DE SOUZA (UERN)**  
**MARIA GISLAYNE VIEIRA FIDELES (UERN)**

### **Introdução**

A Estilística está estritamente ligado ao estilo. Sabendo disso, partimos do pressuposto de que é possível desvendar inúmeros sentidos por meio da expressividade contida em vários textos, sejam eles falados ou escritos. Deste modo, percorremos pelo viés do estilo e suas expressividades dentro da música “Eu queria mudar” do grupo *Rapper* Pacificadores, na tentativa de perceber e analisar os aspectos marcantes da Estilística que contribuem para a construção dos sentidos acerca do texto trabalhado.

Nesta perspectiva, este trabalho tem como objetivo primordial explicar as funções da Estilística, bem como o poder que ela exerce dentro da composição musical de uma melodia. Para tanto, buscamos analisar o estilo da canção através do contexto social e econômico presente na organização da letra da música.

Desta maneira procuramos também, identificar as técnicas pessoais, individuais e sociais utilizadas pelo compositor para expressar o sentimento de revolta frente ao sistema social, político e econômico em que vivem a maioria dos cidadãos brasileiros, fadados unicamente a sobreviver do crime. Vale ressaltar ainda a mensagem passada aos jovens sobre o que pode/deve acontecer com a maioria daqueles que escolhem e/ou são empurrados para o mundo do crime, das drogas e marginalização.

---

1. Trabalho produzido na disciplina de Estilística da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, ministrada pela profa. Dra. Rosângela Maria Bessa Vidal.

Ademais, este artigo é composto da seguinte forma: inicialmente, a introdução na qual expomos o tema por nós abordado e que será debatido ao longo do trabalho, em seguida a fundamentação teórica, constituída de argumentos e conceitos que embasam nossa pesquisa, por conseguinte a análise dos dados, que concerne a exposição e análise, propriamente dita, do nosso *corpus* e por fim, a nossa conclusão, onde serão expostos os resultados alcançados, ressaltando a relevância do assunto aqui tratado, bem como suas contribuições para pesquisas futuras acerca do mesmo tema.

## Fundamentação teórica

A Estilística, como o próprio nome já indica, é uma disciplina que preocupa-se com o estudo dos fenômenos da linguagem, tendo como objeto o estilo. Estando altamente relacionada com a expressividade da linguagem, a estilística auxilia na compreensão dos efeitos emotivos contidos em nossos discursos falados e/ou escritos.

Desta maneira, é de grande valia considerar que o estilo pode ser designado como o próprio modo de escrever, porém este não pode ser considerado um conceito único e absoluto, haja vista a existência de outros estudos aos quais entendem outros significados para este termo. Nas palavras de Georges Mounin (1970, p. 158-159 *apud* Martins 2008, p. 03) o estilo “É um fenômeno humano de grande complexidade. É a resultante linguística de uma conjunção de fatores múltiplos”. Estes fatores implicam a construção estrutural e semântica de um texto falado ou escrito.

Nesta perspectiva, os estudos estilísticos voltados para a expressividade da nossa língua nos permite compreender que um mesmo discurso pode conter dados expressivos distintos, quando propagados de modos diferentes. Isso nos desperta a atenção para a função do uso da língua, que segundo Martins (2008, p. 05) “é a representação mental da realidade, mas seu sistema é alterado pelos falantes com o fim de exprimir emoções e de influir sobre as pessoas”. Deste modo, melhor compreendemos que nós, falantes, inferimos na nossa língua uma carga emotiva, o que pode, a partir disso, possibilitar diversas compreensões acerca daquilo que proferimos.

Assim, pensando nessa variação de estilo, inevitavelmente pensamos em outra disciplina que também se dedica ao estudo das variações da língua, a Sociolinguística, sendo a Estilística uma parte dessa primeira. Desta maneira, existe de certo modo, uma proximidade nos estudos da sociolinguística e da Estilística, isto por que ambas tratam a língua em uso, levando em consideração a sua efetivação diante de situações as quais somos expostos. Vejamos o que diz David Crystal e Derek Davy (1969 *apud* Martins 2008, p. 06) sobre esta parceria entre as disciplinas supracitadas e seus pontos em comum:

A linguística é a disciplina acadêmica que estuda cientificamente a linguagem, e a Estilística é uma parte dessa disciplina que estuda certos aspectos da variação linguística. A língua não é um todo homogêneo, pois nas diferentes situações que se nos apresentam em nossa vida social, usamos diferentes variedades de linguagem. [...] Cabe à Estilística estudar as variedades, quer da língua falada, quer da língua escrita, adequadas às diferentes situações e próprias de diferentes classes sociais.

Com isso, percebemos que o modo como falamos com um bebê, ou com um adulto em situação de formalidade ou com um amigo em um contexto de informalidade, uma carta que escrevemos ao namorado ou uma carta para o nosso chefe, exigem formas variadas de expressar as informações, então, cada exemplo citado, contém em si uma carga de expressividade e de emoção, o que atribui um estilo distinto a cada modo de falar ou escrever.

Neste sentido, sabendo da expressividade contida na língua, vale salientar que cada língua possui sua expressividade, bem como seus recursos expressivos. Quanto aos recursos expressivos, Monteiro (1991, p. 44)

Os recursos expressivos são pois, extremamente variáveis e caracterizam a feição de cada língua. Existem as que ostentam grande riqueza no léxico, as que ensejam maior clareza pelo elevado grau de redundância, as que agradam pela sonoridade e as que singularizam pelo ritmo ou cadência melódica.

Diante disso, percebemos a riqueza de expressividade da língua, o que nos faz entender que a língua não é formada somente por uma estrutura, por um sistema. A língua também se constitui pelo seu uso. É necessário compreender essa dualidade presente na língua, de um lado a gramática e do outro a sua prática, este lado pragmático da língua a faz absorver em si variações, expressividades, emoções e sentimentos.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Charles Bally (*apud* Martins 2008, p. 03), em seus estudos “volta-se para os aspectos afetivos da língua falada, da língua a serviço da vida humana, língua vida, espontânea, ao mesmo tempo gramaticalizada, lexicalizada, e possuidora de um sistema expressivo cuja descrição deve ser a tarefa da Estilística”. Para tanto, Bally condena ainda, o ensino da língua voltado apenas para a visão da gramática, impossibilitando assim o estudo de outros aspectos fundamentais para o funcionamento da língua.

Portanto, o trabalho da Estilística visa primordialmente o estudo e a compreensão dos sentimentos e afetividades expressos em textos falados e/ou escritos. O que nos permite perceber e entender os reais significados contidos nas entrelinhas da língua dentro de uma realidade social.

Desta forma, buscando a concretude do nosso trabalho, buscaremos nos embasar nos estudos da Estilística Fônica, bem como da Estilística Léxica. Ambas ampliam nossa discussão acerca da compreensão da música analisada “Eu queria mudar” do grupo *Rapper* Pacificadores. Isto porque na Estilística Fônica, descobrimos que o fonema não se concentra apenas em seu conceito básico, pois este conceito transborda quando entendemos a expressividade contida nas palavras por meio de aspectos como acento, entonação, altura e ritmo que constituem a complexidade sonora da linguagem.

Por conseguinte, a Estilística Léxica nos mostra um leque de variedades de palavras e seu uso diante de realidades sociais distintas. É por meio da Estilística Léxica que compreendemos o processo de expressão das palavras em seus níveis morfológicos, semânticos e sintáticos, bem como o seu uso. Portanto, as palavras, o som, o ritmo e outros traços podem refletir e traduzir a expressividade, a emoção e o apelo contido na letra da música em análise.

## **Análise da música dentro do contexto sócioeconômico “eu queria mudar”**

A composição da música “Eu queria mudar”, traz à tona traços estilísticos que são elencados pelos fatores socioeconômicos dos que vivem nas periferias das grandes cidades brasileiras, que buscam mudar de vida, em que ganha destaque o próprio título da canção, como também os vários elementos do refrão presente na letra da música. Vejamos:

Eu queria mudar, eu queria mudar, eu queria mudar, eu queria mudar.

O meu mundo me ensinou a ser assim, fazer a correria  
os cana vim atrás de mim

Aprendi a ser esperto aprendi a meter fita, no meio  
da malandragem solto fumaça.

Cresci numa quebrada onde não pode dar mole, onde  
amigo e confiança com certeza não há!

Eu queria mudar, eu queria mudar, eu queria mudar, eu queria mudar.

O meu mundo me ensinou a ser assim, fazer a correria  
os cana vinha atrás de mim.

Percebemos que o estilo da música faz uma apologia ao mundo e o meio em que vivem, pessoas que não tem oportunidade quando criança de uma educação, nem instrução adequada para melhorar de vida, onde o único caminho possível é o crime e a marginalização.

No que diz respeito a aspectos estilísticos de âmbito lexical e semântico-gramaticais identificamos a presença de gírias e linguagem especializada de cidadãos que vivem do crime e aprenderam a não confiar em ninguém, assim sendo a rua é o seu lar, a noite seu lugar de trabalho, e o crime seu domínio. Todavia, vivem em uma espécie de psicose diária, onde o medo impera, assim sendo só resta sonhar, mas esse sonho de querer mudar é triturado e esmagado pelo sistema de governo do Brasil, e claro pelo caminho escolhido.

Identificamos, ainda um sentimento que garante a expressividade da linguagem manifestada na conexão entre o intelecto do estilo e a racionalidade da realidade na frase “o meu mundo mim ensinou ser assim”, “aprendi a ser esperto” e “no meio da malandragem”, nestas três passagens encontramos uma espécie de apologia aos sentimentos emotivos e expressivos dos autores da canção que vão de encontro com os estados emotivos do público alvo, ou seja os ouvintes.

O início da composição é marcado pela repetição dos vocábulos “Eu queria mudar”, que de acordo com a Estilística Léxica traz em si o uso da paráfrase para dar continuidade e expressividade particulares aos elementos estilísticos. Os traços fonológicos alcançados pela repetição dessas palavras objetivam mostrar a intensidade poética e melancólica da melodia, bem como o valor estético das sensações socioeconômicas vividas pela personagem da música que são provocadas por esses vocábulos.

Após o refrão que inicia a música encontramos a referência a infância, e o que leva o jovem ao mundo do crime. Podemos colocar em pauta um pouco a respeito da estilística literária marcada pela memória literária identificada na narração, em que consta alguns fatos da infância da personagem principal da música, bem como a estilística da língua, visto que podemos destacar uma relação informacional e comunicativa sobre a vida de um jovem que teve uma infância regada a aprender nas ruas valores contrários aos que deveria aprender na escola.

Ainda sobre o refrão supracitado, destacamos a relação de sinonímia adotada pelo autor da letra, nas escolhas lexicais das palavras “os cana”, “meter fita”, “solto fumaça” e “quebrada”, visto que estas palavras apresentam uma tonalidade afetiva no que diz respeito aos senso estilístico de integrar tais palavras na letra como uma forma de apelo terminológico do lugar onde vivem, deixando de lado palavras mais usuais da língua, haja visto que esses sinônimos são usados propositalmente para melhor compreensão e aceitação da melodia por parte dos ouvintes.

Pulei o muro da escola pra correr atrás de pipa,  
 jogar conversa fora, biloca em fica, matar gato de pedrada,  
 rasgar o lixo do vizinho.  
 é muita ocorrência pra um só menininho  
 é divertido aprontar, fazer o que é proibido, pedra

no telhado, brincadeira de bandido, espingarda de madeira, mocinho e bandido, vida loka desde cedo atrás dos inimigos, mais folgado da rua tipo mais aloprado, jeitinho de marrento carinha de folgado, odiava escola classe ou centro de ensino, da meu xumbinho da meu brinquedo de matar menino, muitas vezes minha mãe me chamou de capeta, eu sou o tipo de cara que não vive sem treta, de tanto de escutar o nome por ele eu atendo, na madrugada é nós na fita puro veneno. Passei infância no Cajé aprontei pra carai, na fuga da lotérica a casa sempre cai, se acostumar com as torturas é sempre difícil, trabalho exige muito roubar é meu vício, na minha casa não tem plasma, nem LCD, tem uma lan ali moscando cheia de pc.

Como já mencionado acima, essa parte da letra da música consiste em mostrar a formação de caráter do jovem ao longo de sua infância, culminando na sua iniciação ao crime como um caminho sem volta, tornando assim o crime um círculo vicioso, ou seja seu trabalho até o fim próximo.

A próxima passagem da música revela que a personagem da música é um homem negro, claro que esse homem faz referência a todos os demais que vivem nas mesmas condições e marginalizações aceitas e/ou impostas pelo sistema.

Esse mundo me ensinou a roubar, esse mundo me ensinou a matar, esse mundo me ensinou a viver de um jeito que não dá pra mudar, eu queria poder viver bem, eu queria um dia ser alguém, infelizmente o que se quer não se tem, preto rico 1 entre 100!

Esta pequena parte da música coloca em pauta que o mundo e a sociedade alteraram a personalidade da personagem, ou seja foi o meio que a transformou e a colocou no mundo do crime, vale ressaltar que a personagem queria/tinha um so-

nho de poder mudar de vida, ser respeitado. Porém o compositor da música coloca um ponto final na passagem ao destacar a realidade que nem tudo que se quer se tem, colocando ainda um tom de preconceito racial sobre o fato de um cidadão de cor negra não poder ser rico, fato considerável se levarmos em conta que uma boa parte da sociedade brasileira ainda é racista e preconceituosa.

Por fim, a música chega ao seu desfecho final com a personagem a narrar o que o crime pode fazer a uma pessoa colocando-se como exemplo próprio, e ainda destaca uma importante lição sobre o que o sistema e o meio social podem fazer a uma pessoa, não podemos deixar de mencionar que a crítica ao sistema empregado pelos governantes do país é o foco final da mensagem passada pela música.

Só sei fazer o errado eu aprendi a ser assim, quem vai por esse caminho logo encontra o fim, pobre sem profissão nada consta custa um montão, fecharam as portas pra mim roubar é minha profissão, queria até ter um carro tunado estilo sport pra conseguir um daqueles só sendo um patrão dos fortes, ou conseguir um canal numa agencia bancária ou sequestrar um playboy filho de uma mãe milionária, pensar honesto não dá nunca deu e nunca dará se quem governa o país também aprendeu a roubar, eu roubo a mão armada eles roubam no caô, me chamam de bandidão, eu chamo eles de doutor.

Os estrangeirismos são trazidos à tona nesta passagem da canção, tais como podemos perceber com a inclusão dos vocábulos “sport” e “playboy”, que fazem referência a carro de luxo e jovem com pais milionários. Assim ressaltamos, que a escolha do(s) autor(s) dessas palavras se deu pelo fato desses vocábulos soarem uma tonalidade afetiva, bem como o critério gramatical no que diz respeito a falta, ou a não escolha de um termo vernáculo, na letra da música em questão. Dessa forma, entendemos que as palavras estrangeiras auxiliam na composição da rima e no estilo da melodia.

Portanto, a composição social e econômica da música, revela um mundo em que o crime quase sempre é a única opção, ou seja o único caminho a seguir, embora quem segue esse caminho logo encontra um fim, fim este que é mortal.

Vale ressaltar que a personagem destaca que agir com honestidade não dá porque os governantes do país também roubam, só que de uma forma diferente, pois enquanto um está a abaixo o outro está acima do sistema, ou seja enquanto um é tratado como bandido perigoso, o outro é conhecido como um homem de bem e da alta sociedade, mas que também rouba, porém tem ao seu lado a proteção do sistema.

## Conclusão

Neste trabalho conseguimos explicar, através da melodia “Eu queria mudar” do grupo *Rapper* Pacificadores, os aspectos expressivos do estilo de ordem pessoal, individual e social em que o grupo está inserido, bem como mostrar como o compositor da música deixa aflorar uma mensagem para todos os jovens que vivem nas periferias em condições desfavoráveis que embora o mundo do crime seja atrativo, é também um mundo perigoso e sem volta.

A música retrata uma realidade que é consequência de diversas falhas sociais, como a discriminação devido as diferenças sociais, a falta de oportunidades para pobres, negros e moradores de áreas periféricas, bem como a falta de uma legislação justa para todos, enfim, exhibe claramente a desigualdade e a infeliz decisão da entrada no mundo obscuro da criminalidade.

Entre outros aspectos, a linguagem ganha destaque, pois é por meio dela que percebemos a verdadeira alusão ao modo como é falado nas periferias. Uma linguagem repleta de gírias que reflete a realidade socioeconômica em que muitos vivem. No decorrer da composição, o autor sempre enfatiza as causas da inserção de jovens no mundo do crime, fazendo referência, as vezes, a infância, permitindo criar uma espécie de ordem dos fatos, que nos faz entender que o processo de criminalização, começa muitas vezes ainda na infância.

Portanto, é por meio das diversas artimanhas estilísticas que o compositor da música trabalhada tenta ilustrar uma infeliz realidade, “oculta” aos olhos dos que veem, que porém ignoram sem promover medidas que favoreçam a mudança des-

sa triste realidade social. Por fim a composição da música deixa ainda, uma mensagem, um grito sufocado de alerta, desespero, angústia, esperança e acima de tudo realidade, para que o sistema social vigente e imperante no Brasil seja mudado.

## Referências

- BALLY, Charles. El lenguaje y la vida. Trad. de Amado Alonso. Buenos Aires, Ed. Losada, 1941. In: MARTINE, N. S. *Introdução à Estilística*. São Paulo: EDUGF, 2008, p. 03.
- CRYSTAL, David; DAVY, Derek. Investigating English style. Londres, Longmans, 1969. In: MARTINE, N. S. *Introdução à Estilística*. São Paulo: EDUGF, 2008, p. 06.
- MARTINS, N. S. *Introdução à Estilística*. São Paulo: EDUSP, 2008
- MONTEIRO, J. L. *A Estilística*. São Paulo: Ática, 1991.
- MOUNIN, Georges. Introdução à Linguística. Trad. de José Meireles. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1970. In: MARTINE, N. S. *Introdução à Estilística*. São Paulo: EDUGF, 2008, p. 03.
- PACIFICADORES. *Eu queria mudar*. Letra e vídeo disponível em <<http://www.vagalume.com.br/pacificadores/eu-queria-mudar.html>>. Com acesso em 02/07/2015 às 20h55min.

## APROPRIAÇÕES DAS DEFINIÇÕES DE PRAGMÁTICA EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DA ÁREA

RENATO LIRA PIMENTEL (UFPE)

### Introdução

Ao longo da história da constituição do campo de estudos da Pragmática, foram atribuídas a ela diferentes concepções/definições que emergiam de perspectivas distintas. Enfatizando aspectos diversos dos elementos constituidores do uso linguístico, essas definições parecem se diversificar apontando para uma organização desse campo de estudo que busca uma concisão em teorias e metodologias e um objeto delimitado.

Existem algumas definições importantes veiculadas e discutidas no texto de Levinson (2007). A partir dessas discussões, surgiu-nos um questionamento sobre como a definição de pragmática estaria sendo trabalhada em pesquisas que envolvem esse campo de estudo, ou seja, como os pesquisadores apresentam a definição de Pragmática que guia os seus trabalhos; já que vimos algumas maneiras diferentes de fazer isso.

Decidimos pesquisar a resposta para tal questionamento em artigos científicos na área de linguística, nos quais os objetivos tratados tivessem uma ligação direta com os aspectos discutidos em pragmática tais como atos de fala, inferência, pressuposição, implicatura. Então, selecionamos como *corpus* ampliado trinta artigos científicos publicados em anais de eventos da ABRALIN e do GELNE entre os anos de 2005 a 2015, para saber qual o tratamento dado à definição de pragmática nos últimos anos. Escolhemos esses eventos por eles serem nacionais. Selecionamos os artigos que têm a palavra “pragmática” em seus títulos ou resumos. Desses trinta artigos, a partir da leitura dos resumos e introduções, escolhemos 10 artigos para o *corpus* restrito, artigos esses que tratassem mais especificamente da definição de pragmática. Fizemos a leitura dos trabalhos do *corpus* restrito por completo, tendo

em vista que não procurávamos uma definição pronta, mas, sim, como essa definição era construída durante todo o trabalho.

Assim, neste trabalho, apresentaremos as definições de pragmática discutidas por Levinson (2007). Em seguida traremos a análise dos artigos científicos de acordo com a nossa pergunta de pesquisa, expressa anteriormente; e também traremos considerações sobre o que tem sido feito na área de Pragmática nos últimos anos.

## Sobre definições de Pragmática

Segundo Levinson (2007), o uso moderno do termo “Pragmática” pode ser atribuído ao filósofo Charles Morris (1938), que estava interessado em esboçar a forma geral de uma ciência dos signos, ou semiótica. Olhando para a semiótica, Morris constatou três ramos diferentes de investigação: “a **sintática** ou **sintaxe**, que é o estudo da relação formal dos signos entre si, a **semântica**, o estudo das ‘relações dos signos com os objetos aos quais os signos são aplicáveis’ e a **pragmática**, o estudo da ‘relação dos signos com os intérpretes’”. (LEVINSON, 2007, p. 2, grifos do autor)

A partir dessa divisão da semiótica feita por Morris, a Pragmática passou a ser usada de duas diferentes maneiras: uma muito ampliada, que abrange a Sociolinguística e que, conforme Levinson, é aceita no continente europeu; e outra na filosofia analítica, que sofreu um estreitamento a partir de Carnap.

Nesse sentido, nos usos de Morris e Carnap, podemos constatar uma ambiguidade tripla: “o termo *pragmática* foi aplicado não apenas a ramos da investigação (como na diferença entre pragmática e semântica), mas também a características da linguagem-objeto (ou linguagem sob investigação), de modo que foi possível falar da ‘partícula pragmática’ (...) e de uma ‘descrição pragmática’”. (LEVINSON, 2007, p. 3-4, grifos do autor).

Assim, a Pragmática se ocupava de aspectos da linguagem que necessitariam da referência aos usuários, de modo que houve uma restrição da amplitude do “campo de atuação” da Pragmática, que acabou sendo direcionada a pensar, sobretudo, palavras dêiticas ou indiciais. Segundo Levinson, esse uso oferece pouco aos linguistas, uma vez que toda língua possui elementos dêiticos ou indiciais.

A partir dessas considerações, para embasar o nosso trabalho, comentaremos as definições expostas por Levinson (2007).

Tabela 1: Definições de pragmática em Levinson (2007)

1	Pragmática é o estudo dos princípios que explicam por que certo conjunto de sentenças é anômalo ou não constitui enunciações possíveis.
2	Pragmática é o estudo da linguagem a partir de uma perspectiva funcional.
3	Pragmática e o estudo da preocupação com os princípios de uso linguístico.
	<b>Definições ditas potenciais</b>
4	Pragmática é o estudo das relações entre língua e contexto que são gramaticalizadas ou codificadas na estrutura de uma língua.
5	Pragmática é o estudo de todos os aspectos do significado não capturados por uma teoria semântica.
6	Pragmática é o estudo das relações entre língua e contexto que são básicas para a descrição de compreensão da linguagem.
7	Pragmática é o estudo da capacidade dos usuários da língua de emparelhar sentenças com os contextos em que elas seriam adequadas.
8	Pragmática é o estudo da dêixis, da implicatura, da presuposição, dos atos de fala e dos aspectos da estrutura discursiva.

Fonte: Compilado pelo autor a partir do texto de Levinson (2007)

Levando em consideração as três definições iniciais, é importante destacar: em relação à primeira não podemos considerar que anomalias são explicadas, mas sim pressupostas; a segunda definição deixa de distinguir a pragmática de outras teorias de perspectiva funcional, como a Psicolinguística ou a Sociolinguística, por exemplo; sobre a terceira, é importante constatar que determinadas estruturas da língua codificam características do contexto, sendo impossível traçar um limite entre o que é só estrutura e só contexto, isto é, entre gramática independente do contexto, e interpretação dependente do contexto.

Na definição enumerada por 4, a Pragmática estudaria a dêixis, os atos de pressuposição e os atos de fala. Essa definição reduz a Pragmática no sentido de não considerar fatores que não têm relação direta com a estrutura; por exemplo, as implicaturas conversacionais estariam fora do interesse da Pragmática, mas elas são um dos fenômenos focais dessa área de estudo. Levinson aponta ainda a dificuldade que surge com a mobilização dos conceitos de “gramaticalização e contexto”, ou seja, algumas outras discussões nesse sentido deveriam ser levantadas para uma melhor “harmonização” dessa definição.

A definição enumerada por 5 lida com uma dificuldade, qual seja, sobre a definição de Semântica. Se não está claro até onde a Semântica “age”, não é possível dizer, com precisão, quando a Pragmática pode começar. Nessa definição, a Pragmática é mais abrangente quando a Semântica é menos abrangente; e menos abrangente, quando essa se amplia.

De acordo com Levinson, na definição enumerada por 6, nota-se que a Pragmática se interessa pelas inferências; não diferencia semântica e pragmática no sentido de codificado e não codificado; inclui quase todos os aspectos dos estudos do uso linguístico. Esses seriam pontos bem pensados, mas também existiriam falhas: a pragmática incluirá a relação entre conhecimento linguístico e a totalidade dos conhecimentos de mundo, além de pedir uma noção mais explícita de contexto, que tem sido levado como “pressuposto”.

Nessa definição, é importante questionar o que seria a compreensão linguística. Na resposta dada por Levinson, é exposto um caminho que seria dizer que compreender uma enunciação é decodificar ou calcular o significado do que foi pretendido por determinado falante. A leitura que o autor dá a essa definição é: “Pragmática é o estudo do papel que o contexto desempenha no significado do falante (da enunciação)”, entretanto, observa que a noção de contexto signifique o que “sobra” quando os elementos semânticos são excluídos, de forma que acaba levando a um retorno à definição anterior.

Na definição de número 7, pensaríamos na Pragmática como um aspecto da competência linguística. No entanto, essa noção aproxima muito a Pragmática e a Sociolinguística, no sentido de que a Sociolinguística estuda as competências comunicativas. Dessa maneira, a “idealização” proposta pelo pesquisador Chomsky

acabaria sendo levada também à Pragmática. Além disso, deixaríamos de pensar, por exemplo, que em muitas situações de interação/comunicação os usuários não se comportam de maneira “adequada”.

No caso da definição enumerada por 8, o que vemos é uma lista enumerando os fenômenos que seriam estudados pela Pragmática. Como sabemos, toda lista corre o risco de esquecer algo importante. E, ainda que trouxesse todos os aspectos possíveis, é como se a pragmática estivesse em um limite demarcado entre a semântica e a sociolinguística.

Nesse sentido, examinamos os artigos levando em consideração esses aspectos. Como pudemos ver, algumas definições fazem parte de uma visão mais geral sobre o campo da pragmática, enquanto que outras são mais específicas. Algumas propõem aspectos mais formais da língua e outras aspectos mais funcionais (com uma maior força). Algumas apresentam diferenças, como vimos, enquanto outras se complementam. Desse modo, foi também por isso que pensamos ser interessante saber que tipo de definição os pesquisadores costumam adotar, mesmo que, talvez, não iguais as de Levinson, mas saber com quais aspectos.

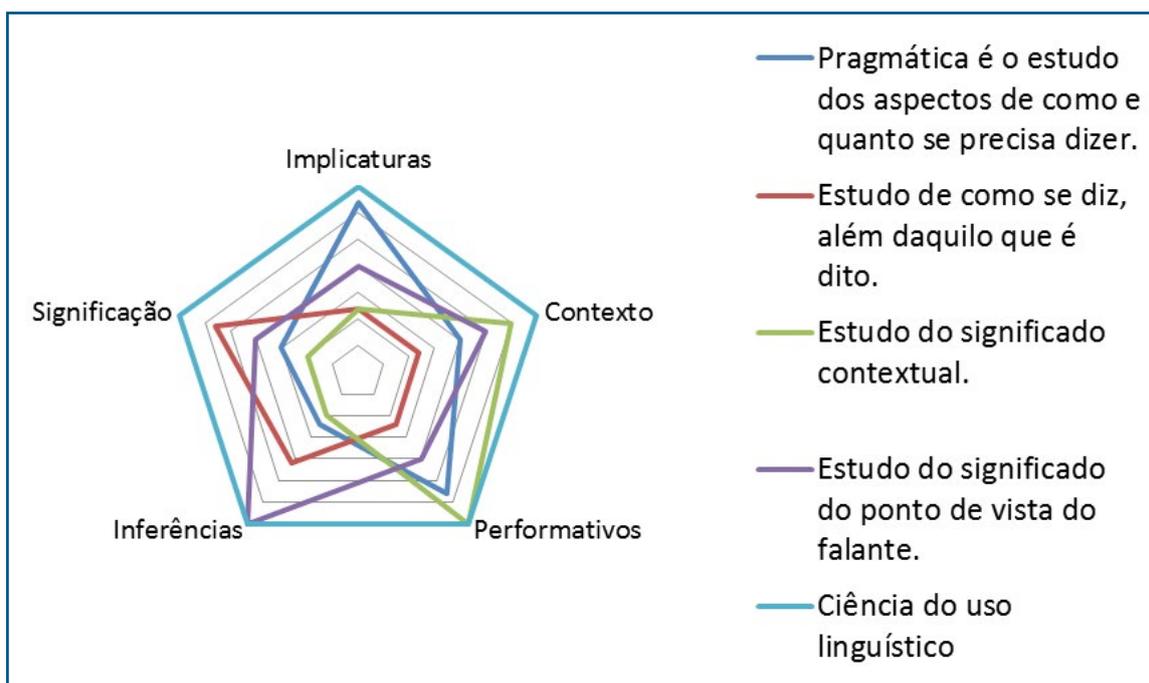
## **Análise do tratamento das definições nos artigos científicos**

De acordo com as análises que fizemos, pudemos perceber algumas definições de pragmática, como, por exemplo, “Pragmática é o estudo do significado contextual”, que dizem respeito aos mesmos aspectos trazidos por Levinson 2007, como em “Pragmática é o estudo das relações entre língua e contexto que são básicas para a descrição de compreensão da linguagem”, mas construídas com outras palavras e de maneira um pouco mais geral. A partir das definições encontradas nos artigos, construímos o gráfico abaixo levando em consideração os aspectos que mais apareciam em tais definições e as relações estabelecidas por eles.

O gráfico abaixo está estruturado da seguinte maneira: temos um pentágono que traz em suas pontas os cinco principais conceitos envolvidos nas definições de Pragmática pesquisadas nos artigos científicos. Os traços em cores informam sobre as cinco definições mais utilizadas pelos autores em seus trabalhos, definições essas trazidas de um modo mais geral. Cada uma das formas geométricas que são

criadas dentro do pentágono, a partir das cores ligadas às definições, aponta para o aspecto que mais foi tido como importante pelos autores na hora de expor a sua definição, e também têm relação com que trazem em seus trabalhos.

Gráfico 1: Relações entre as definições e os aspectos que as envolvem.



Fonte: Criado pelo autor

Todos os autores do nosso *corpus* consideram, em algum momento dos seus trabalhos, que a pragmática é a “ciência do uso linguístico”. Este aspecto, o uso linguístico, é o mais aceito, por, de certo modo, parecer ser o mais claro, até mesmo numa distinção entre semântica e pragmática. Dentre outras definições, estiveram as seguintes, como pudemos observar no gráfico:

1. Pragmática é o estudo do significado sob o ponto de vista do falante;
2. Pragmática é o estudo do significado contextual;
3. Pragmática é o estudo de como se diz, além daquilo que é dito; e
4. Pragmática é o estudo da expressão contextual, por meio da qual os falantes determinam quanto e como precisam dizer.

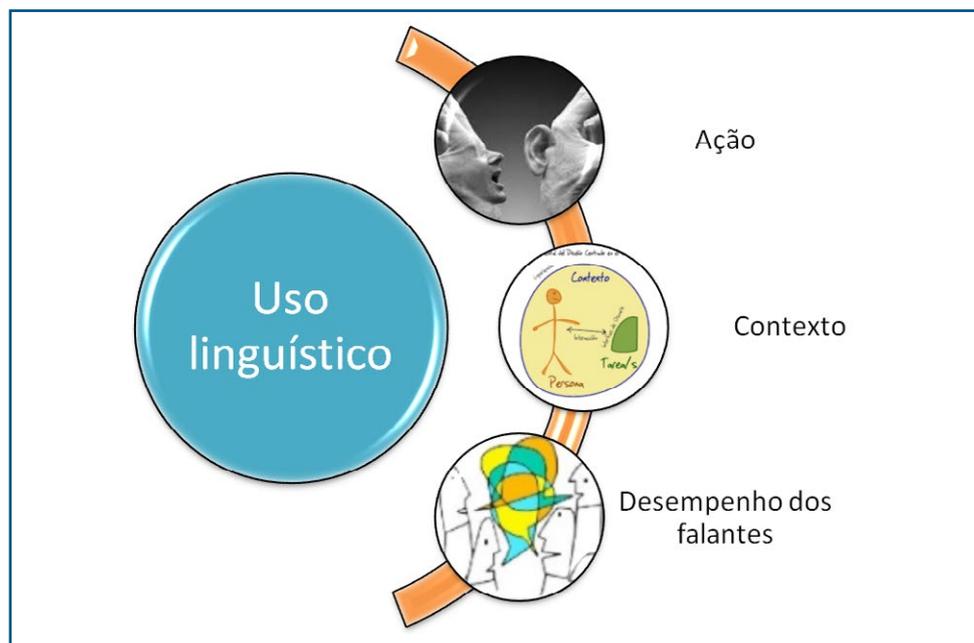
“Ciência do uso linguístico” é a expressão/definição que perpassa todas as outras, e essas outras definições se “tocam” inevitavelmente em determinados momentos, pois têm muito em comum, quer seja quando se trata de levar em consideração o contexto, ou de pensar que todas essas definições tem a finalidade de descrever o estudo do significado.

Desse modo, alguns conceitos são recorrentes não somente nas definições explícitas, como, por exemplo, “Pragmática é o estudo da significação levando em consideração o contexto”, mas também no texto como um todo. Estes conceitos são: significação, implicatura, contexto, inferência e performatividade. Temos assim, a significação sendo compreendida como o objeto de estudo da pragmática, o contexto como aspecto principal desse estudo, e a implicatura, a inferência e a performatividade como fenômenos que cabem a essa teoria das ciências da linguagem. Outros conceitos também apareceram, claro, como dêixis e pressuposição, mas os primeiros foram os mais recorrentes.

Como pudemos perceber acima, a expressão “uso linguístico” foi a mais utilizada em todos os artigos em que pesquisamos as definições de pragmática. Nesse sentido, achamos interessante pesquisar quais seriam os “conceitos” ligados ao uso linguístico, ou seja, quando se fala em uso linguístico, do que estamos falando? Pudemos constatar que, girando em torno desse conceito de “uso linguístico”, estão, principalmente, os conceitos de ação (linguagem como ação), o conceito de contexto, pois a pragmática se caracteriza como área específica por levar em consideração o contexto de uso da língua; e alguns autores também levaram em consideração o desempenho dos falantes como caracterizante no estudo do uso linguístico.

Assim, para ilustrar essas questões, construímos a figura abaixo.

Figura 1: Principais conceitos relacionados ao uso linguístico na definição de pragmática.



Fonte: Criado pelo autor

Dessa maneira, tendo a pragmática como estudo da significação por meio do uso linguístico, outros conceitos estariam circundando e dando embasamento ao pensamento em tal definição, sendo importantes de igual modo: a ação, pois estaríamos pensando na linguagem como realizadora de ações, como nos atos de fala; o contexto, pois para que se estude os usos linguísticos é essencial pensar o contexto; e o desempenho dos falantes, como eles realizam tais ações em contextos/situações específicos.

De acordo com o nosso *corpus* ampliado, podemos também fazer um comentário sobre o que vem sendo pesquisado na área de pragmática, no que se refere às pesquisas realizadas no âmbito de Pós-Graduação, tendo em vista que os artigos pesquisados são trabalhos de estudantes de Pós-Graduação. Achamos importante trazer esse comentário, de modo que a definição adotada pelos autores diz muito do que o trabalho irá discutir. Assim, podemos dizer que os pesquisadores têm se dedicado a fenômenos como as implicaturas conversacionais, os atos de fala e a dêixis. Estes fenômenos são, na maioria das vezes, analisados pelos pesquisadores em contextos de interação específicos tais como o jurídico, o virtual/digital e outros.

É interessante perceber que, quando selecionávamos o nosso *corpus*, os trabalhos de pragmática, nos anais dos eventos, dividiam espaço com trabalhos na área de semântica. Isso confirma a “aproximação” entre essas duas áreas. Nesse sentido, Foi interessante perceber também quais os fenômenos eram tratados como da Pragmática e quais eram tratados como de Semântica. Então, durante a coleta do nosso *corpus*, fomos fazendo algumas observações a esse respeito e chegamos a algumas conclusões: a implicatura conversacional e os atos de fala são sempre tratados como fenômenos da Pragmática. No entanto, a pressuposição, a dêixis e a inferência são tidas por esses pesquisadores, como tanto de uma quanto de outra área.

## Considerações finais

Depois da leitura dos artigos e de analisar o tratamento com as definições, pudemos constatar que algumas delas se assemelham, e outras são diferentes, mas, talvez, não divergentes. Podemos constatar que o que se quer, tanto no texto de Levinson quanto nas definições apresentadas nos trabalhos, é demarcar o campo da pragmática e explicar da maneira mais clara possível quais seriam os seus objetivos. Pois bem, essas definições se centram, de algum modo, em perceber a importância do contexto na construção do significado (interesse da área em todas as definições), e compartilham da definição de pragmática como “ciência do uso linguístico”.

Assim, podemos dizer que existe uma homogeneidade nas definições pesquisadas, que muitas vezes não está explícita no enunciado em si, mas que nos é dada por meio da reflexão do que cada um deles quer nos fazer entender. Esperamos que esta breve discussão, que por hora levantamos, nos ajude a entender melhor como a definição de pragmática foi construída sempre buscando não se confundir com a semântica ou com outras áreas disciplinares e esclarecer do que trata especificamente. Além disso, mostra também que os pesquisadores com que trabalhos seguem uma determinada linha de raciocínio para essa definição, e, nesse intervalo de dez anos, não constatamos nenhuma diferença tanto no que se refere à definição de Pragmática em si, quanto no que se refere aos conceitos/fenômenos que ela toma para si.

## Referências

LEVINSON, S. *Pragmática*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

## Referências dos textos analisados

CABRAL, B.; ESPINDOLA, L. *O senhor sabe do que está sendo acusado? Uma análise semântico-pragmática de interrogatórios realizados no fórum da comarca de João Pessoa – PB*. Anais da XXIV Jornada do GELNE. Natal: EDUFRN, 2012.

CARDOSO, M. C. S.; CASTRO, F. R. M.; REIS, J. C. *Análise linguística dos atos de fala em toadas de boi-bumbá*. Anais do ABRALIN em cena Amazonas. Manaus: UEA Edições, 2014.

COELHO, R. M. B.; ADELINO, F. J. S. *As implicaturas por trás das charges*. Anais da XXIV Jornada do GELNE. Natal: EDUFRN, 2012.

FABRI, Kátia M. C. *Uma visão pragmática dos conectores de contraconjunção*. Anais do IV Congresso Internacional da ABRALIN. Brasília, 2005.

FERREIRA, H. R. M.; PAES, D. A. E. R. *Os atos de fala nos textos instrucionais: uma proposta de leitura a partir da perspectiva interlocutiva*. Anais da XXV Jornada do GELNE. Natal: EDUFRN, 2014.

LEITE, Fabiana A. *O aspecto pragmático da linguagem: elemento precípua para o desenvolvimento da competência comunicativa do discente*. Anais do V Congresso Internacional da ABRALIN. Belo Horizonte, 2007.

MONTEIRO, R. C. M. *Máximas conversacionais como estratégia de defesa em interrogatório judicial*. Anais da XXV Jornada do GELNE. Natal: EDUFRN, 2014.

NETO, João A. de S. *Uma visão retórico-pragmática da tríade retórica da argumentação*. Anais do V Congresso Internacional da ABRALIN. Belo Horizonte, 2007.

PEREIRA, D. V. *Identidade feminina no discurso da presidenta Dilma Roussef: análise pragmática do ethos*. Anais da XXIV Jornada do GELNE. Natal: EDUFRN, 2012.

SANTOS, M. L. M.; SOUZA, J. W. A.; PAIVA, F. N. *Os limites entre a semântica e a pragmática para além do contexto*. Anais da XXV Jornada do GELNE. Natal: EDUFRN, 2014.

## AS MÁXIMAS CONVERSACIONAIS DE GRICE EM CONVERSÇÕES DE SUJEITOS AFÁSICOS

**PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> CHIRLENE SANTOS DA CUNHA MOURA (UNIPÊ)**

### Introdução

A capacidade que o ser humano tem para se comunicar associada ao uso que faz da língua, além de fazê-lo distinto dos demais animais forma a sua identidade. No caso do sujeito afásico, o sobrevivente de uma lesão cerebral que apresenta uma alteração da linguagem que compromete a expressão e recepção do código simbólico da linguagem oral e/ou escrita (COUDRY, 1988), são verificados impactos na identidade, na afetividade e no papel social do sujeito, impactos estes que irão, em determinada proporção, afetar a qualidade de vida da pessoa acometida pela afasia (MORATO, 2010).

Dentre os estudos que se voltam para a aplicabilidade de teorias e se compromete em considerar o contexto social, encontra-se a teoria das máximas conversacionais de Grice. O interesse de Grice (1982) é oferecer atenção às condições que regem a conversação, objeto de seu estudo. Daí, seus estudos voltados para as condições gerais que se aplicam à conversação com a criação do Princípio da Cooperação, objeto deste estudo.

Este trabalho teve como objetivo geral investigar o Princípio da Cooperação em conversações de sujeitos afásicos durante as sessões terapêuticas voltadas para o reestabelecimento da linguagem.

Os objetivos específicos foram identificar, na fala do afásico durante a terapia fonoaudiológica, as máximas conversacionais de Grice, investigar a presença das máximas conversacionais de Grice na fala do terapeuta dirigida ao sujeito afásico e investigar se os esforços cooperativos entre afásico e fonoaudiólogo contribuem para a prática clínica fonoaudiológica voltada para o trabalho com a linguagem, particularmente oral do sujeito afásico. ante, contudo, serão descritos os aspectos metodológicos que nortearam a pesquisa.

## Metodologia

O estudo é do tipo bibliográfico, com método de procedimento descritivo comparativo e método de abordagem indutivo em que foram utilizados os resultados publicados de uma dissertação de mestrado sob o título “*A entoação no processo de (re) organização da linguagem: um estudo de caso em afasia*” de Moura (2012).

No estudo supracitado, a autora apresenta os resultados de uma análise a partir de atividades envolvendo o uso de variados gêneros textuais com o objetivo de investigar aspectos prosódicos na linguagem oral e escrita do sujeito afásico. As atividades constituíram as sessões terapêuticas que tinham o propósito de favorecer o desenvolvimento do aspecto expressivo e contribuir para a organização da linguagem do sujeito da pesquisa.

Dentre os dez gêneros textuais com características predominantes da modalidade oral trabalhados foram selecionados três gêneros textuais para serem discutidos neste estudo, os quais estão disponíveis na dissertação em três recortes. O critério para a seleção dos recortes investigados neste estudo foi a realização individual da atividade na presença da terapeuta (fonoaudióloga), pois, em seu estudo, Moura (2012) também analisou a fala do sujeito durante interações com familiares, com a cuidadora e em participação no grupo de convivência de afásicos com outros afásicos e monitores.

Logo, são três os recortes de dados da fala, transcritos e analisados, disponíveis nos resultados e discussões da dissertação de Moura (2012), que constituem o *corpus* analisado neste estudo. Na perspectiva de identificar estratégias que envolvessem superações de dificuldades comunicativas foi pesquisada a presença do Princípio da Cooperação em conversações de sujeitos afásicos, por meio da investigação das máximas conversacionais de modo (GRICE, 1982), nos recortes resultantes de sessões terapêuticas caracterizadas por diálogos entre afásico e fonoaudióloga. Assim, este estudo não se baseia em parâmetros estáticos, mas atenta para o contexto dinâmico do uso linguístico por meio da conversação.

Para a apresentação deste trabalho, os recortes disponíveis na dissertação de Moura (2012), sob a forma de transcrição impressionística da perspectiva prosódica, foram fragmentados. Os diálogos sofreram adequação das transcrições, sem desconsiderar os dados prosódicos que caracterizaram as pontuações, resguardando-se da notação original.

Sobre as questões éticas, é importante afirmar que, por se tratar de uma pesquisa com *corpus* levantado a partir de um material já divulgado e de domínio público, o que configura esta pesquisa como bibliográfica, não houve necessidade de submissão para apreciação em comitê de ética em pesquisa com seres humanos.

## **As máximas conversacionais de modo nas interações entre afásico e fonoaudióloga**

As conversações não são um aglomerado de sentenças desconectadas, elas são esforços que falantes fazem em cooperar mutuamente entre si e com um propósito comum (GRICE, 1982). Os esforços em comunicar durante uma conversação deram origem ao chamado Princípio da Cooperação (ALDRIGUE E LEITE, 2010).

O Princípio da Cooperação divide-se nas categorias de Quantidade, Qualidade, Relação e Modo, sendo esta última a categoria investigada neste estudo. Cada uma dessas subdivide-se em certas máximas e submáximas, as quais serão descritas conforme Grice (1982, p. 86-88).

1. Categoria de quantidade: refere-se à quantidade de informação a ser transmitida. Apóia-se nas seguintes máximas:
  2. “Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido.
  3. Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.”
4. Categoria de qualidade: está relacionada à verdade da informação a ser transmitida. As máximas são:
  5. “Não diga o que acredita ser falso.
  6. Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada.”
7. Categoria da Relação: é composta por apenas uma máxima, a saber, “Seja relevante”.
8. Categoria de modo: está relacionada ao modo como a informação é transmitida, sua máxima é “seja claro” e as submáximas são:
  9. “Evite obscuridade de expressão.
  10. Evite ambiguidade.
  11. Seja breve.
  12. Seja ordenado.”

Essas máximas apontam o caminho que os falantes têm de percorrer a fim de cooperar o máximo possível para que a conversação seja eficiente (LEVINSON, 2007). Todas as máximas descritas são importantes para que haja cooperação entre falantes de uma conversação, entretanto, dentre estas máximas há aquelas que sua observância é mais importante que a observância de outras. Grice (1982) exemplifica isto ao afirmar que em função de não falar algo que acredita ser falso, em outras palavras, falar a verdade, a pessoa acaba sendo prolixa. Assim, um participante de um diálogo pode deixar de cumprir uma máxima, sem, contudo, infringir o Princípio da Cooperação, isso justificado pelas implicaturas conversacionais.

Existem implicaturas que são geradas quando o falante infringe as máximas conversacionais e outras implicaturas tem origem a partir da suposição de que o falante está observando as máximas.

A seguir são apresentadas as máximas conversacionais de modo, de Grice (1982) investigadas nos enunciados do sujeito afásico com a terapeuta. Para a melhor compreensão da apresentação dos fragmentos, os informantes são apresentados como S (sujeito afásico) e T (fonoaudióloga), cada diálogo a ser discutido recebe uma numeração entre [colchetes], de acordo com a ordem que aparecem no texto, além de preservar a numeração do fragmento de fala do texto original entre (parênteses). Antes de dispor, no texto, os fragmentos de achados de máximas conversacionais de modo nos recortes investigados, há uma descrição do contexto que gerou o diálogo apresentado, com o propósito de tornar mais claras as discussões.

### **Máxima de Modo**

A máxima de modo, como descrito, envolve quatro submáximas, as quais são: “evite obscuridade de expressão; evite ambiguidades; seja breve (evite prolixidade desnecessária) e seja ordenado” (GRICE, 1982, p. 88). Infringir qualquer uma dessas submáximas implica a quebra da máxima de modo (ALDRIGUE E LEITE, 2010). Por questões didáticas, neste estudo, o resultado da investigação de cada uma dessas submáximas será apresentado separadamente.

*“Evite obscuridade de expressão”*

Uma expressão se torna obscura quando o interlocutor, por alguma razão qualquer, não consegue perceber o sentido da mensagem a ele direcionada (WISSMANN, 2004). É importante, portanto, que emissor e receptor de uma mensagem possam ter conhecimento mútuo das expressões usadas e do assunto tratado para que a cooperação aconteça (LEVINSON, 2007).

O recorte da décima segunda transcrição de Moura (2012), foi fragmentado nos trechos [1], [2] e [3]. A proposta terapêutica embasada na atividade com o gênero textual adivinhações consistiu em serem oferecidas dicas, ora pela terapeuta ora pelo sujeito afásico, sobre uma palavra sorteada que deveria ser adivinhada pelo outro.

- [1] (103) T: É uma fruta um pouco avermelhada por fora.  
 (104) S: Vermelha? Laranja.
- [2] (105) T: Vermelha, não, vermelha. Dessa cor aqui óh (apontando), por fora.  
 (106) S: Maça.
- [3] (107) T: Acertou, óh aqui (mostrando a palavra).  
 (108) S: Foi?

O ponto obscuro na fala da fonoaudióloga em (103) é a palavra “avermelhada”. Quando a terapeuta fornece, como pista para a adivinhação, a palavra da categoria semântica das cores, abre para o sujeito afásico, um leque de possibilidades dentro dessa categoria. A informação é imprecisa porque o sujeito com desordem da linguagem, embora em alguns casos não tenha problemas com o sentido das palavras, como acontece com o sujeito investigado por Moura (2012), tem dificuldade em nomear coisas dentro de uma mesma categoria semântica (MURDOCH, 1997).

Embora a terapeuta pareça não ser colaborativa quando fala que a fruta em questão é “avermelhada”, em (105) ela fornece a pista visual associada à palavra que, oferecem a indicação de sua colaboração. A pista não verbal, reconhecida como re-

curso paralinguístico (MARCUSCHI, 2005) foi utilizada como recurso facilitador do entendimento em face da dificuldade de nomeação.

*“Evite ambiguidade”*

A atividade conversacional coletada no trabalho de Moura (2012), apresentada no trecho [4] é resultado da continuação de uma terapia fonoaudiológica com base no gênero textual conversa espontânea sobre a temática voltada para uma festa junina. Ainda com o propósito de identificar um participante da festa, que chamara bastante a atenção dos demais participantes por sua dança, o afásico persiste em descrevê-lo oferecendo pistas mais precisas até que a terapeuta possa, por meio delas, identificar o sujeito em questão.

O trecho [4] apresenta o resultado de uma conversação que não se limita ao uso oral da língua, mas que transita no campo multimodal da linguagem, em que o uso de gestos e expressões faciais contribui para a compreensão e a interação.

- [4]** (16) S: Ê...ele...parece quele...que...que num tem isso aqui (aponta para seu próprio braço)
- (17) T: Hum...ele parece que não tem o movimento do braço é? Peraí, deixa eu pensar quem é agora viu! Ele tem dificulda... ah! Eu sei quem é (sorriso), é seu f, seu f.
- (18) S: Acho que é.

A fala do sujeito afásico, em (16) é marcada pela expressão “isso aqui” associada do movimento gestual de apontar para o seu próprio braço. Na fala do afásico, a multimodalidade de recursos serve para a organização de seu discurso (MOURA, 2012). Também chamados de recursos paralinguísticos, o gesto, o olhar, etc. desempenham um papel muito importante para os falantes em geral e, principalmente, na fala do afásico, como também concluiu Marinho (2008), pois, são caracterizados por forte intencionalidade e tem o objetivo de aproximar os interlocutores.

Logo, o enunciado “isso aqui”, por si só é ambíguo, mas não falta com o Princípio da Cooperação. A ambiguidade está relacionada à falta de precisão na delimitação do sentido, o que pode provocar variadas interpretações de um mesmo

enunciado (WISSMANN, 2004), inclusive, como a inferência feita pela terapeuta em (17), de que o sujeito do qual se falava não tinha “o movimento do braço”, e não, o braço (uma inferência possível).

A cooperação está bem marcada na fala de ambos os interlocutores durante a atividade conversacional. Tanto fonoaudióloga quanto afásico parecem superar as dificuldade comunicativas próprias da desorganização da linguagem e, através de outros elementos, como o gesto, na fala do sujeito e a expressão facial, na fala da terapeuta, fazem um movimento que culmina na fala do afásico disposta em (18), em que, é perceptível que houve o entendimento entre os interlocutores e se conseguiu alcançar o objetivo da sessão terapêutica.

*“Seja breve”*

O trecho [5] é o recorte da segunda parte da atividade com o gênero textual entrevista, baseada no modelo de Jakubovicz e Cupello (2005, p. 225). Em (94), a pergunta dirigida ao afásico volta-se para sua atividade cotidiana de tomar o café da manhã. Por requerer a habilidade de nomeação, o sujeito investigado apresentou certa dificuldade em dar prosseguimento à conversação. Essa inabilidade em nomear, perceptível em (95) é comum a todos os tipos de afasia (LEAL E MARTINS, 2005).

- [5] (94) T: O que o senhor, normalmente, toma no seu café da manhã?  
 (95) S: Café, a...é...a...leite, e ba...banana com...é...Como é meu deus?  
 Como é?

Em alguns casos, na tentativa de apresentar detalhes importantes, a conversação é marcada por expressões mais complexas que geram enunciados maiores (LEVINSON, 2007). Em outros casos, a prolixidade acontece por falta de vocabulário, falta de experiência ou falta de conteúdo durante a conversação e, não, necessariamente, por intencionalidade (WISSMANN, 2004). Em (95), a quebra da submáxima “seja breve” não ocorreu por nenhuma dessas razões apresentadas. O enunciado mais extenso ocorreu pela falta de organização mental antes da fala. A organização mental da fala durante a própria fala gerou inúmeras hesitações. Esse tipo de hesitação, que em muitas ocasiões é assinalado por uma pausa preenchida, é comum

a falantes que têm dificuldade em manter o turno por serem menos fluentes (MARCUSCHI, 2006). Não autorizar que o interlocutor fale sem, antes, ter concluído o seu pensamento é uma estratégia desenvolvida pelo afásico com dificuldade de fluência para propiciar dar continuidade ao seu discurso (MOURA, 2012). Essa estratégia, se interrompida, pode levar o afásico a desorganizar o conteúdo de sua fala, assim como acontece com qualquer outro falante quando é interrompido.

Ainda outro aspecto importante a ser considerado a partir da fala do afásico em (95), é que enquanto o sujeito hesita a terapeuta não interfere, nem rouba o turno, sendo, portanto cooperativa. Os esforços cooperativos da fonoaudióloga favorecem a atividade clínica fonoaudiológica e elevam ao máximo a oportunidade de se ter bons resultados com os trabalhos voltados para a organização da linguagem do sujeito afásico.

*“Seja ordenado”*

A quarta submáxima da máxima de modo trata da ordem cronológica dos fatos narrados ou do encadeamento das ideias (WISSMANN, 2004). No trecho [16], a fala da terapeuta é um tanto desorganizada em termos da construção frasal, como é apresentado a seguir:

- [6] (16) S: Ê...ele...parece quele...que...que num tem isso aqui (aponta para seu próprio braço)
- (17) T: Hum...ele parece que não tem o movimento do braço é? Peraí, deixa eu pensar quem é agora viu! Ele tem dificulda... ah! Eu sei quem é (sorriso), é seu f, seu f

Para Levinson (2007), a pragmática trata do significado da enunciação, sendo esta, entendida como sentenças produzidas dentro de um dado contexto. Baseado no contexto da conversação é possível perceber que a fala da terapeuta em (17) espelha a fala do afásico em (16), quando diz “ele parece que...” em lugar de “parece que ele...”. A fala desordenada do sujeito afásico é justificada pela desorganização da linguagem resultante da lesão cerebral (JAKUBOVICZ E CUPELLO, 2005). Por outro lado, a desorganização verificada no discurso da terapeuta ocorre pela mesma razão que

acontece na afasia, a falta de planejamento para a fala. O planejamento simultâneo a fala da terapeuta está bem explícito quando diz “peraí, deixa eu pensar...”.

A quebra da submáxima “seja ordenado”, contudo, não representou um problema para o entendimento da conversação. Portanto, foi observado o Princípio da Cooperação e que, este contribui para a prática clínica fonoaudiológica voltada para o trabalho com a linguagem.

## Considerações finais

Os achados revelam que o Princípio da Cooperação, que diz “faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (GRICE, 1982, p. 86), mesmo diante da quebra de máximas, foi observado em todos os três recortes investigados.

A observância ou quebra das máximas conversacionais de modo, na conversação entre o afásico e a fonoaudióloga, contribuiu para o êxito na atividade interativa com conseqüente benefício no trabalho direcionado para a organização da linguagem durante as sessões fonoterápicas.

Quanto à quebra de máximas em enunciados do sujeito afásico, ficou caracterizado que, estas, estão bem associadas às desordens na linguagem próprias da afasia. A hesitação na fala, por exemplo, é um fenômeno que ocorre quando há uma dificuldade inconsciente de seleção metafórica. Embora seja comum aos falantes em geral, os afásicos, em especial, hesitam em maior proporção por causa da necessidade de organização da linguagem para a produção oral.

Embora não seja objetivo deste estudo, foi verificado que a quebra de máximas não compromete a cooperação entre falantes, do contrário, gera a implicatura que propicia alcançar o sentido da enunciação com base no contexto.

Sugere-se, que, na clínica fonoaudiológica, o Princípio da Cooperação com suas máximas e submáximas seja mais um recurso a ser observado com o propósito de levantar mais um subsídio de apoio à prática clínica e ao processo de (re) organização da linguagem do afásico, considerando o fato de que esta teoria tem forte componente social e que as dificuldades enfrentadas pelo afásico o afetam em última instância em sua vida social.

Os resultados obtidos com esta pesquisa visam contribuir para o aprofundamento dos estudos no campo da pragmática, bem como no campo das afasias, com dados que favoreçam novas pesquisas para fonoaudiólogos, para linguistas, para pragmaticistas e para outros preocupados com a comunicação humana e com a inserção social do sujeito afásico.

## Referências

- ALDRIGUE, A. C. S.; LEITE, J. E. R. (org.). *Linguagens: usos e reflexões*. v. 6, João Pessoa: Editora da UFPB, 2010.
- COUDRY, M. I. *Diário de Narciso – Discurso e Afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- GRICE, H. P. Lógica e conversação. In DASCAL, M. (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística* (IV). Tradução de João Wanderley Geraldi. Campinas, Unicamp, 1982
- JAKUBOVICZ, Regina; CUPELLO, Regina. *Introdução à afasia: diagnóstico e terapia*. 7. ed. Rio de Janeiro: REVINTER, 2005.
- LEAL, G.; MARTINS, I. P. Avaliação da afasia pelo médico da família. *Rev. Port. Clín. Geral*, [online]. v. 21, p. 359-364, 2005.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. (trad. Luís Carlos Borges, Aníbal Mari). São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MARINHO, J. S. *Marcas de oralidade na escrita de um afásico com dificuldades expressivas*. 2008. 82 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. A oralidade no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a fala. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (Org.). *Fala e escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p 57-84.
- MARCUSCHI, L. A. Fenômenos intrínsecos da oralidade: hesitação. In: JUBRAN, C.C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006. p. 47-70.
- MORATO, E. M. As quarelas da semiologia das afasias. In: MORATO, E.M. (ORG.). *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 23-47.
- MOURA, C. S. C. *A entoação no processo de (re)organização da linguagem: um estudo de caso em afasia*. 2012. 106, [4] f. Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2012.
- MURDOCH, B. E. *Desenvolvimento da fala e distúrbios da linguagem: uma abordagem neuroanatômica e neurofisiológica*. Rio de Janeiro: editora revinter,1997.
- WISSMANN, L. D. M. As máximas conversacionais de Grice e os pen-pals. *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre: Editora UFRGS, jan./mar. 2004.

## O GÊNERO *ABSTRACT*: UMA ANÁLISE DOS MODALIZADORES DISCURSIVOS

PRISCILA EVANGELISTA MORAIS E LIMA (UFPB/ PROLING)  
GEZIEL DE BRITO LIMA (UFPB)

### Introdução

A natureza argumentativa da língua é o ponto central defendido por Ducrot e colaboradores (1988). Para esses autores não é possível desassociar língua e argumentação, isto é, haverá algum traço que marcará linguisticamente o caráter argumentativo do enunciado. Assim, é possível dizer que argumentação permeia os mais diversos gêneros discursivos. Dessa forma, considerando as múltiplas esferas de utilização da linguagem, a argumentatividade entra em cena como uma ferramenta utilizada pelo usuário da língua para transmitir suas intenções, julgamentos e posicionamentos perante aquilo que está sendo dito/escrito. De acordo com Nascimento (2012), alguns manuais de redação científica, por não conhecerem a realidade do uso da língua, fundamentam-se na visão estruturalista de linguagem. A premissa desses manuais é que os textos que circulam na academia devem ser produzidos de maneira objetiva, desconsiderando, na maioria das vezes, as marcas semântico-argumentativas que permeiam os diferentes gêneros que circundam esse universo (NASCIMENTO & LIMA, 2012).

Um dos gêneros que circula no ambiente acadêmico é o *abstract*. Este gênero consiste numa tradução de um resumo feito em língua materna para uma língua estrangeira. Uma das características apontadas por alguns manuais desse gênero é o seu aspecto formal, exigindo uma linguagem clara e objetiva.

Assim, com o intuito de verificar o funcionamento das marcas linguísticas que apresentam a presença da argumentatividade no referido gênero, o objetivo central do presente estudo é descrever as funções semântico-argumentativas dos modalizadores discursivos no gênero *abstract*, analisando os efeitos de sentido gerados

pelo uso desses itens. De maneira específica, objetivamos: 1) Descrever os modalizadores usados pelo locutor nos textos selecionados para a análise; 2) Detectar qual o tipo de modalização é o mais característico nos *abstracts* analisados, verificando o grau de envolvimento do locutor com o conteúdo do enunciado.

## Referencial teórico

O uso de diferentes elementos linguísticos nos enunciados podem revelar intenções e efeitos de sentido distintos. Tais elementos podem ser: marcadores de polifonia, operadores argumentativos, modalizadores discursivos, dentre outros. Em nosso trabalho nos deteremos na análise deste último, conforme os objetivos anteriormente citados.

De acordo com Castilho e Castilho (1993), a modalização discursiva é um fenômeno linguístico que revela um julgamento sobre o conteúdo proposicional do enunciado por parte do falante. Já Ingedore Koch (2002) assinala que a modalização é a forma de manifestação das intenções e atitudes do locutor frente a um enunciado. Segundo a autora, isso ocorre por meio de diferentes atos ilocucionários de modalização.

Para Castilho e Castilho (1993), a modalização revela um julgamento do falante em relação ao conteúdo do enunciado, isto é, esse fenômeno revela um ponto de vista em relação ao texto. Em outras palavras, é a marca de subjetividade do locutor. Os autores classificam o dado fenômeno da modalização em três tipos, a saber: a *epistêmica*, a *deôntica* e a *afetiva*. Sobre este último, Nascimento (2009) apresenta uma reformulação, passando a chamá-la de modalização avaliativa.

Levando em consideração a classificação proposta por Nascimento e Silva (2012), os elementos modalizadores passam a ser classificados como:

Quadro 1 – Tipos de Modalização

Tipo de Modalização	Subtipos	Efeito de sentido no enunciado ou enunciação
Epistêmica: expressa avaliação sobre o caráter de verdade ou conhecimento.	Asseverativa	Apresenta o conteúdo como algo certo ou verdadeiro.
	Quase-asseverativa	Apresenta o conteúdo como algo quase-certo ou verdadeiro.
	Habilitativa	Expressa a capacidade de algo ou alguém realizar o conteúdo do enunciado.
Deôntica: expressa avaliação sobre o caráter facultativo, proibitivo, volitivo ou de obrigatoriedade.	De obrigatoriedade	Apresenta o conteúdo como algo obrigatório e que precisa acontecer.
	De proibição	Expressa o conteúdo como algo proibido, que não pode acontecer.
	De possibilidade	Expressa o conteúdo como algo facultativo ou dá a permissão para que este aconteça.
	Volitiva	Expressa um desejo ou vontade de que algo ocorra.
Avaliativa: expressa avaliação ou ponto de vista		Expressa uma avaliação ou ponto de vista sobre o conteúdo, excetuando-se qualquer caráter deôntico ou epistêmico.
Delimitadora		Determina os limites sobre os quais se deve considerar o conteúdo do enunciado.

## O gênero *abstract*

Bakhtin (2000) concebe os gêneros discursivos como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2000, p. 279) e que veiculam uma intenção comunicativa. Desta feita, os gêneros textuais são produtos da atividade humana. Assim, podemos enquadrar o *abstract*, nosso objeto de investigação, na categoria gênero do discurso.

O *abstract* trata-se de uma síntese dos principais pontos de um texto maior. Sua principal característica, no contexto de nossa investigação, é de se tratar de uma versão, em língua estrangeira, de um resumo feito na língua materna de quem produziu o trabalho. Silva (2015), em sua tese sobre os operadores de contraposição no gênero resumo acadêmico, acrescenta:

Assim, entendemos que essa ação de resumir, de produzir resumos, faz parte das atividades não apenas acadêmicas, mas também cotidianas, de muitas pessoas, visto que, diariamente, estamos expostos a uma imensa quantidade de informações que, de alguma forma, precisam ser selecionadas, com o objetivo de ponderarmos apenas os dados considerados mais relevantes, que são realmente necessários, e poder expor nossos pontos de vista sobre um determinado assunto. (SILVA, 2012, p. 132).

O referido autor exemplifica sua passagem, dizendo que quando assistimos a um filme, somos capazes de, em um resumo oral de cinco minutos, sintetizar duas horas do conteúdo visto (*ibidem* 132).

Segundo Swales (2007 [1990], p. 179), o *abstract* se constitui como a única parte do trabalho acadêmico que é escrito em língua inglesa.

Dada à exposição desses conceitos e fundamentados na concepção da natureza argumentativa da língua (DUCROT, 1988), acreditamos que marcas de argumentatividade se fazem presentes no gênero em questão.

## A modalização nos *abstracts*

### Proposta metodológica

Esta pesquisa caracteriza-se pela natureza quanti-qualitativo, visto que envolve não apenas o número de ocorrências dos modalizadores, mas, principalmente, o comportamento dessas estruturas linguísticas no gênero que compõe o *corpus* de nossa investigação. Possui também um caráter descritivo e interpretativo, haja vista o fato de apresentar uma descrição do funcionamento dos elementos linguísticos aqui analisados, observando a relação entre os modalizadores e o gênero *abstract*.

A hipótese que norteia este trabalho é que a modalização delimitadora será um fenômeno recorrente nos *abstracts* analisados. Acreditamos que, dada à natureza do trabalho acadêmico, faz-se necessária a delimitação de um objeto de estudo, bem como dos aportes teóricos que estabelecerão quais os limites que se deve considerar a investigação a ser realizada.

Para a realização da análise, selecionamos 16 *abstracts* produzidos por alunos de pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba, vinculados ao PROLING (Programa de Pós-graduação em Linguística). Para a coleta desse material, utilizamos o próprio site do programa. Os *abstracts* foram agrupados em duas categorias: oito *abstracts* de dissertações e oito de teses, compreendendo o período de produção de 2009 a 2011. Analisamos esse *corpus* considerando o funcionamento dos modalizadores como estratégia argumentativa.

Na sequência, apresentaremos a análise dos dados, por meio de recortes de trechos dos *abstracts* analisados.

### **Análise dos modalizadores nos abstracts**

Nessa seção, apresentaremos a análise dos modalizadores epistêmicos, deônticos, avaliativos e delimitadores encontrados nos 16 *abstracts* investigados. Em virtude do espaço, mostraremos um trecho de cada tipo de modalização encontrado no gênero investigado. Cada trecho terá a indicação de qual *abstract* foi tirado, por exemplo, A1 significa que tal enunciado pertence ao *abstract* 1 e assim sucessivamente.

#### *Modalização Epistêmica Asseverativa*

Trecho 1

“Our analyses **confirm** our thesis...” (A6)

No trecho 1, podemos perceber que o locutor apresenta o conteúdo do enunciado como uma certeza, através do termo **confirm**. Percebe-se que ao utilizar esse modalizador, o locutor direciona a maneira como ele deseja que o interlocutor leia esse texto, ou seja, não há dúvidas de que o autor conseguiu provar a sua tese por meio das análises: já está confirmado. Podemos observar ainda, que esse modalizador faz com que o locutor se comprometa com o conteúdo dito, visto que o apresen-

ta como algo verdadeiro. Por esta razão, classificamos o termo em destaque como modalizador epistêmico asseverativo.

### *Modalização Epistêmica Quase-Asseverativa*

Trecho 2

"The functions of the pronoun *se* seem to provide evidence of linguistic processes of change..." (A6)

Podemos observar que ao utilizar o verbo **to seem** (parecer), o locutor não assume toda a responsabilidade pelo conteúdo do enunciado, a saber: "As funções do pronome fornecem evidências de processos linguísticos de mudança..." A partir do momento que o autor do texto introduz neste discurso o termo **seem** (parece), ele indica que não quer se comprometer com a veracidade da informação. Ou porque realmente não tem certeza ou apenas porque não deseja assumir a responsabilidade, por algum motivo, isto é, preferiu modalizar seu discurso. Assim, mais uma vez o locutor direciona como o seu texto deve ser lido: como algo possível ou quase-certo. Se o termo **seem** fosse retirado do trecho acima, o efeito de sentido desse enunciado seria totalmente diferente, ou seja, de engajamento e não de distanciamento, logo o grau de comprometimento do autor do texto para com o dito seria maior.

Sendo assim, **seem** funciona neste trecho como modalizador epistêmico quase-asseverativo.

### *Modalização deôntica de obrigatoriedade*

Trecho 3

"Teacher's training, thus, must start from the comprehension..." (A7)

Ao utilizar o termo **must** (deve), o locutor expressa a obrigatoriedade em relação a forma como se tem que iniciar a formação de professores. Ou seja, deve começar a partir da compreensão da complexidade das práticas de linguagem escrita. Essa obrigatoriedade recai sobre o interlocutor. Ao utilizar o termo em destaque no enunciado acima, o locutor indica que deseja que o mesmo seja lido como algo necessário. Percebe-se que esse verbo no imperativo não dá outra opção a não ser

começar a formação de professores a partir da “compreensão da complexidade das práticas de linguagem escrita ...”

Portanto, fica claro que neste contexto o termo em destaque está funcionando no texto como um modalizador deôntico de obrigatoriedade.

#### *Modalização deôntica de possibilidade*

Trecho 4

“Offering suggestions of activities in the classroom.” (A4)

No trecho acima, o locutor apresenta o conteúdo: “as atividades em sala de aula” como uma sugestão. Podemos observar que o termo em destaque não se trata nem de uma ordem nem também de um pedido do locutor. Sendo assim, essas atividades a qual o locutor se refere pode ocorrer ou não. Ele apenas sugeriu. Neste caso, o professor da sala de aula pode optar por acatar ou não as sugestões. Ou seja, é algo facultativo. Esta é uma estratégia argumentativa interessante porque o locutor lança a responsabilidade para o seu interlocutor. Se este acatar as sugestões, o mesmo está assumindo a responsabilidade. O efeito seria diferente se o locutor estivesse obrigando, por exemplo.

Por esta razão, entendemos que o locutor modaliza o seu discurso através do modalizador deôntico de possibilidade **suggestions**.

#### *Modalização deôntica volitiva*

Trecho 5

“We hope to contribute to a reflection on the theory versus practice...” (A5)

No trecho acima, o termo **hope** (esperar) está se referindo a necessidade ou a possibilidade em relação ao desejo do locutor. Percebe-se que neste contexto a expressão **we hope** (nós esperamos), implicitamente, expressa um sentimento, uma vontade, um desejo de contribuir para uma reflexão sobre a teoria versus a prática. É importante observar que estamos trabalhando com o *abstract* de uma pesquisa científica, logo quando o locutor diz “nós esperamos”, ele não está se referindo apenas ao simples fato de esperar que seu trabalho traga alguma contribuição. Dentro

dessa expressão, está o desejo que isso realmente aconteça, afinal, todo pesquisador deseja ver os frutos do seu trabalho. Por isso, entendemos que **hope**, está funcionando neste trecho como um modalizador deôntico volitivo.

### *Modalização Avaliativa*

Trecho 6

"... a type of comprehension that imposes a pedagogy of literacy" (A7)

No trecho 6, o locutor modaliza o discurso porque emite uma avaliação através da palavra **imposes** (impõe), em relação ao conteúdo da proposição. Na visão do autor o tipo de compreensão que ele menciona, impõe uma pedagogia de letramento. Percebe-se claramente, que o locutor emite um juízo de valor quando ele considera o fato citado como imposição. Ao fazer isso, além de julgar, o autor também assimila esse conteúdo e realmente compartilha dessa ideia. Por isso, ele se compromete com a mesma. Por esta razão, classificamos o termo **imposes** como um modalizador avaliativo.

### *Modalização delimitadora*

Trecho 7

"The fricatives would be prone to sustain the syllable weight, since they have more frequency in duration in their production, and as such they do not need, **in theory**, the phonetic realization of their nuclei." (A8)

No trecho acima pertencente ao *Abstract 8*, a expressão **in theory**, estabelece o limite segundo o qual esse conteúdo deve ser considerado. Ou seja, a informação de que as fricativas não precisam da realização fonética de seus núcleos deve ser considerada apenas do ponto de vista teórico. É com essa informação que o locutor se responsabiliza e faz questão de marcar isso no texto através da expressão **in theory** (em teoria). Isso significa, que pensando sob um ponto de vista prático, ele não se responsabiliza com essa informação. Por isso o autor delimita até que ponto o interlocutor pode interpretar esse trecho: apenas teoricamente. Sendo assim, **in theory**, é um exemplo de modalizador delimitador.

## Resultados e discussão

Conforme mencionamos, a presente pesquisa caracteriza-se por sua natureza quanti-qualitativa. Com o intuito de facilitar a visualização das ocorrências, criamos o quadro que se segue.

Quadro 2

Tipo de Modalização	Subtipos	Quantidade de ocorrências
Modalização Epistêmica	Asseverativa	8
	Quase-asseverativa	4
Modalização Deontica	Obrigatoriedade	2
	Proibição	---
	Possibilidade	2
	Volitiva	1
Avaliativa		22
Delimitadora		12

Analisando o quadro 2, observa-se que o tipo de modalização que apresentou a maior quantidade de ocorrências em nossa análise foi a avaliativa. Ao utilizar esse tipo de estratégia argumentativa, o locutor expressa uma opinião ou uma avaliação em relação ao conteúdo proposto. Palavras do tipo, **the main** (o principal), **the most relevant** (o mais relevante) e **fundamental** (fundamental), encontradas em nosso *corpus*, ilustram o julgamento do locutor frente ao enunciado. A partir dos resultados obtidos na análise do gênero resumo acadêmico, Nascimento e Lima (2012, p. 63) dizem que os dados indicam que a utilização de modalizadores avaliativos leva os locutores a “expressar sua subjetividade, seu posicionamento a respeito do que investigam ao mesmo tempo em que possibilitaram que os locutores indicassem aos seus prováveis interlocutores como esses deveriam ler seus textos”. Sendo assim, o locutor revela uma postura de envolvimento com o texto que produz.

Em segundo lugar, tivemos a modalização delimitadora. Nos *abstracts* analisados os itens linguísticos mais utilizados com a função de delimitar foram **point**

**of view** (ponto de vista) e **specifically** (especificamente). Dentre as características principais do gênero em questão temos a especificação de um objeto de estudo, bem como a demarcação dos pressupostos teóricos que nortearam a investigação.

Com esses resultados, notamos que nossa hipótese foi comprovada parcialmente. Acreditávamos que a modalização delimitadora seria recorrente no gênero em estudo. Conforme o quadro, vimos que ela mostrou-se bastante recorrente, no entanto, não foi a que apresentou a maior quantidade de ocorrências. Depois dos avaliativos, os delimitadores foram os que mais apareceram nos textos. É por isso que dissemos que a hipótese foi em partes confirmada.

No tocante à modalização epistêmica asseverativa, a terceira colocada no ranking de ocorrências, podemos justificar sua incidência devido ao caráter científico da pesquisa acadêmica. Verbos modalizadores do tipo **state** (afirma), **confirm** (confirma) e **assure** (assegura), encontrados em nosso *corpus*, expressam a certeza do locutor em relação ao dito, gerando um comprometimento dele com o conteúdo do enunciado. Acreditamos que, em razão da investigação científica tratar de dados (teoricamente) comprovados, ao utilizar esse tipo de estratégia, o locutor tenta convencer seu interlocutor da veracidade de seus resultados.

No que diz respeito aos modalizadores quase-asseverativos, Nascimento e Lima (2012) dizem que a presença desses itens linguísticos em resumos pode ser justificada devido algumas pesquisas ainda estarem em fase de desenvolvimento, “logo os autores ainda não chegaram os resultados finais ou ainda não podem se comprometer com a veracidade dos resultados apresentados” (*ibidem*, p. 63). Palavras do tipo **seems** (parece) e **possible** (possível), retiradas dos *abstracts* analisados, parecem indicar que o estudo ainda está em andamento.

A pouca incidência de modalização deôntica mostra que o *abstract* não possui um caráter de imposição de algo. Os termos que apareceram, apontaram para algo que o locutor tem como imprescindível que aconteça. Vale salientar que não constatamos nenhum caso de deôntico de proibição.

## Considerações finais

A partir da investigação dos *abstracts*, observamos que o locutor utiliza diferentes estratégias argumentativas para direcionar a maneira que o interlocutor deve ler o texto.

A presente investigação partiu da hipótese de que a modalização delimitadora seria um fenômeno recorrente nos *abstracts* analisados. Dada à natureza do trabalho acadêmico, esperávamos que os delimitadores fossem recorrentes no gênero em questão. Eles se mostraram bastante produtivo nos *abstracts*, mas foram os avaliativos que apresentaram uma maior quantidade de ocorrências. Vale salientar que faz-se necessária uma análise com um *corpus* maior para podermos fazer generalizações.

Nos 16 *abstracts* analisados, encontramos ao todo 51 casos de modalização. Esse número indica que a modalização é uma das estratégias argumentativas utilizadas nesse gênero, indicando o posicionamento do responsável pelo discurso em relação ao conteúdo do enunciado.

O que percebemos é que o *abstract*, assim como os demais gêneros que circulam no âmbito da academia, apesar de ter a impessoalidade como sua característica, não está isento de argumentatividade. Aliás, os modalizadores encontrados neste gênero só reforçam a ideia de que a argumentação é inerente à língua, visto que eles atuam provocando no texto os mais diversos efeitos de sentido. Portanto, é possível afirmar que o locutor deixa sua marca no texto, avaliando-o, expressando seus pontos de vista e indicando como o texto deve ser lido pelo interlocutor.

Dentre os efeitos de sentidos provocados pelos modalizadores encontrados no nosso trabalho, podemos destacar as estratégias de engajamento, de distanciamento e de persuasão. Essas estratégias são utilizadas pelo locutor de acordo com os objetivos que este pretende alcançar com seu discurso. As estratégias de engajamento podem ser observadas por meio dos epistêmicos asseverativos encontrados como **state, in fact**. As estratégias de distanciamento podem ser observadas através dos quase-asseverativos como **seem** e dos deônticos de possibilidade tais como **offering suggestions**. As estratégias de persuasão, por sua vez podem ser percebidas pelo uso dos modalizadores avaliativos como **fundamental, especially, the most important** etc.

Portanto, uma possível contribuição da presente pesquisa é mostrar ao produtor do *abstract* que de alguma forma ele vai deixar sua marca no discurso, mesmo tentando ser o mais impessoal possível. Por esta razão, faz-se necessário conhecer as características do gênero que se vai produzir, para que assim possa utilizar as estratégias argumentativas corretamente, objetivando sempre o convencimento do interlocutor. No caso do *abstract*, especificamente, percebe-se que a todo o mo-

mento, o locutor vai construindo sua argumentação, de maneira que se envolve e envolve o seu interlocutor na intenção de chamar a atenção deste último para a leitura do texto completo.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução M.E.G. Gomes. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CASTILHO, A.T.; CASTILHO, C.M.M de. **Advérbios Modalizadores**. IN: ILARI, Rodolfo (org) Gramática do Português Falado. Vol. II: Níveis de Análise Linguística. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- DUCROT, Oswald. **Polifonia y Argumentación: Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso**. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LIMA, Geziel de Brito. **O gênero requerimento: uma análise dos modalizadores discursivos**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012.
- NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do (org.). **A argumentação na redação comercial e oficial: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.
- \_\_\_\_\_. **A modalização como estratégia argumentativa: da proposição ao texto**. IN: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 4, 2009, João Pessoa. Anais... João Pessoa: Editora Ideia, 2009.p. 1369-1376.
- \_\_\_\_\_. **A modalização deontica e suas peculiaridades semântico-pragmáticas**. IN: Revista Fórum Linguístico. V.7, nº1 (30-45), jan-jun. Florianópolis, 2010.
- \_\_\_\_\_. E. P. do; & SILVA, J. M. da. **O fenômeno da modalização: estratégia semântico-argumentativa e pragmática**. IN: NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do (org.). A argumentação na redação comercial e oficial: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.
- \_\_\_\_\_. E. P. do; & LIMA, G. de B. **Os modalizadores como estratégia argumentativa no gênero resumo acadêmico**. IN: Revista Letr@ Viv@. V 11, nº 1 (55-64). João Pessoa, 2012.
- SILVA, Marcos Antônio da. **Os operadores de contraposição no gênero resumo acadêmico: perspectiva linguístico-discursiva**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2015.
- SWALES, John M. **Genre Analysis**. 13ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007 [1990].

## O PODER PERSUASIVO E A LINGUAGEM FIGURADA NA MÚSICA GOSPEL: UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-ESTILÍSTICA

JONH JEFFERSON DO NASCIMENTO ALVES<sup>1</sup> (UERN/CAMEAM)

### Introdução

Ao longo dos séculos, a questão da linguagem humana permeou o cenário científico, tanto se discutiu sobre o assunto que mecanismos mais complexos de análise da linguagem foram criados. No momento em que os homens passaram a viver em sociedade a comunicação tornou-se imperativa, isto porque somente através dela o homem consegue expressar seus desejos com real significância utilizando-se de recursos específicos. Tal artifício se deu pela evolução da arte da comunicação que hoje conta com inúmeros artefatos, dentre eles a música. Esta se apresenta em variados gêneros e contextos na intenção de agradar as mais variadas faixas etárias com letras e melodias que conseguem fomentar a ludicidade provocando, sobretudo sensações e impressões. O modo como o locutor/cantor profere as palavras ou os sons pode denunciar dentre outros, traços de personalidade atrelados ao contexto social. Evidentemente essas impressões veiculadas nas músicas são recebidas de maneiras diversas conforme o potencial de expressividade dos sons e o estado de espírito de quem as ouve. Além disso, observa-se ainda que a música tem acompanhado a história das religiões, ao longo dos tempos, exercendo as mais diferentes funções, dentre elas a sua participação no processo da conversão. Cremos que a religiosidade exerce impacto em todas as áreas da vida, por conseguinte, sustentamos que em virtude do vasto potencial da música, não podemos ser indiferentes a ela. O recurso musical vem sendo expressivamente empregado nas igrejas evangélicas que outrora tinham a pregação como principal artifício de disseminação dos textos bíblicos. Hoje,

---

1. john.jj@ig.com.br

porém, existe um grande número de pessoas se convertendo a estas igrejas pelo simples fato de se identificarem com os textos bíblicos configurados nas letras das músicas, tomando aquilo por caminho a seguir. Notamos ainda, certo “fascínio” que tornam as pessoas dependentes daquele ambiente e só nele é encontrada a paz e as respostas para as inúmeras interrogações de suas existências.

Por tudo isso, o presente artigo propõe uma análise semântico-estilística de músicas religiosas, a fim de observar como a argumentação é construída e dessa forma listar quais campos lexicais são preferencialmente utilizados para atingir o efeito desejado, e se esta escolha é feita de forma aleatória ou não. Observaremos ainda como aparecem nesses artefatos o jogo conotação/denotação além dos aspectos polissêmicos. Julgamos importante uma análise neste sentido, pois buscaremos analisar o papel da música enquanto prática e experiência na construção de uma “identidade religiosa” percebendo o que está subtendido nos textos, das letras das músicas, bem como identificarmos os processos ideológicos presentes na sociedade atual inserida nesse contexto. Além de um embasamento para estudos de compreensão futura que envolva os processos históricos pertinentes.

## Retórica e estilística

Quando observamos a relações entre retórica e estilística, não há necessidade de verificação até onde o ato de convencer constitui verdade, pois são conceitos que se enquadram em contextos muito antigos antes mesmo de ‘A Retórica’ de Aristóteles (330 a. C.) obra de grande importância para a sociedade atual no que diz respeito as questões discursivas. Tal abordagem consta de ornamentação, ênfase às palavras poéticas, detalhes artificiais com sentenças quase métricas, com o objetivo de criar uma prosa persuasiva nos discursos para elogiar ou louvar. Alguns dos diálogos de Platão condenam a retórica pela possibilidade do uso de técnicas persuasivas para fins desonestos e apresentam uma redefinição da retórica, defendendo o princípio da sabedoria e da verdade sobre a habilidade verbal.

A Retórica é a Estilística dos antigos, é uma ciência do estilo, tal como então podia conceber uma ciência. A análise que nos legou do conteúdo da expressão corresponde ao esquema da linguística moderna: língua,

pensamento, locutor. As figuras de dicção, de construção e de palavras definem a forma linguística em seu tríplice aspecto fonético, sintático e léxico; as figuras de pensamento, forma do pensamento; os gêneros, a situação e as intenções do sujeito falante, (...) de todas as disciplinas antigas é a que melhor merece o nome de ciência, pois a amplitude das observações, a sutileza da análise, a precisão das definições, o rigor das classificações constituem um estudo sistemático dos recursos da linguagem, cujo equivalente ao se encontra em qualquer dos outros conhecimentos daquela época. (GUIRARD, 1970, p.36)

A avaliação favorável de Guirard subentende a importância da contribuição estilística. Como a comunicação é o fundamento da sociedade, o uso da boa palavra passa a ser titulada como benéfica para ela, desde que essa traga consigo a sabedoria e a educação tornando-se até desejável. Na estilística, analisa-se a capacidade de provocar sugestões e emoções usando certas fórmulas e efeitos de estilo. Também tenta-se estabelecer os princípios capazes de explicar as escolhas particulares feitas por indivíduos e grupos sociais em seu uso da língua, tal como a socialização, a produção e a recepção do sentido. Definida como a disciplina que estuda os recursos afetivo-expressivos da língua (ou sistema, no sentido estruturalista de Ferdinand de Saussure).

### **A Linguagem Figurada**

Diferente da definição de língua como conceito abstrato, saussuriano, onde a língua é concretamente a capacidade que a espécie humana historicamente desenvolveu para comunicar-se por meio da fala e da escrita. A linguagem é uma habilidade específica com o uso de uma técnica corporal complexa e que pressupõe uma função simbólica. Esta função simbólica é predominantemente consciente e intencional, decorrendo daí o que se convencionou chamar-se de linguagem figurada. Esta linguagem é constituída de uma infinidade de recursos, genericamente chamados de figuras. A concepção de linguagem figurada está associada ao potencial polissêmico das palavras, bem como a questões ideológicas, ligadas ao uso do poder discursivamente observado. Persuadir, diz Citelli, (2005), “não é apenas uma questão estética. Assim, os usos das diversas figuras de retórica no discurso bíblico,

não têm como objetivo o simples embelezamento do texto. Não se trata apenas de um verniz, de um cosmético qualquer. Ao contrário da estética parnasiana do século XIX, que defendia a idéia do artesanato verbal, a associação entre persuasão e retórica tem um fundamento ideológico, e um objetivo de mudança comportamental esperado”.

Nessa perspectiva, quando o eu enunciador (ou locutor) decide pelo uso das figuras de retórica, é que elas constituem recursos importantes que integram as estratégias usadas pelo falante / escritor com a finalidade de prender a atenção do interlocutor. Essas figuras fazem parte dos argumentos articulados pelo discurso e cumprem a função de redefinir a informação. (CITELLI, 2005, pág. 21). Isto cria no interlocutor, determinados efeitos capazes de atrair a atenção, num primeiro momento, e mudar comportamentos, num instante ulterior.

## Semântica

Sabemos que a semântica é o estudo do sentido das palavras de uma língua. É uma Família de ideias, que mantem relações de sinonímia e que representam basicamente um mesmo pensamento, é a parte da gramática que estuda o sentido e a aplicação das palavras em um contexto. Ex: moradia, abrigo, casa, lar. Todas essas palavras representam a mesma ideia: lugar onde se mora. Logo, trata-se de uma família de idéias. Para Cordelia Cavalcanti (1978, p. 21), “o léxico utilizado pela linguagem natural é composto pelo vocabulário de uma determinada língua, ou seja, a relação de todas as palavras faladas por essa mesma língua, enquanto o léxico adotado pela linguagem é a relação de termos e símbolos empregados para a identificação temática nos sistemas de informação”. Conhecer o significado das palavras é importante, pois só assim o falante ou escritor será capaz de selecionar a palavra certa para construir a sua mensagem.

Para Ullmann (1964), a linguagem figurada constitui a terceira fonte profícua de polissemia nas línguas naturais. Um termo pode ser empregado com um ou mais sentidos figurados, mantendo, porém, uma estreita relação com seu significado original. Para que a nova acepção conviva com a já conhecida é imprescindível não haver confusão entre ambas. O uso figurado, juntamente com a mudança de aplicação, contribuem para o surgimento de novos sentidos. A polissemia é um fenôme-

no que está naturalmente presente em uma língua natural; não importa quantos significados tenha um dado item lexical: dada a influência do contexto, não haverá confusão entre eles, se a um certo significado for dado um determinado sentido somente numa situação precisa.

## Argumentação e sentido

A argumentação desenvolve-se em função de um destinatário, que influencia direta ou indiretamente a forma como evoluem os argumentos propostos. Argumentamos para persuadir alguém que, a princípio, não partilha os mesmos pontos de vista ou as mesmas convicções que possuímos. Fernandez (2005, p.23) afirma que “os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Dessa forma, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar sócio-ideológico daqueles que a empregam.” A propósito dessas circunscrições, observemos como Pêcheux (1997, p. 190) vê a noção de sentidos ao afirmar que “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ (...) mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas”.

Para construir o sentido do texto, em semiótica, é concebido um plano de conteúdo sob a forma de um percurso gerativo. Essa noção é essencial para a teoria semiótica e pode ser resumida de acordo com Diana Barros (2005, pág. 09) obedecendo aos seguintes critérios: a) o percurso gerativo do conteúdo vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto; b) São estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis; c) A primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima; d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito; e) o terceiro nível é o discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

De acordo com Rosário Gregolin (2004, p. 61), temos que “os sentidos nunca se dão em definitivo; existem sempre aberturas por onde é possível o movimento da contradição, do desdobramento e da polêmica”. Dessa forma podemos observar segundo os autores citados, que os sentidos se dão em diversos contextos. O caráter de incompletude destes e sua compreensão como percurso gerativo e efeitos de sentido, são aspectos importantes para refletirmos sobre as noções de linguagem e espaço.

## Música gospel

O que é a música gospel? Segundo (Hustad,1986; Oliver, 1989), é àquela através da qual as mensagens evangelísticas e a esperança em Jesus são divulgadas. Nesse contexto, Deus é percebido como o maestro do coro dos anjos, portanto todos os ritmos pertencem a Ele. Os cantores também justificam as apropriações musicais enfatizando que Martinho Lutero (fundador do protestantismo) adaptava as passagens bíblicas às canções populares. Isso pode ser visto como uma tentativa de legitimar a música que produzem. Segundo Ronald Allen e Gordon Bonor (2004), de modo geral a música é empregada na igreja como um instrumento de adoração. A palavra adoração é utilizada para “designar uma grande variedade de experiências e expressões”. No Brasil, a passagem dos gêneros musicais para o contexto religioso foi proporcionada por suas inscrições no universo musical gospel. Essa música, baseada na evangelização e na “guerra divina”, surge como um campo de significações, onde os bens de outros contextos são tomados e transformados em novos instrumentos de combate.

O “Espírito Santo de Deus tem se utilizado da música e dos hinos de louvor e adoração para unir o seu povo em todo o lugar”. E existem outros fatores que estão colaborando para a “unidade da igreja, mas a música transcende todos os demais” e por isso é que “Deus está se utilizando dos hinos de louvor para trazer a unidade entre o seu povo”. SOUZA FILHO (2000)

A música, por muito tempo, assumiu a função de auxiliadora da pregação, e nesse sentido, contribuiu para a legitimação do poder sacerdotal e para o modelo

racionalista de culto que se implantou no Brasil. Contudo, ela assumiu em tempos atuais uma função carismática, estranha à concepção racional de culto e que desestabiliza o poder da prédica institucional. O louvor carismático promovido pelo mercado gospel além de proporcionar a autonomia do agente musical, possibilitou a este o exercício da dominação carismática. Nos grandes eventos gospel - que são uma mistura de louvor e show - o agente musical detém o controle dos sentimentos do público. As bandas que fazem tais eventos são chamadas de “ministérios de adoração”.

Nesses encontros o que se observa é a culminância em uma espécie de catarse ou de êxtase espiritual, direcionada por meio da música, sob o comando do “ministro de louvor”: o público reage com choros, com euforia em excesso, com danças e gritos. As performances dos grupos são as mais diversas e podem incluir profecias e “ministração de cura”. Os ministérios de adoração podem ou não estar vinculados a igrejas específicas, mas, as apresentações são incontestavelmente interdenominacionais. A figura do ministro de louvor é reconhecida como uma pessoa especial e vocacionada por Deus. O termo mais usado para expressar o reconhecimento desse líder, como dotado de uma força sobrenatural, é “unção”. É assim que o público manifesta suas comparações entre os ministérios e seus líderes, classificando-os em mais ou menos ungidos. Em outras palavras, o grupo reconhece que o ministro de louvor é portador de uma “unção espiritual” que o diferencia dos demais: ele pode profetizar, libertar e curar durante o momento de louvor. A dominação carismática é inegável. Como toda dominação, ela é legitimada pelo grupo. A música pode ser pensada como constituindo uma espécie de discurso, sendo assim, em uma peça musical pode haver uma concatenação de unidades que podem ser “atribuídas de qualidade, ou *éthos*, isto por meio de convenção cultural (diga-se, histórica e tácita)” (PIEIDADE, 2006, p. 64). A relação entre retórica e música vai neste sentido, sendo construída. No período barroco, através das convenções expressas nos tratados mencionados, a música passou a ser estruturada, criada e embelezada como se fosse um bom discurso.

Um dos objetivos fundamentais da aplicação de princípios retóricos na música foi o de proporcionar ao discurso musical e louvor a possibilidade de despertar, mover e controlar os afetos do público, tal como os oradores faziam com o discurso falado (CANO, 2000, p.43).

Tais afetos são estados emocionais idealizados, como amor, tristeza, felicidade, dúvida, esperança, entre outros. Cristalizadas em certas figurações musicais, tais afetos habitam os cultos e shows gospel, e ganham por meio do estilo mais e mais adeptos, em sua grande maioria, jovens que buscam a solução para seus conflitos, típicos da faixa etária, e lá encontram nas letras dos hinos o consolo e a proteção de que tanto precisam, buscando a cada dia mais e mais estas sensações.

## Metodologia

O corpus deste trabalho é formado por quatro letras de músicas de denominação gospel. Para formação desse corpus, estabelecemos três pré-requisitos: a) serem as letras escritas em língua portuguesa; b) serem de autor brasileiro; e c) serem músicas de reconhecimento no meio gospel religioso e terem grande execução rádiotelevisiva. Devido a existência de inúmeras letras que preencheram os pré-requisitos acima, levamos em consideração mais dois outros itens: a1) pertencerem ao gênero louvor e adoração; e b1) inclusão apenas de música do Ministério de Louvor Diante do Trono, que tem por compositora e principal vocalista Ana Paula Valadão. Coletamos as letras de duas maneiras: pela internet e em encartes de cd's. É importante lembrar, que as músicas aqui denominadas gospel/religiosas, foram classificadas como tal em discos de coletâneas musicais que as apresentam basicamente sob um dos títulos a seguir: gospel/religiosas; religiosas; gospel; louvor e adoração. Queremos salientar que esta explanação sobre a música gospel, não visa afirmar ou negar que esse gênero musical seja belo ou se constitua em expressão artística, porque essa não é a proposta deste trabalho. Buscamos apenas, situar o nosso objeto de análise e reconhecer a sua presença no panorama musical religioso.

Analisaremos estilisticamente quatro hinos: **Águas Purificadoras** (Composição de Ana Paula Valadão Bessa – Ministério de Louvor Diante do Trono); **Nos Braços do Pai** (Composição de Ana Paula Valadão Bessa Ministério de Louvor Diante do Trono); **Há Esperança** (Composição indefinida – Ministério de Louvor Diante do Trono); **Quero Subir** (Composição de Ana Paula Valadão Bessa – Ministério de Louvor Diante do Trono).

Buscaremos entender, como a argumentação é construída nessas músicas e dessa forma listar quais campos lexicais são preferencialmente utilizados pelos compositores, membros deste ministério, para construção do sentido e o efeito desejado, observaremos se esta escolha é feita de forma aleatória ou não. Analisaremos ainda como aparecem nesses hinos o jogo Conotação/Denotação além dos aspectos de polissemia e sentido atribuído a eles.

## Análise

O foco da análise constitui-se da observação do campo léxico-semântico e dos aspectos conotação/denotação inseridos nos textos. Para (Hustad,1986; Oliver, 1989), música gospel “é àquela através da qual as *mensagens evangelísticas* e a *esperança em Jesus* são divulgadas. Nesse contexto, Deus é percebido como o maestro do coro dos anjos, portanto todos os ritmos pertencem a Ele. A primeira música a ser analisada, traz consigo um amplo leque de significações, observaremos nela como o compositor utilizou-se dos recursos conotação/denotação e quais campos lexicais foram preferencialmente utilizados, para gerar assim, o efeito de sentido. Esta música traz desde o título **“Águas Purificadoras”** uma conotação que se enquadra no foco de nossa análise, uma vez que busca atribuir a água a função de purificação do ser:

### ÁGUAS PURIFICADORAS

Existe um rio, Senhor  
 Que flui do Teu grande amor  
 Águas que correm do trono  
 Águas que curam, que limpam  
 Por onde o rio passar  
 Tudo vai transformar  
 Pois leva a vida do próprio Deus  
 E este rio está neste lugar  
*Quero beber do Teu rio, Senhor*  
*Sacia a minha sede, lava o meu interior*  
*Eu quero fluir em Tuas Águas*  
*Eu quero beber da Tua fonte*  
*Fonte de águas vivas*  
*Tú és a fonte, Senhor*  
*Tú és o rio, Senhor*  
*Tú és a fonte, Senhor*

É muito claro no texto, estilo, emoção e sentimentalidade. Ao analisarmos os aspectos conotativos e denotativos, observamos ser mais frequente a conotação, em se tratando de estilo, de emoções a serem expressas. M. Lefebve (1975, pág. 59) versa que “o termo conotação deve ser reservado aos sentidos, que existem virtualmente como resultado da experiência com o objeto representado ou das associações que nascem do uso da palavra”. Nos exemplos a seguir, veremos como as palavras estão ligadas formando um conjunto de ideias com um mesmo fim, iniciaremos pela palavra **‘rio’**, presente na primeira linha da primeira estrofe.

[1] *“Existe um **rio** senhor...que **flui** do teu grande amor”*

O termo **“rio”** aqui empregado, pode perfeitamente ser substituído por **“Palavras”** que remete-nos às **palavras** proferidas nos discursos religiosos, palavras retiradas da bíblia, dotadas de santidade, e se liga a **Flui**, para afirmar que as palavras de Deus são infinitas, nunca cessarão e estão sempre ali para saciar a sede dos que dela necessitam. Sugerimos a reconstrução desta frase da seguinte forma: *“Existem palavras do senhor, palavras de santidade, que não acabam, pois são palavras de amor”*. Esta frase possui o mesmo sentido da empregada no texto, porém utilizamos aqui o sentido denotado. Herculano de Carvalho (1973, p.168) ensina que, “enquanto a denotação corresponde ao núcleo intelectual ou conceitual do significado, a conotação é a margem volitivo e emotiva que o envolve”. Observaremos no fragmento a seguir, a presença do vocábulo **‘águas’**, muito importante nesse contexto, e intimamente ligada ao que o tema se propõe, faz-se presente na terceira linha da primeira estrofe:

[2] *“**águas** que correm do trono”*

Obedecendo ao contexto, o vocábulo **águas**, pode ser interpretado como as **palavras** que vêm em abundância diretamente de Deus pelo homem; palavras de santidade. *“Palavras que correm do trono de Deus, diretamente do céu”*. Em sentido conotativo é costumeiro associarmos no dia-a-dia, a palavra água à fala ou às palavras de alguém. Porém aqui, estas não assumem um sentido pejorativo como as do nosso cotidiano. Lyons (1979, p.454), ao referir-se às relações de sentido entre

as unidades, afirma que “o significado de termos é determinado pela posição que ocupam em seu sistema”. Podendo apresentar uma grande aproximação entre elas.

[3] “quero **beber** do teu **rio** senhor... **sacia a minha sede... lava o meu interior**”

Neste fragmento, encontramos além da continuidade da metaforização, um “eu - lírico” que se manifesta aqui, com a finalidade de expressar a necessidade do provar, do sentir os “efeitos das palavras de Deus”. Chama atenção ainda, o fato deste “eu-lirico” parecer abrir mão da subjetividade, porque sua presença não deixa marcas no texto, configurando um sujeito que se ausenta e se faz substituir pelo interlocutor. Em “*lava o meu interior*” é apresentada a intenção que o compositor traz desde o título da música, que é a purificação do espírito. Reafirmado no fragmento a seguir, onde é atribuído a Deus o papel de purificador deste ser.

[4] “tu é a **fonte** senhor”

Este fragmento, que também é a última linha da música é marcada por uma repetição proposital, fazendo com que, o que foi dito seja reafirmado “*o Senhor Deus é a fonte de tudo*”, e nele estão todas as respostas para a vida do homem. O sentido conotado de **fonte** lembra ainda as fábulas, onde uma fonte (fonte da juventude) traria aos personagens a graça da juventude e com isso a inocência e a **pureza** das crianças. Para Ullmann (1964, p.350), “quanto mais frequente é uma palavra mais sentidos é possível que tenha”. A argumentação é utilizada aqui, com o intuito de convencer o indivíduo, e muitas vezes esta persuasão se dá pelo estado de espírito do mesmo em consonância com o jogo de palavras, que o compositor utiliza em sua carga expressiva.

Sendo assim, podemos identificar que a argumentação é construída a partir um campo lexical, predominante nos cinco fragmentos supra-selecionados, bem como nas demais estrofes, o campo léxico-semântico, apresenta-se relacionado a **água**, que neste contexto é **instrumento de purificação e batismo que leva ao ser a leveza, pureza e suavidade do Espírito Santo**, além da representação da transparência e da limpidez que faz com que as palavras proferidas sejam tomadas por verdadeiras.

O marco estilístico neste campo lexical é a figura do batismo. Pelo sentido dado, o indivíduo tem suas sensações afloradas quando imagina-se curado, transformado e limpo, pelo Espírito Santo. Fernandez (2005, pág. 23) afirma que “os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Dessa forma, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam”. Os vocábulos **fluir, beber, correr, lavar, fonte** formam um campo léxico-semântico devidamente selecionado pelo compositor, exercendo assim, a função de convencer e converter o indivíduo ao espaço religioso.

A análise da segunda música “**Nos Braços do Pai**” mostra-se riquíssima de significações e através da detecção dos aspectos estilísticos vemos como o compositor utiliza com muita propriedade, a conotação, criando seu estilo, que o torna único. Segundo Maurice Lefebvre (1975, pág.59) “a conotação depende basicamente do contexto”. O título, por exemplo, sugere uma conotação de aconchego, segurança conforto, descanso dos fardos da vida, podendo significar esperança e desejo que o “eu lírico” sente de encontrar auxílio, em contraste com o sentido denotado do termo PAI (genitor, gerador) de caráter convencional e objetivo, que para Roland Barthes (1997) “é o sentido literal de uma palavra, tendo uma definição corrente como a palavra em estado de dicionário”.

#### NOS BRAÇOS DO PAI

Pai, estou aqui, olha pra mim  
 Desesperado por mais de Ti  
 A Tua presença é o meu sustento  
 A Tua palavra, meu alimento  
 Preciso ouvir a Tua Voz dizendo assim:  
 Vem filho amado  
 Vem em meus braços descansar  
 E bem seguro te conduzirei  
 Ao meu altar  
 Ali falarei contigo  
 Com Meu amor te envolverei  
 Quero olhar em teus olhos  
 Tuas feridas sararei  
 Vem filho amado  
 Vem como estás  
 Pai, meu Pai  
 Meu Papai, Abba Pai

O título NOS BRAÇOS DO PAI simboliza algo desejado pelo indivíduo, que se encontra angustiado. De certa forma, é quase perceptível uma infusão de idéias no ouvinte, uma vez que este toma para si as palavras ali cantadas. É notável tanto na primeira quanto nas demais estrofes a forma “imperativa”, indicando ordem, desejo, pedido. Como neste primeiro fragmento:

[5] “... olha para **mim**.”

O pronome “**mim**” é usado para acentuar uma distância interior, e nele, o desejo, a angústia que permeiam e habitam este ser reflexivo. A construção repetida do Verbo Imperativo ressalta no eu lírico/narrador uma carência emotiva acentuada pelo uso da resposta “**vem**” presente nas primeiras linhas da segunda estrofe e refrão, observável também no seguinte exemplo:

[6] “**Vem** filho amado...**Vem** em meus braços descansar...**Vem** como estas.”

A palavra ‘**vem**’ aqui empregada, além de compor itens referentes ao contexto da música é direcionada ao interlocutor como forma de indução e justamente por isso, é repetida várias vezes dentro e fora do texto, pois o cantor o repete sem seguir a letra musical. Na primeira estrofe e em seu primeiro verso, é presente o advérbio de lugar “**aqui**”, e na segunda estrofe também o advérbio de lugar “**ali**”, no qual o eu lírico e o espírito curador, afirmam suas presenças nesse ambiente, fazendo-se real:

[7] “Pai estou **aqui** ... **Ali** falarei contigo, com meu amor te envolverei.”

Um recurso importante a respeito deste fragmento são seus advérbios de lugar que afirmam a existência da pessoa angustiado que busca conforto, e que possivelmente será encontrado num local específico. É claro nesta análise, em se tratando de conversão, o lugar ao qual o texto se refere, é “O Templo”, “A Igreja”, espaço sagrado onde o fiel deverá se converter para poder provar das graças divinas e com isso ter suas dores abrandadas. Além dessa afirmação encontrada, referente ao local de santidade, ainda é observável palavras que expressam insistência e a busca da permanência do convertido, como trás o seguinte fragmento, fazendo referência às palavras **sustento** e **alimento**, sugerindo continuidade, fidelidade e frequência.

[8] “A tua **presença** é meu **sustento**... A tua **palavra** meu **alimento**”

Nota-se aqui, que o vocábulo “**Palavra**” na música é transformado em “**alimento**”, e a “**presença**” em “**sustento**”, que nos faz concordar com Ullmann (1964, pág. 338) onde diz que “a possibilidade de transformação metafórica é fundamental para a atividade da língua”. O confronto entre o bem e o mal aqui é muito frequente e importante para os objetivos que estes textos religiosos se propõem, ilustrando para indivíduo a importância de se despir do mal, apresentando a ele aspectos do cotidiano. É observável ainda a presença de dois campos lexicais bem distintos que marcam a existência deste confronto no texto, estes se apresentam relacionados às palavras “**conforto**” e “**angústia**”, ambas sensações humanas, opostas, inseridas cuidadosamente. A argumentação construída em torno do léxico de **angústia** ilustra para indivíduo sensações típicas do cotidiano, em **estou aqui e olha para mim** é perceptível uma carência e uma necessidade de atenção e afeto, reafirmando-se no vocábulo **desesperado**. Para o compositor, esta necessidade de atenção e afeto dá ao termo **presença**, uma relevância que se assemelha ao **sustento/alimento** fundamentais para a existência humana. Tal carência, ainda é manifestada em **preciso ouvir**, direcionando essa **angústia** para o interlocutor, que necessita desse conforto, dessa atenção bem como dessas palavras. A resposta dada traz consigo o afago e o aconchego que Deus tem para com seus filhos, perfeitamente observáveis nos vocábulos **filho amando, descansar, seguro, envolverei, feridas sararei**, deixando-o numa posição confortável diante dos benefícios das ações divinas direcionadas ele.

Nesta música é apresentado um desfecho curioso, depois da exposição da angústia do ser humano, mundano; da existência de um ser divino curador e do caminho para encontrá-lo, a igreja, outro caso nos chamou atenção, é o fato de a letra da música ser alternada entre uma voz masculina e outra feminina, ao que parece, representa a condição social de superioridade do homem, associado a Deus, e a mulher na condição de humano, pecador, inferior. Ou podemos interpretar apenas como que a salvação para todos, tanto homens quanto mulheres. Nas duas últimas frases, observa-se uma voz de criança conotando o estado do ser transformado a pureza e a inocência das crianças. O vocábulo “**papai**” é que marca esta observação, pois se trata de uma palavra tipicamente do vocabulário pueril.

[9] “pai, meu pai ... Meu **papai, abba** pai”.

Uma última observação acerca de um vocábulo neste hino analisado é a presença da palavra “**abba**”, que significa **PAI** termo frequente no contexto bíblico e muito praticado nas igrejas. Para Bréal (1992), “é comum que uma palavra seja empregada com um sentido específico por um determinado grupo social”. Sendo assim, o termo torna-se incomum não fazendo parte do vocabulário dos demais grupos.

A letra da música que analisaremos a seguir, assim como as demais, possui suas particularidades no campo semântico-estilístico, a começar pela sutileza com que é conduzida a problemática da existência humana, expressada a partir do título “**Há Esperança**”, nela é traçada uma comparação metafórica entre o ser e a natureza, representado neste contexto pela árvore, instrumento passivo e vulnerável ao meio, assim como o homem. A árvore aqui representa o homem da Igreja. Mas em outras passagens as árvores em geral representam vários aspectos da vida humana, fases da infância até a maturidade.

#### HÁ ESPERANÇA

*Há esperança para o ferido, como árvore cortado  
 marcado pela dor,  
 Ainda que na terra envelheça a raiz;  
 e no chão abandonado o seu tronco morrer;  
 Há esperança pra você;  
 Ao cheiro das águas brotará,  
 Como planta nova florescerá.  
 Seus ramos se renovarão,  
 Não cessarão os seus frutos  
 E viverá.*

A conotação apresenta-se de forma muito explícita, o homem é comparado a uma árvore. Porém, o que a árvore representa é especialmente a vida eterna, neste contexto o espírito, pois que a natureza sempre representa o plano espiritual. Assim a relação da árvore com o homem é nitidamente com seu novo nascimento. Com efeito, aqui, todas as dores e males são vistos claramente numa árvore, bem como sua regeneração. No fragmento a seguir, observamos como a construção me-

tafórica do texto se dá para levar ao interlocutor a mensagem de **reconstrução do espírito ferido pela vida mundana**:

[10] *“Há esperança para o ferido, **como** árvore cortado marcado pela dor...”*

A comparação da qual nos referimos, é expressa neste fragmento pela conjunção '**como**' ligando assim o adjetivo '**ferido**', neste caso o "**homem**" à "**árvore**", sentido conotado no texto. M. Lefebve (1975) menciona que "a conotação depende basicamente do contexto. A palavra primavera somente se associa às noções de novidade, clareza, fecundidade e pureza, quando encaradas poeticamente". Poderíamos reconstruir sem perda de significados esta frase em "*Há esperança para você, com o espírito machucado, marcado pelas dores do mundo...*". Além disso é importante ressaltar uma continuidade nas ações que são introduzidas sequencialmente no texto, que chegam assim a um fim esperado, como vemos no fragmento a seguir:

[11] *“... **ainda** que na terra envelheça a raiz e no chão abandonado o seu tronco morrer.”*

O vocábulo "**ainda**" empregado na música, assume a mesma carga expressiva gramatical de "**mesmo que**", dando a possibilidade de reconstrução da frase sem perda de significado como: "*mesmo que maltratado e ferido, quase morto, ainda há esperança*". Este exemplo, se liga ao anterior exprimindo a ideia do compositor de começo meio e fim da ação para então iniciar uma nova etapa e esta dotada de um novo sentido, um novo ciclo.

[12] *“Há **esperança** pra você.”*

A palavra **esperança**, neste exemplo remete-nos à questão de que o senhor influi em todos e dá a possibilidade e a oportunidade de regeneração, assim como em toda semente, da fruta há um esforço vital e latente nos sentidos de gerar uma árvore. Todo homem pode se tornar espiritual e celeste como árvores frutíferas.

[13] “Ao cheiro das **águas** brotará, como planta nova **florescerá**, seus **ramos** se **renovarão**, não cessarão os seus **frutos** e viverá.”

Na própria expressão comum, se diz que algo é frutífero quando se mostra útil para o bem geral. A floração e a frutificação de uma árvore representam o renascimento do homem, e obedecem a alguns ciclos vistos na letra da música: quando as folhas se tornam verdes (**ramos se renovarão**), é seu primeiro estado; a floração (**florescerá**), o segundo, e a frutificação (**não cessarão os seus frutos**), o terceiro, que é o próprio estado regenerado. O sentido denotado de águas aqui são as palavras de Deus que alimentam a boa árvore, pois as verdades naturais são representadas pela água. É a água que dá umidade ao solo, de onde a planta tira sua seiva. O homem que segue a palavra de Deus, tira daí as verdades e os bons nutrientes para seu espírito. As verdades da Palavra são tão necessárias para o espírito quanto a umidade é para a seiva. Note-se que o pronome presente no texto é o “**Você**”: “*Há esperança pra **você***”. É claro neste exemplo, que o autor, novamente estabelece uma interlocução com o receptor, que perde sua virtualidade para adquirir textualidade, ou seja, para presentificar-se no texto como instância poético-ficcional. Decorre desse procedimento o curioso efeito discursivo, em que o eu - lírico parece abrir mão da subjetividade, porque sua presença não deixa marcas no texto, configurando um sujeito que se ausenta e se faz substituir pelo interlocutor. Resultando que a imagem do emissor se configura como a de um espectador, detentor de uma visão panorâmica dessa realidade, porém não está inserido nela. A voz que se manifesta no texto, é a do ser inconformado com a realidade que presencia e que atribui a si o papel de porta-voz da lucidez ausente nessa sociedade que não escuta seu brado, mas mesmo assim, “**há esperança**”.

A última música analisada mostra uma subjetividade no campo estilístico, vemos que no título “**Quero Subir**”, é intrínseca a ideia de crescimento pessoal e espiritual, busca de santidade e purificação, bem frequentes nas demais músicas analisadas até aqui. Segundo Allen e Bonor (2004), “de modo geral a música é empregada na igreja como um instrumento de adoração”. A palavra *adoração* é utilizada para “designar uma grande variedade de experiências e expressões”. Os aspectos desse hino se mostram peculiares, próprios do tema ao qual o autor escolheu para seus objetivos. No contexto predominantemente cristão em que nos encontramos,

um fator que certamente contribui para formar esta concepção é a existência de diversas passagens e figuras bíblicas que se referem a montanhas, como a relacionada na música a seguir.

### QUERO SUBIR

Quero subir ao monte Santo de Sião  
 E entoar um novo cântico ao meu Deus  
 Mais que palavras, minha vida eu quero entregar  
 Purifica o meu coração para entrar em Tua presença  
 Contemplar Tua grandeza  
*Te adoro, Senhor em espírito e em verdade*  
*Me prostro aos Teus pés na beleza da santidade*  
*Te dou meu louvor, que seja um cheiro suave*  
*E um som agradável a Ti, pois digno és.*

As palavras se remetem a dimensão sagrada da montanha, que antes de ser uma formação física, é um símbolo espiritual. As metáforas bíblicas remetem a isto constantemente: *“Levanto os olhos para os montes: de onde me virá o auxílio?”* (Salmos, A.T., 120:1-2). *“As alturas dos montes pertencem a Deus”* (Salmos 95:4). Como podemos perceber, o verso inicial da primeira estrofe apresenta uma conotação, mostrada no título da música, situando-a temporalmente no presente. Aqui temos um indício de que é sobre essa dimensão que se construirá todo o texto. Explorar a construção conotativa, que envolve a presença dos montes na vida humana, ao longo do tempo e dos lugares, é tarefa desafiadora em vários aspectos. Seu encanto e imponência desafiam as limitações físicas, mas instigam, sobre tudo, sua razão e sensibilidade. O primeiro fragmento desta análise exprime o desejo de purificação que segundo o autor é encontrada em um local determinado:

[14] **“Quero subir ao monte santo de sião”**

Este exemplo, mostra uma necessidade expressa na construção **‘quero subir’**, vista aqui como o desejo de crescimento e de santificação, para muitas pessoas, os montes e as montanhas despertam associações simbólicas, características sagradas e ainda são tidas como lugares especiais, com uma variada gama de valores,

que ultrapassam em muito a simples existência física, foi o que observamos no fragmento. Para muitos, os montes são “*coisas de Deus*”, neles ficamos “*mais perto o Céu*”. Em **sião** temos um termo arcaico, que se refere originalmente a Jerusalém que pela definição bíblica é a cidade de David, Cidade Santa, havendo assim o desejo de participação neste meio. Notamos, que tal necessidade se dá para expressar louvores de gratidão ao ser supremo, e para isso é necessário se desfazer de tudo que é velho, como veremos:

[15] “*Entoar um **novo cântico** ao meu Deus, mai que palavras, **minha vida quero te entregar.**”*

O emprego de ‘**novo cântico**’ exprime a busca do novo, do puro para ser ofertado e aceito, pois deixa claro que o que é velho e sujo não serve, esta purificação se deve a uma necessária preparação espiritual que o torna apto à experiência da aproximação com Deus. Denotativamente nas regiões montanhosas, o ar é considerado mais limpo, com propriedades curativas e ação purificadora, assim é conotado que deixa o ser preparado para receber a presença divina, isto se reafirma no próximo trecho.

[16] “***Purifica** o meu coração para entrar em Tua **presença**, contemplar Tua **grandeza**”*

De fato, a crença religiosa abriga com intensidade a figura do fiel, que vai para as montanhas buscar iluminação, neste caso a **presença** e a **grandeza** tão expressivas neste fragmento. A montanha ainda pode ser interpretada como a Igreja, local de santidade assumindo, o papel de caminho de estímulo espiritual, perfeitamente adequado à busca de Deus.

[17] “*...**Te dou meu louvor** que seja um **cheiro suave**, e um **som agradável** a ti, **pois digno és.**”*

A sinestesia (*cheiro suave*) sugere leveza, e uma quase imaterialidade das palavras direcionadas. Como diz CANO (2000), “Um dos objetivos fundamentais da apli-

cação de princípios retóricos na música foi o de proporcionar ao discurso musical e louvor a possibilidade de despertar, mover e controlar os afetos do público, tal como os oradores faziam com o discurso falado.”

Os campos lexicais presentes nesse texto, remete-nos à nossa **“pequenez”** diante da **“imponência”** do ser supremo, o monte aqui aparece como um altar de purificação e oferendas de dons ao Senhor. Nele é ofertada até mesmo a vida como fez Jesus em sacrifício pelos homens. O campo lexical que circunda o termo **imponência** faz referência à imponência das criações de Deus, que revela a sua grandeza e o seu poder diante dos homens. A submissão aqui não deixa dúvidas da passividade do homem enquanto criatura de Deus, restando a ele **contemplar, adorar, prostrar-se, entregar-se** e buscar a **purificação** na igreja por meio do batismo.

A metáfora e o campo léxico-semântico, de uso corrente, surge com a mesma intensidade na literatura, mas são as imagens bíblicas sobre a vida de Jesus as mais ricas em elementos simbólicos relativos à conotação das formações montanhosas deste texto: do Sermão da Montanha à crucificação no alto de uma elevação, a história dos evangelhos está repleta de menções que reforçam este simbolismo. E esta música traz consigo a encenação deste mesmo rito cristão, porém o personagem presente é o ouvinte, personagem em interlocução.

## Considerações

Nosso objetivo foi mostrar aspectos inseridos em quatro músicas religiosas, e apontar a partir da interpretação a forma como são utilizados os recursos persuasivos e os sentidos atribuídos. Para isso, escolhemos músicas do ministério de louvor Diante do Trono e buscamos mostrar academicamente a possibilidade da participação destas músicas na decisão das pessoas pela opção da conversão. A música hoje é uma importante ferramenta que fixa as verdades apresentadas na mente e no coração do ouvinte, tendo neste sentido, o importante papel de influenciar o pecador ao arrependimento.

Ao analisarmos as intenções dos compositores em relação à construção léxico-semântica e os aspectos conotação/denotação concluímos que: a) Os hinos escolhidos remetem cada um com sua especificidade, ao tema do batismo, da conversão, apesar de construções e abordagens distintas, sugerindo uma trajetória repleta de

diferentes matrizes; b) Os textos apresentam conotações criteriosamente empregadas para gerar no interlocutor o efeito da persuasão. O compositor busca em suas músicas relacionar aspectos da vida humana e da natureza conotando-os com os sofrimentos e dores do homem, fazendo-o buscar a perfeição de acordo com as leis divinas. São observáveis com muita frequência termos que remetem à natureza expressando a necessidade de pureza espiritual. Além de muitas construções que apontam a presença da água, entendido aqui como a necessidade do batismo; c) Os campos léxico-semânticos preferencialmente empregados nestas músicas relacionam-se diretamente com o cotidiano do interlocutor, mostrando campos lexicais comuns de seu vocabulário e mantendo uma relação de proximidade de sua vida com os aspectos conotados nos textos, portanto, não sendo uma escolha aleatória e sim, uma minuciosa seleção para presentificar a existência de Deus. Esses níveis de realidade são símbolos do compromisso assumido na igreja, que é o de conquistar almas.

Convém ressaltar, que desde os primórdios da criação, a Música Religiosa tem sido usada como instrumento do homem, para adorar a Deus, e hoje é magnificamente construída, obedecendo a uma criteriosa seleção de vocábulos e um astuto jogo conotativo, gerando fabulosos aspectos polissêmicos e unindo as criaturas em expressão de louvor e gratidão, tendo ainda, o poder de preparar o caminho para a mensagem, de impressionar o coração e de influenciar a tomada dessa decisão. O elemento racional que é a pregação da Palavra somada ao elemento emocional que é a música promove de modo mais eficaz a aceitação do Evangelho e o processo de conversão.

Uma das principais intenções deste trabalho foi despertar nos estudiosos da língua, amantes da leitura e áreas afins uma curiosidade peculiar que proporcione a descoberta e a observação da organização em torno do léxico dos textos, neste caso, dos textos musicalizados, dotados de carga semântica. Acreditamos na contribuição de trabalhos dessa natureza, para estudos relacionados à linguagem e sua funcionalidade bem como para quaisquer outros interessados nos processos e recursos da comunicação.

## Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**; Atica, 2005.
- BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix 1997.
- BRÉAL, M. 1992. **Ensaio de Semântica: Ciência das Significações**. Tradução de Férras, A. et al. São Paulo: Educ & Pontes.
- CANO, Rubén López. **Música y Retórica en el Barroco**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2000.
- CARVALHO, J. G. Herculano de. **Teoria da linguagem: natureza do fenômeno lingüístico e análise das línguas**. Tomo I. Coimbra: Atlântida, 1973.
- CAVALCANTI, Cordelia R. **Indexação & tesouro: metodologia e técnicas**. Brasília: Associação de Bibliotecários do Distrito Federal, 1978. 89 p. (Edição Preliminar).
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 17ª ed. São Paulo. Editora Ática, 2005.
- FERNANDEZ, C.A., **Análise do discurso: reflexões introdutórias**, Trilhas Urbanas, 2005
- FILHO, João A. de Souza. **O Louvor e a Edificação da Igreja**. 2ª edição. Belo Horizonte, MG: Editora Betânia S/C, 2000.
- GUIRARD, Pierre. **A estilística**. Trad. de Miguel Mailler. São Paulo : Mestre Jou, 1970.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso diálogos e duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004.
- HUSTAD, Donald. **Jubilate! A música na igreja**. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- LEFEBVE, Maurice Jean. **Estrutura do discurso da poesia e da narrativa**. Coimbra: Almedina, 1975.
- LYONS, John. **Introdução à Lingüística Teórica**. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Editora Nacional/Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- OLIVER, Paul. **Gospel, blues e jazz**. Porto Alegre: L e PM, 1989.
- PIEDEDE, Acácio Tadeu de Camargo. **Expressão e sentido na música brasileira: retórica e análise musical**. In: SIMPÓSIO DE PESQUISA EM MÚSICA, 3, 2006, Curitiba. *Anais do Simpósio de pesquisa em música*, 3. Curitiba: DeArtes UFPR, 2006. p. 69-74.
- RONALD Allen e Gordon Bonor, **Teologia da Adoração O verdadeiro sentido da adoração**, 1ª edição (São Paulo: Editora Vida Nova, 2004), 15.
- ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução de J. A. Osório Mateus. 5.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

## O PRIMO POBRE DO *WORD SMITH TOOLS*: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA E DE USO DO *ANTCONC*

JOSÉ JUVÊNCIO NETO DE SOUZA (UERN)  
ANTÔNIO LUCIANO PONTES (UERN)

### Intrdução

O referido trabalho trata-se de um recorte do meu trabalho de conclusão de curso (TCC), em que apresento os procedimentos metodológicos que foram adotados para a concretização de minha pesquisa de base terminológica, em que usufruímos das ferramentas do programa computacional da Linguística de *Corpus*, intitulado *Antconc* em sua versão demo número 2.3.2w, bem como apresento um panorama teórico e metodológico sobre a linguística de *Corpus*. Enquanto ciência que se ocupa de estudar a linguagem em uso por base em ferramentas de programas computacionais, a Linguística de *Corpus* apresenta-se como sendo de grande valia no que se refere a análise de vários textos de um âmbito comum e/ou principalmente técnico científico especializado de um determinado campo do saber comunicativo.

Não é de hoje que as pesquisas de âmbito linguístico estão em constante ligação com as novas tecnologias, essa união, quando aplicada aos estudos da linguagem mostra grande relevância para a área de estudo em questão, como também é muito benéfica quando se fala em levantamento de *corpus* e dados estatísticos, para análise quali-quantitativa em si tratando de investigar um determinado campo teórico com destaque para os estudos em Terminologia.

Dessa maneira, ressaltamos que o principal objetivo deste recorte monográfico é mostrar de forma metódica como funciona as ferramentas deste programa, que por sua vez apresenta de forma similar e com poucas diferenças as mesmas funções do renomado programa *Word smith Tools* (WST), desenvolvido em Liverpool na Inglaterra. A principal vantagem do *Antconc*, para quem pretende trabalhar

com levantamentos de dados para análise quali-quantitativa e percentuais estatísticos é o simples fato de este ser um programa que pode ser encontrado e baixado gratuitamente do sítio [www.laurenceanthony.net](http://www.laurenceanthony.net), sem custos adicionais após a instalação.

Neste artigo utilizamos por base os pressupostos teóricos de estudiosos que se dedicam a estudar as ciências do léxico e a linguagem em seu uso real, com base nos pressupostos da linguística de *Corpus*, tais como: Berber Sardinha (2004), Stubbs (2001), Matuda (2011), entre outros. Este trabalho se compõe de quatro capítulos nos quais são apresentadas as alternativas e escolhas para o desenvolvimento deste recorte monográfico. O primeiro capítulo é esta introdução em que apresento a base divisional deste artigo, bem como o objetivo geral para a realização deste recorte monográfico.

O segundo capítulo diz respeito a fundamentação teórica em que ganha destaque o estudos de autores que versam sobre as teorias da linguística de *Corpus*, em seguida temos o terceiro capítulo, em que apresento uma análise com base numa espécie de guia de uso do programa *Antconc* mostrando as ferramentas e como utiliza-las tomando por apoio de exemplo minha própria metodologia de pesquisa. Por fim no quarto e último capítulo, finalizo com a conclusão em que retomo o objetivo do recorte, trazendo à tona a importância não só do programa para os estudos linguísticos, como também a importância deste ser um programa gratuito e completo para o uso, que está à disposição na internet para auxiliar em pesquisas de natureza terminológica de diferentes tipos de pesquisadores.

## Fundamentação teórica

Os estudos relacionados as ciências do léxico vem ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas de âmbito linguístico, assim sendo, destacamos que quando em contato com a área da informática e pressupostos metodológicos de ferramentas computacionais da Linguística de *Corpus*, a união dessas teorias culmina de forma muito benéfica aos avanços para as pesquisas acadêmicas relacionadas a Terminologia.

A Linguística de *Corpus* é uma área do conhecimento que vem se desenvolvendo nos últimos anos, por conta da forte industrialização da informática, vale res-

saltar que já existiam, embora de maneira mais discreta trabalhos e pesquisas que versavam sobre o uso de *corpora*, todavia, com o advento do computador e de programas com ferramentas capazes de etiquetagens e análises precisas de um vasto número de textos com um imenso emaranhado de palavras foi dada uma maior visibilidade a área. Assim Berber Sardinha (2004, p. 18) aponta que a Linguística de *Corpus* é:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.

Assim, destacamos que estudar esse conjunto de dados com o advento dessa ferramenta podem nos levar a uma gama de possibilidades lexicais sobre o uso do *Corpus*. Haja vista que este programa nos proporciona uma inovação que representa a totalidade do uso do *Corpus* de um determinado âmbito técnico científico terminológico do qual o pesquisador se dispõe a analisar, e ainda sobre quais princípios gramaticais e comunicativos está associado a delimitação do tema de sua pesquisa, para que se possa chegar a obter os resultados almejados.

Quando se fala em *Corpus*, estamos falando do estudo da língua extraída do uso e em uso na sua totalidade natural do sistema linguístico de âmbito comunicativo, assim elencamos que é através de um *Corpus* que podemos encontrar e verificar os aspectos das linguagens comuns e especializadas, levando em conta ainda, o fato desses tipos de linguagens fazerem parte da língua natural, uma vez que estamos falando da língua em seu tempo real ou seja da língua em uso, independentemente de ser no texto escrito ou no discurso oral, ela se manifesta através do uso, vale ressaltar ainda que existem pesquisas com base em *corpora* textuais da Filologia que versam com *Corpus* diacrônicos.

Os parâmetros que regem a Linguística de *Corpus* podem ser definidos pelas noções chomskianas de competência e desempenho, visto que tais dicotomias estão ligadas a maneira como o falante adquire a língua, faz uso de forma comum ou

ainda no decorrer do estágio de uso avançado usa a linguagem especializada. Haja vista mencionarmos, que a Linguística de Corpus está voltada para se deter a estudar de forma empírica o comportamento da linguagem em uso. De acordo com Stubbs (2001, p. 61):

Enquanto muitos lingüistas (chomskianos) têm se ocupado do que os falantes podem dizer, a Linguística de *Corpus* também está necessariamente ocupada com o que os falantes efetivamente dizem. Mas que fique marcado o *também*. É um equívoco ver somente freqüência de ocorrências reais. Freqüência se torna interessante quando é interpretada como algo típico, e a competência comunicativa dos falantes inclui conhecimento tácito de normas de comportamento.

Essa afirmação vai de conjunto ao que chamamos na Linguística de *Corpus* de como é apresentado a freqüência de uso das palavras de um determinado contexto seja ele oral ou escrito. Assim ganha destaque não só o que os falantes dizem sobre a língua, mas também o como eles dizem, ou seja em que contexto, para quem é empregado e sobre que finalidade de linguagem, sejam elas geral e/ou especializada e que também não independe do grupo ao qual se destina essa linguagem.

Assim sendo, destacamos que os estudos que se baseiam em *Corpus* assumem natureza de base quantitativa, que por sua vez é investigada através de dados percentuais e estatísticos para finalmente voltar a natureza da linguagem e ser interpretada de forma qualitativa. Ao interpretar o pensamento de Halliday sobre as estruturas probabilísticas de freqüência de uso linguístico na gramática Matuda (2011), descreve que:

O sistema linguístico é probabilístico por natureza e que a freqüência no texto representa a probabilidade na gramática, ou seja, parte do significado de uma palavra está embutido na probabilidade com a qual ela é escolhida. Essa visão pressupõe que, embora muitas combinações e arranjos sejam gramaticalmente possíveis, não são utilizados frequentemente.

O estudo da língua por meio da linguística de *Corpus*, tomando por base banco de dados coletados de *corpora* textual, é uma alternativa para a identificação atra-

vés da etiquetagem das palavras, termos e/ou expressões que são reveladas através dos pressupostos metodológicos das ferramentas computacionais dessa nova vertente linguística.

Por fim, elencamos que a Linguística de *Corpus* embora seja baseada nos estudos metodológicos, é um importante fator de desenvolvimento e união das teorias da linguagem com o advento das novas tecnologias e ferramentas computacionais que versam sobre uma nova, instigante e promissora alternativa para o auxílio e melhoramento das pesquisas no âmbito da linguagem.

## O uso do programa *antconc* em nossa pesquisa

O *AntConc* é um programa que roda em qualquer sistema operacional tais como: *Windows*, *Macintosh OSX* e *Linux*. No nosso caso utilizamos sua versão no *Windows*, visto que é uma versão tecnologia mais usada e que mais se aproxima do âmbito social dos usuários da computação, haja vista a posição sócio econômica dos usuários. A seguir descreveremos brevemente e de forma sucinta o que são, e como funcionam as ferramentas que compõem o *AntConc* são elas: *Concordance*; *Concordance Plot*; *File View*; *Clusters*; *Collocates*; *Word List* e *Keyword List*.

A ***Concordance*** apresenta uma lista de concordância, colocados e padrões lexicais de um determinado termo (palavra) a partir dos textos que compõem o *Corpus*. A ***Concordance Plot*** é um gráfico que mostra a distribuição, no arquivo em questão, do termo que se está a pesquisar. O ***File View*** visualiza o arquivo em que se encontra os textos do *Corpus* em estudo. ***Clusters*** gera uma lista de unidades fraseológicas do termo pesquisado em ordem de frequência, alfabética, de probabilidade ou de suas terminações. O ***Collocates*** cria uma lista ordenada das palavras próximas ao termo pesquisado. O ***Word List*** gera uma lista, ou em ordem alfabética ou por frequência de ocorrência de todas as palavras que constam no *Corpus* pesquisado. Finalmente, O ***Keyword List*** gera uma lista de palavras-chave que extrai a frequência das palavras do *corpus* de estudo, comparando-o com a frequência das palavras do *corpus* de referência.

Para o desenvolvimento da nossa pesquisa utilizamos apenas as ferramentas *Word List*, *Concordance* e *Clusters*, dessa forma as demais ferramentas não foram utilizadas, visto que não trabalhamos com um *Corpus* de referência. O *Corpus* de re-

ferência é um *Corpus* à parte que se liga ao *Corpus* principal para a melhor extração das unidades fraseológicas e termos que pretendemos extrair para os resultados de uma pesquisa de base terminológica. A figura a seguir apresenta a tela inicial do *AntConc* com as ferramentas acima mencionadas.

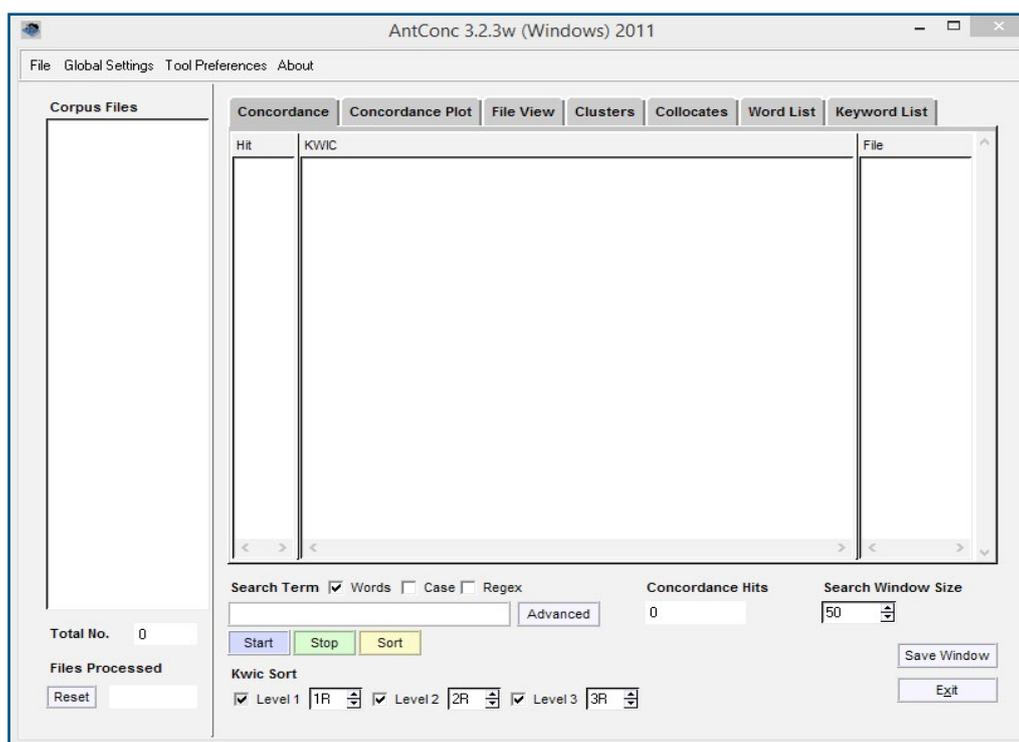


Figura 1: Tela inicial do programa AntConc.

Fonte: Laurence (2011)

O nosso *Corpus* se constituiu de 10 monografias de alunos do curso de Ciências Econômicas da universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, que foram coletadas junto ao departamento do curso de Ciências econômicas do *Campus* Avançado “Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM da cidade de Pau dos Ferros. Após a coleta dos textos iniciamos os trabalhos com a leitura, discussão e organização das monografias, eliminando as partes irrelevantes para o nosso estudo.

Tratamos da escolha e organização das monografias que formaram o respectivo *Corpus* para a análise, em seguida convertimos os textos selecionados para o formato txt, é importante ressaltar que o programa computacional exige do pesquisador que os arquivos que compõem o *corpus* sejam convertidos neste formato

de texto. O passo seguinte se deu através da organização e seleção das unidades fraseológicas, e os procedimentos adotados para a composição do nosso glossário, dessa forma, introduzimos um guia de uso e expomos a amostra de verbete terminológico da fraseologia especializada da economia.

A pesquisa foi baseada no estudo das unidades fraseológicas, vertente do âmbito comunicativo que nos deu respaldo para resolver os questionamentos iniciais e possíveis lacunas que pudessem aparecer no decorrer de nossa investigação.

O método adotado foi o indutivo, tendo em vista que partimos da observação dos fenômenos fraseológicos, para posteriormente analisamos de forma abrangente, ou seja, indo das constatações mais particulares para o geral. O tipo de pesquisa adotada foi tanto qualitativa quanto quantitativa, uma vez que fizemos as interpretações dos dados e as reflexões acerca dos pressupostos teóricos e metodológicos em conjunto com as discursões entre os autores e as respostas que encontramos na análise do *Corpus*, e ainda utilizamos dados percentuais e estatísticos, como também analisamos o número de ocorrências, frequência de uso e concordâncias das palavras, que constituíram as unidades fraseológicas candidatas a termo existente no *Corpus* analisado.

O conteúdo do nosso *Corpus* é especializado, visto que coletamos apenas textos específicos da área temática da Economia. As monografias que compõem o *Corpus* foram escritos em nossa língua materna, ou seja, o português do Brasil. Para nossa pesquisa trabalhamos com os textos escritos e em formato eletrônico. Optamos por trabalhar com monografias dos anos de 2013 e 2014. Vale salientar que escolhemos esses dois períodos diacrônicos de tempo, para melhor entendermos as marcas e expressões linguísticas do âmbito especializado e terminológico da economia nos textos selecionados para o desenvolvimento do nosso estudo fraseológico.

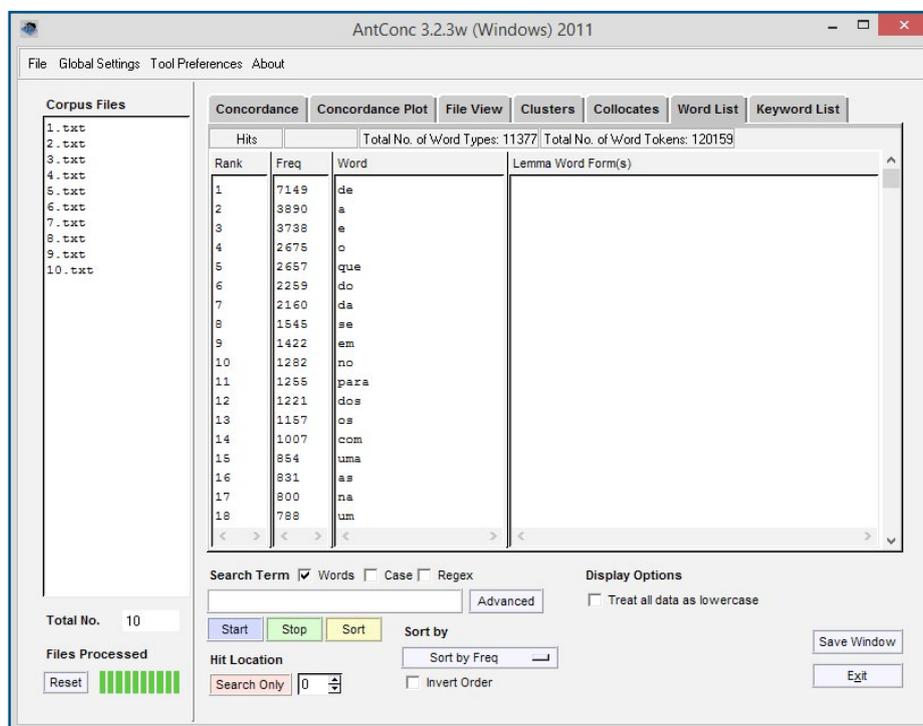
Nessa parte da nossa pesquisa eliminamos figuras, gráficos, algarismos e demais informações que julgamos não serem necessárias para fazer parte da nossa investigação junto ao *corpus* de pesquisa.

As monografias foram selecionadas, junto ao departamento do curso de Ciências Econômicas, ambas se encontravam armazenadas em CD's, salvas em extensão do programa PDF. Após a coleta, leitura e limpeza, as monografias foram convertidas para o formato "Txt", em seguida os arquivos foram salvos no programa bloco de notas. Por fim, os textos foram organizados em pastas, para facilitar o manuseio

através das ferramentas do programa computacional da Linguística de *Corpus*, intitulado *Antconc* versão 3.2.3w, visto que utilizamos este *software* para rodar e adquirir o objeto fraseológico do estudo em questão no nosso *Corpus*.

Mostramos como os alunos fazem uso das fraseologias em seus textos, tomando por base o *Corpus* coletado, bem como a extração das unidades fraseológicas através da ferramenta da Linguística de *Corpus*, do programa *Antconc*.

Iniciamos nosso estudo mostrando as palavras que apareceram com maior frequência no *corpus* visto que, tais palavras ao se combinarem com outras podem ser candidatas a termos que venham a constituir unidades fraseológicas. Dessa maneira, apresentamos a seguir a lista das palavras com maior ocorrência no *Corpus* em estudo, através do uso da ferramenta *Word List*. Optamos por trabalhar com as 36 palavras que se apresentaram com maior frequência. Assim sendo, essas palavras foram distribuídas em duas figuras retiradas do *software* do programa computacional de que utilizamos para a extração e etiquetagem do *corpus* para a validação do fenômeno fraseológico que buscávamos obter na nossa investigação, vejamos as figuras:



Rank	Freq	Word	Lemma Word Form(s)
1	7149	de	
2	3890	a	
3	3738	e	
4	2675	o	
5	2657	que	
6	2259	do	
7	2160	da	
8	1545	se	
9	1422	em	
10	1282	no	
11	1255	para	
12	1221	dos	
13	1157	os	
14	1007	com	
15	854	uma	
16	831	as	
17	800	na	
18	788	um	

Figura 2: Lista de palavras com maior frequência no corpus, 1 – 18.

Fonte: Laurence (2011)

Percebemos claramente que nesta listagem de palavras que apareceram com maior incidência no *corpus* em estudo, a presença predominante dos artigos e preposições, sendo que essas classes de palavras são fundamentais na coesão e coerência de qualquer texto escrito, haja vista que essas 18 palavras foram as mais usadas nos 10 textos que formaram o nosso *corpus*.

Rank	Freq	Word	Lemma Word Form(s)
19	780	como	
20	617	das	
21	577	por	
22	550	é	
23	537	mais	
24	531	ao	
25	472	A	
26	471	não	
27	421	trabalho	
28	399	O	
29	375	à	
30	368	ou	
31	367	p	
32	354	processo	
33	352	foi	
34	343	setor	
35	312	economia	
36	308	construção	

Figura 3: Lista de palavras com maior frequência no corpus, 19 – 36.

Fonte: Laurence (2011)

Nesta segunda parte da lista de palavras com maior índice de frequência notamos a aparição de verbos e substantivos, termos que se distinguem dos conectores da nossa língua, já mencionados anteriormente. Dessa maneira, encontramos por ordem de classificação os substantivos: trabalho (vigésimo sétimo lugar), seguido de processo (trigésimo segundo), setor (trigésimo quarto), economia (trigésimo quinto), e construção (trigésimo sexto). Esses 5 termos foram os termos substantivados de maior frequência no *corpus* para serem estudados a fundo, através da ferramenta *Concordance*.

A nossa proposta de glossário tomou forma a partir da organização das entradas e definições das palavras candidatas a unidades fraseológicas que apareceram

com maior ocorrência no *corpus* em estudo. Para tanto, buscamos apoio nos pressupostos teóricos de estudiosos que trabalham com os aspectos terminológicos e fraseológicos do léxico especializado. Em nossa investigação tratamos da macroestrutura e microestrutura das acepções fraseológicas que analisamos, e que compõem os verbetes terminológicos do nosso glossário, sobre o texto especializado da Economia.

Nossa proposta de glossário apontou o registro das fraseologias do termo “Trabalho”, visto que foi a palavra com maior número de ocorrência, frequência e concordância no *corpus* estudado. O glossário visa um público de leitores não-especialista, contudo usuários do discurso da Economia, tais como: estudantes e demais pesquisadores que atuam ou não na área, tendo em vista fornecer informações claras e objetivas à cerca do conteúdo e das fraseologias que fazem parte do *corpus* investigado.

O glossário das fraseologias da economia com destaque para o termo “Trabalho” apresenta 20 unidades fraseológicas, organizadas em ordem alfabética. Como trabalhamos com fraseologia que são combinações de duas ou mais unidades, apresentamos quando necessário a categoria gramatical que constitui uma UFE. Apresentamos expressões e combinações que são possíveis quando surgem em ordem de ocorrência e frequência.

## Conclusão

O estudo da extração de dados e percentuais estatísticos relacionados as análises levantadas a partir do *Corpus*, nos revelou que o programa computacional da Linguística de *Corpus*, *Antconc3.2.3w* é um importante instrumento computacional eficaz de auxílio lexical, que muito tem a contribuir para as pesquisas lexicográficas e/ou terminológicas, que buscam responder questões relativas a linguagem geral e/ou especializada, através de levantamentos e etiquetagem de *Corpus* em prol dos estudos linguísticos com ênfase na língua em uso. Revelando-se assim, como uma ferramenta capaz de unir os estudos da linguagem com o âmbito tecnológico da informática.

Como foi mostrado na nossa metodologia de uso do programa *Antconc*, trabalhamos com a extração e etiquetagem de um *Corpus*, composto por monografias de discentes do curso de Ciências Econômicas, em que rodamos nas ferramentas descritas anteriormente e que fazem parte do programa. Dessa maneira conseguimos através deste *software*, extrair as palavras, termos, colocações e colocados que compuseram as fraseologias especializadas da economia, que por sua vez, fizeram parte da composição de um glossário de cunho terminológico.

Assim sendo, elencamos que extraímos através de algumas das ferramentas do programa, o termo “trabalho” para a nossa investigação, pelo fato deste ter se apresentado como o mais usado em número de frequência e ocorrência entre todos os outros termos do *Corpus* analisado. Dessa maneira, consideramos que o programa foi de fundamental importância para a nossa pesquisa, pois ele apresentou de maneira sucinta e precisa, quais os termos de maior ocorrência, sua frequência de uso e como os usuários da área especializada da economia fizeram escolhas e uso de determinados termos.

Nosso estudo nos revelou ainda, que o programa computacional *Antconc*, apresenta um nova e promissora alternativa para o avanço dos estudos da linguagem comunicativa, e no que concerne aos aspectos pragmáticos do uso, com base na Linguística de *Corpus* e na terminologia aplicada ao texto. Uma vez que, este *software* está disponível na internet e pode ser baixado gratuitamente, sendo ainda de fácil instalação e sem custos adicionais ao usuário.

## Referências

- AULETE, C. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.
- BEVILACQUA, C. R. **A fraseologia jurídico-ambiental**. 1996. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras, Estudos da linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.
- BEVILACQUA, C. R. **Unidades fraseológicas especializadas eventivas**: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto Universitário de Linguística Aplicada, Universidad Pompeu Fabra, Barcelona, IULA/UPF, 2004.

- CABRÉ, M. T; ESTOPÀ, R. Unidades de conhecimento especializado, caracterização e tipologia. **Cadernos de tradução**, Porto Alegre, 2007. N. 20, p. 35-59.
- CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseologia espanhola**. Madrid: Editorial Gredos, 1996.
- DESMET, I. Teoria e prática da fraseologia de especialidade: aplicações. **Filologia e linguística portuguesa**, São Paulo, v.5. p. 27-56, 1997.
- MATUDA, S. **A fraseologia do futebol**: um estudo bilíngue português-inglês direcionado pelo corpus. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2011.
- PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar**: o que é como se lê. Fortaleza, EdUECE, Fortaleza: EDUECE, 2009.
- SANDRONI, P. **Novíssimo Dicionário de Economia**. 1 ed. São Paulo, Best Seller, 1999.
- SANTIAGO, M. S. **Redes de palavras-chave para artigos de divulgação científica da medicina**: uma proposta à luz da terminologia. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007.
- SOUZA, J. J. N. **A fraseologia da economia**: uma abordagem terminológica. Monografia (Graduação em Letras/Língua Portuguesa) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Faculdade de Letras e Artes. Pau dos Ferros: 2016.
- STUBBS, M. 2001. **Words and phrases**: Corpus studies of lexical semantics. Blackwell. ISBN: 978-0-631-20832-7.
- WELKER, H. A. **Dicionários**: Uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.
- XIMENES, E. E. **Fraseologias jurídicas**: estudo filológico e linguístico do período colonial. – 1. Ed. – Curitiba: Appris, 2013.

## **POLISSEMIA, CONTEXTO E LIVRO DIDÁTICO: IMPLICAÇÃO PEDAGÓGICA PARA A AULA DE 'SENTIDO' NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DA SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS/SCC<sup>1</sup>**

**WALLACE DANTAS (UFRN/CNPQ)<sup>2</sup>**

“... os estudos semânticos precisam ser o estudo da vida de uma língua no ambiente sócio-histórico e cultural ao qual essa língua está relacionada.” (Celso Ferrarezi Jr, 2015, p. 2 – In *A Semântica e a Vida* – Revista Parêntese- UNIFAL/MG)

### **A Semântica, o Significado e as Semânticas**

O homem desde sempre teve a necessidade de se comunicar e de fazer uso da linguagem para a realização de tal comunicação. Tal situação, por excelência, parece nascer de qualquer forma languageira, seja verbal ou não; no entanto, como sabemos, para que a comunicação possa acontecer realmente torna-se necessário um sentido. Este, por sua vez, é fundamental e primeiro no tocante às experiências com as línguas em geral (TAMBA, 2006). Assim, tendo tal ideia como princípio norteador, podemos dizer que “descrever a capacidade que um falante tem para interpretar qualquer sentença de sua língua” (PIRES DE OLIVEIRA, 2012, p. 23) é o objetivo da ciência chamada “Semântica”.

Sabemos que o sentido só deve ser entendido como tal a partir do que se entende por ‘significado’. O conceito de significado, porém, atualmente, parece-nos

---

1. Trabalho apresentado à disciplina “Semântica e Ensino” na Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Linguística/CCHLA/UFRN no período 2015.2.

2. Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN/Natal. E-mail: wallace.dantas@bol.com.br. Bolsista do CNPq.

de difícil definição, pelo simples fato de, entre os semanticistas, não haver consenso sobre o que seja 'significado'. Assim:

Explicar o significado – e essa é a dificuldade – transborda as próprias fronteiras do puramente linguístico, entre outros motivos porque ele está fortemente ligado à questão do conhecimento. Responder como é que atribuímos significado a uma cadeia de ruídos implica adotar um ponto de vista sobre a aquisição do conhecimento. É o significado uma relação causal entre as palavras e as coisas? Será ele uma entidade mental? Ele pertence ao indivíduo ou à comunidade, ao domínio público? Essas perguntas, caras ao semanticista, levam inevitavelmente a buscar uma resposta sobre como é possível (se é que é possível) o conhecimento. (PIRES DE OLIVEIRA, 2012, p. 24)

É importante esclarecer que devido à ausência de significado para o 'significado' há a possibilidade de defini-lo de diferentes formas, ou seja, existe a presença de várias 'semânticas' para que possam, diretamente, haver várias formas de sentido para o 'significado' (PIRES DE OLIVEIRA, 2012, p. 24). É a partir disso que devemos compreender, por exemplo, que existem três linhas mestras de se fazer Semântica: a Semântica Formal, a Semântica da Enunciação e a Semântica Cognitiva. Tomando como fundamento Pires de Oliveira (2012), podemos resumir "as semânticas" conforme Quadro 1:

Quadro 1: (Gráfico apresentado pelas professoras Maria Leonor Maia dos Santos e Mônica Mano Trindade ao ministrarem a disciplina 'Semântica I', na UFPB/Virtual/ Disponível em: [http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/semantica\\_1360182019.pdf](http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/semantica_1360182019.pdf))

<b>SEMÂNTICA FORMAL</b>	<b>SEMÂNTICA ENUNCIATIVA</b>	<b>SEMÂNTICA COGNITIVA</b>
<p>Semântica Referencial  <b>Significado</b> = sentido + referência  Vários caminhos = mesmo resultado (2+2) ou (10-6) = 4  Valor de verdade</p> <p>Predicado/Argumento  Predicado depende do argumento para verificar valor de verdade V ou F</p> <p>Expressões com sentido, mas sem referência não levam ao valor de verdade</p> <p>Não admite indeterminação: ou o valor é V, ou F, nunca I</p>	<p>Crítica à semântica forma – referência</p> <p>Referência: ilusão criada pela linguagem</p> <p>Linguagem: jogo de argumentação enredado em mesmo.</p> <p>Não falamos sobre o mundo, falamos para construir um mundo e a partir dele tentar convencer nosso interlocutor da nossa verdade, verdade criada pelas e nas nossas interlocuções.</p>	<p>Significado = ponto central na investigação da linguagem</p> <p>Significado não depende da referência</p> <p>Significado não se constrói na linguagem como um jogo de argumentação</p> <p>Significado é natural e experiencial</p>

A partir da divisão do Quadro 1, é importante deixarmos claro que o que se verá nos próximos pontos é proveniente de uma análise que nasce da “Semântica Formal” e que perpassa a “Semântica Cognitiva”<sup>3</sup>. É necessário dizermos também

---

3. Sugerimos a leitura integral (e obrigatória!) do livro “Introdução a Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie” (Ferrarezi Jr., 2010) para o conceito de Semântica Cultural – que não está apresentado no quadro em questão, mas que está sendo desenvolvido pelo professor Ferrarezi Jr aqui no Brasil/UNIFAL/MG. É importante, então, deixarmos claro que tal estudo, a partir das Semânticas apresentadas, será basilar para a abordagem que aqui propomos. Tal obra do professor Ferrarezi Jr versa “sobre como se dão as construções de sentidos e como se constitui a representatividade da língua. Tratando-se deste tema esta obra é essencial para o estudo de Semântica Cultural no Brasil” (Ferrarezi Jr; Oliveira, 2015, p. 2). No ponto 4 deste artigo, apresentaremos de maneira mais contundente (apesar

que, antes do trabalho em sala de aula, o professor deve se subsidiar da teoria para melhor aproveitamento das aulas de Semântica, principalmente no Ensino Médio, por ser este o – canonicamente falando! – segmento do ensino que pede ao aluno uma maior interpretação dos fatos que o circunda principalmente no que diz respeito ao chamado Exame Nacional do Ensino Médio/ENEM. É importante ressaltarmos aqui que neste texto, preliminarmente, sugerir-se-á uma implicação pedagógica apenas, que possa despertar no docente a busca por mais desenvolvimento de atividades que ultrapassem o livro didático.

A partir de uma análise de um dos pontos do capítulo de “Introdução à Semântica” (inserido na parte de ‘Língua: uso e reflexão) de Cereja e Cochar (2014), para o ensino médio, buscaremos uma reflexão sobre a “Polissemia”, tendo por base o exercício proposto no livro didático em questão.

## Breve panorama sobre origem da Polissemia

Os estudos sobre polissemia datam da época de Aristóteles, que se deteve a discutir o sentido de maneira mais contundente. É importante dizermos aqui que, já no Crátilo, de Platão, houve algumas discussões sobre homonímia e polissemia, mesmo que de forma imprecisa e não tão sistêmica assim (AMARAL, 2011)

Aristóteles, no entanto, de forma mais definida, fez uma separação conceitual entre ‘homonímia causal’ e ‘homonímia intencional’, onde na última já se podia dizer que havia uma relação a um único princípio. Amaral (2011) citando Silva (1996) nos diz que o filósofo grego se deteve a discutir mais a segunda homonímia, que, atualmente, corresponde ao que conhecemos como “polissemia”.

No século XIX, em seu final, o francês Michel Bréal criou o termo ‘polissemia’ e fundou uma área da linguística que pudesse ser independente da lexicografia e da etimologia: a Semântica. O semanticista francês nos conduz a uma mudança na forma de conceber o significado visto até então como parte da etimologia, chamando-nos a atenção para a questão de que uma determinada palavra pode ser usada de diferentes formas num determinado contexto linguístico, tornando-se, assim,

---

de introdutória) algumas considerações desta ‘nova’ semântica.

um fator decisivo para a delimitação do sentido da palavra específica. Assim, Bréal (1992, p 103) diz que “à medida que uma significação nova é dada à palavra, parece multiplicar-se e produzir exemplares novos, semelhantes na forma, mas diferentes no valor”. Isso é polissemia.

É ainda no final do século XIX que a polissemia ganha certa sistematicidade nos seus referidos estudos, passando a ser vista pelos ângulos “biológico”, “psicológico”, “cognitivo” e “sociológico” (AMARAL, 2011, p.4). No entanto, foi com o avanço da Linguística Cognitiva, nos anos 80, que a polissemia ganhou realmente destaque nos estudos linguísticos, tornando-se fundamental para os trabalhos sincrônicos e diacrônicos da linguística cognitiva, da inteligência artificial e da semântica computacional.

Amaral (2011) à luz do que diz Silva (2006) apresenta três fatores determinantes para a reintrodução dos estudos polissêmicos no âmbito da Linguística Cognitiva:

- i) a reação contra as estratégias homonimistas, artefactualistas e monossemistas de minimização da polissemia; ii) a orientação não-autonômica e recontextualizadora, que passa a considerar em sua análise os contextos social, cognitivo e situacional; e iii) o interesse da Linguística Cognitiva pela categorização, que tem a polissemia como um dos seus efeitos. (AMARAL, 2011, p. 4)

A partir de então, a polissemia passa a ser o foco das atenções para linguistas cognitivos da modernidade e semanticistas cognitivos ao analisarem a metáfora, metonímia, dentre outros assuntos, sendo vista como um elemento inerente à linguagem, seu uso e processamento. Para Silva (2001) (apud Amaral, (2011)) a polissemia torna-se o resultado da inovação semântica, numa perspectiva diacrônica, ocorrendo por intermédio da restrição de sentido, da metáfora, da metonímia, usada por diversos grupos sociais, assumindo papel importante nos processos de aquisição, compreensão e produção da linguagem.

## **Palavra, Texto, Polissemia, Contexto: vozes entrelaçadas no Texto para um ensino eficaz**

Não podemos deixar de dizer que na compreensão de textos, como lugar de interação, no qual os interlocutores se constroem, sejam eles falados ou escritos, há a necessidade da construção de sentidos. Aqui, as palavras não são consideradas isoladamente, mas como textos verbais ou não, inseridos num contexto sóciocognitivo. Temos que entender que o texto possui sentidos atribuídos pelos seus autores, mas existem os sentidos dos leitores – relação de interação -, tudo isso sendo considerado a partir de aspectos cognitivos, linguísticos e sócio-históricos.

Mesmo tendo esse novo cenário, a polissemia ainda é um fenômeno que possui múltiplas relações e conexões com a sintaxe, semântica e pragmática, além da linguagem, cognição e interação social, havendo ainda um grande debate concernente à definição de polissemia – se pode ou não ser fundamentada no armazenamento das representações mentais e em até que ponto esse tipo de definição é possível.

Neste trabalho, a palavra - que fundamenta a polissemia, formalmente falando, - será o elemento por excelência de composição do texto. Texto que aqui será tratado a partir de uma concepção interacional (dialógica) da língua, sendo, assim, compreendido como sendo o local – próprio – da interação entre interlocutores/ autor e leitor (KOCH, 2015). Assim, entendemos também que no próprio texto, proveniente de palavras – que não são escolhidas aleatoriamente para a sua produção – existe uma gama de lugares para vários sentidos, sejam explícitos ou implícitos, sentidos esses que são detectáveis a partir do contexto sóciocognitivo daqueles que participam da interação.

Percebemos, então, uma importante relação existente entre palavra, texto, polissemia e contexto (aqui, estamos tratando do Contexto da SCC), porque só assim a palavra, em seus múltiplos sentidos, será compreendida a partir do texto no qual se encontra. Este, por sua vez, a partir do contexto, em seu sentido amplo, apresentará a informação ao interlocutor de maneira eficiente (ao menos assim deveria ser) trazendo a possibilidade de uma atividade interativa.

Nesses termos, é importante entendermos que o trabalho com a palavra, que por sua vez dará origem ao texto, deve ser dialógico e interativo, transcendendo os manuais didáticos. O sentido, principalmente concernente aos vários, a partir das

palavras, deve ser considerado, mas sem perder de vista o texto e o contexto (linguístico e extralinguístico), afinal de contas, se estamos tratando aqui de uma interação entre interlocutores, para abordarmos a polissemia, não podemos de forma alguma trabalhar a palavra fora do texto e do contexto. Acreditamos, assim, que o sentido polissêmico deve ser trabalho de forma ampla e significativa, talvez tomando o livro didático como ponto de partida, mas não como ferramenta única.

## Uma breve análise e implicação pedagógica sobre a Polissemia através da Semântica de Contextos e Cenários/SCC

Transcrevemos aqui, antes de iniciarmos nossa análise, a parte referente ao debate sobre “Polissemia”, contida no livro didático em análise (Cereja e Cochar, 2014).

Quadro 2.: Parte da atividade do livro didático em análise - (Cereja e Cochar, 2014, p. 126)

“[...] Ouviu o grito do gavião e o viu abater-se, altivo e feroz, sobre uma presa. Até ele, que agride os mais fracos, tem o direito que eu não mereço, pensou contrito. E mais andou. Viu o azul cortado por um bando de patos selvagens em migração. Lá se vão, de uma terra a outra, de um a outro continente, disse em silêncio o velho, enquanto eu não sou digno nem de mínimas distâncias. E mais andou. E viu as andorinhas e viu o melro e viu o corvo e viu o pintassilgo, e a todos saudou, e a todos prestou assistência.”

(COLASANTI, Marina. In: *23 histórias de um viajante*. São Paulo: Global, 2005, 150-1)

### POLISSEMIA

- Compare estes trechos do texto:

- “Lá se vão, de uma *terra* a outra, de um a outro continente”
- “daquela *terra* que em breve o acolheria”

Observe que a palavra *terra* apresenta sentidos diferentes nos dois trechos: “região, território”, no primeiro trecho, e “chão”, no segundo. Apesar disso, há um sentido da palavra que se aplica às duas situações, que é “parte sólida da superfície do globo terrestre”. Quando uma palavra tem mais de um sentido, dizemos que ela é polissêmica.

**Polissemia** é a propriedade que uma palavra tem de apresentar vários sentidos.

Apesar de estarmos diante de um segmento da educação básica, nos parece que a sugestão de trabalho acima exposta é preliminar se atentarmos para o conceito – ou a não exatidão de conceituação – do que seja polissemia. Percebemos que o texto é usado como um pretexto para a conceituação que se segue!

A palavra<sup>4</sup> *terra* é analisada no fragmento sob a perspectiva dos conceitos advindos do contexto<sup>5</sup> no qual ela se encontra, para, em seguida, chegarmos, digamos, ao conceito dicionarizado. A partir disso, chega-se a um conceito, por assim dizer, reducionista do que seja realmente polissemia. No conceito, como se pode perceber, o contexto é desconsiderado, ficando a cargo do professor a ampliação e melhor ajustamento de tal explicação.

Por mais que tenhamos a palavra sendo debatida, temos que entender que é impossível não falarmos de texto para a melhor apreciação por parte do alunado do que seja a polissemia. A palavra, por ser exacerbadamente dialógica (BAKHTIN/VOLOSHINOV. 1992), não pode ser desassociada do conceito de texto, aqui também entendido em seu viés dialógico (KOCH, 2015). Podemos afirmar, então, que a polissemia tal como é apresentada no excerto em análise, veio apenas a partir do seu percurso sintático, sendo, portanto, desassociada de uma cognição e de uma interação mais real e próxima do falante (AMARAL, 2011). Cabe ao professor, construtor do conhecimento, ampliar o sentido do sentido de polissemia apresentado no livro, não trazendo teorias infundáveis e que de nada adiantarão ao aluno, mas adaptar para que, na prática, o aluno entenda que é impossível não tratarmos de polissemia sem trazer à tona o conceito de texto e contexto.

É oportuno dizer que, se estamos a falar de contexto, estamos a falar de elementos que estão, também fora do texto, e não apenas dentro dele. Assim, aqui, partimos de uma semântica “... que toma como base a ideia de que *uma língua natural é um sistema de representação do mundo e de seus eventos.*” (FERRAREZI JR, 2008, p. 23), ou seja, estamos a tratar de uma “Semântica de Contextos e Cenários” que, sendo conhecida do professor, auxiliá-lo-á na devida análise do conceito apresentado na atividade em análise.

---

4. “O sentido de uma palavra é totalmente determinado por seu contexto. Há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis” - Ferrarezi , 2010, p.15.

5. Este ‘contexto’ a que nos referimos neste momento é o da Linguística Textual (KOCH, 2015).

A “Semântica de Contextos e Cenários”, apresentada aqui no Brasil pelo professor Dr. Celso Ferrarezi Jr, sob documento final de pós-doutoramento defendido na Unicamp, com o título *Introdução à semântica de contextos e cenários: de la langue à l'ave*, nos concede uma nova abordagem sobre os sentidos, que são compreendidos e construídos a partir do “conjunto de informações culturais do falante e de sua comunidade” (idem, 2008, p. 22).

Os sentidos – à luz da SCC – são determinados culturalmente e revelam valores criados e cultivados por uma dada sociedade, mas também têm o poder de representar os valores individuais, particulares de um indivíduo. Neste sentido, para a SCC, se cada cultura elabora uma visão de mundo, cada indivíduo que está inserido nesta cultura, também pode construir sua própria visão de mundo, construindo o seu próprio léxico<sup>6</sup> também.

Assim sendo, como os alunos e o professor (e, por que não, a própria “escola”) apresentam histórias diferentes de vida, possuem culturas diferentes, é natural pressupor que possuam léxicos diferentes com os quais fazem suas representações do mundo. A língua não é autônoma: ela se relaciona estritamente com a cultura influenciando, sendo influenciada e revelando construções e usos que os falantes delas fazem. Não há como separar língua, cultura, identidade. Assim, a língua funciona em dois níveis distintos: o nível da sinalidade, ao qual pertence o contexto, e o nível extralinguístico da situação discursiva e histórico-cultural, que constitui o cenário. (ANDRADE; FERRAREZI JR, 2015, p. 3)

Assim, nas palavras do professor Ferrarezi Jr, 2008:

(...) É por meio dos olhos da cultura que o indivíduo enxerga o mundo. Por isso, a SCC estabelece uma relação obrigatória entre a língua e a cultura, sem a qual não podem ser formados os sentidos e sem a qual os sentidos não podem ser associados às palavras ou outros sinais usados nessa representação. (p. 23)

---

6. “concebendo-se aqui o léxico como a junção dos níveis da forma e do sentido” (Andrade, Ferrarezi Jr, 2015, p. 3)

Parece-nos oportuno afirmar que, a partir do contexto (SCC – aqui o sentido do que se entende por contexto diverge no que se entende por ela na Linguística Textual/LT) e do cenário dos quais advém o aluno a quem se destina a tal aula de “Semântica/Polissemia”, outra atividade poderia inicialmente ser proposta, para, então, ir ao que conceitua preliminarmente o livro didático, ou seja, o estudo polissêmico deveria ser iniciado na prática para, em seguida, ser debatido sob a breve conceituação apresentada acima.

O professor deve entender que a palavra, por si só, não possui sentido, ou seja, as línguas naturais não são detentoras de um sentido literal (FERRAREZI JR, 2008), em outros ditos, “nenhuma palavra tem um sentido próprio, que seja dela e sempre associado a ela. Nenhuma mesmo. Na verdade, essa associação de um ou mais sentidos a uma palavra é um fenômeno que ocorre no processo de comunicação...” (idem, 2008, p. 26). Assim, para uma maior efetivação do que seja polissemia, o professor, antes de chegar à atividade preliminar do livro didático em questão, deveria, por exemplo, propor que os alunos trouxessem palavras comumente usadas, sejam entre eles e/ou no seio familiar, para debater, a partir de comunicações reais e já vivenciadas ou que sempre são vivenciadas, o sentido delas, em diferentes ocasiões.

A partir das palavras debatidas, tentar reconstruí-las em um contexto situacional e, então, mostrar o significado de polissemia, na prática, considerado os cenários. Depois, quem sabe, produzir um breve texto, em sala de aula e em conjunto, com tais palavras detentoras de significados reais para o aluno. Tais textos, para debates, poderiam ser analisados em sala de aula. A partir disso, o trabalho com o dicionário poderia ser feito para saber se os sentidos discutidos se encontram dicionarizados. Só assim, acreditamos, o aluno teria a condição de perceber a multiplicidade de aplicações das palavras que diariamente usam. Tudo isso, obviamente, terminando na produção de um texto solicitado pelo educador, conforme também necessidade e realidade da turma.

Parece-nos oportuno reafirmar que a prática precedendo a teoria ainda é bem mais significativa, quanto estamos a tratar de teorização de um assunto que abarca os sentidos. Certamente, após a prática do que se vive diariamente, o aluno estaria com habilidade de ler, reler, estudar e pensar sobre o conceito, porque estaria iniciando os estudos sobre uma realidade cotidiana. O aluno certamente entenderia que, dependendo da palavra,

“... os sentidos costumeiros das palavras variam de cultura para cultura e de indivíduo para indivíduo. Da mesma forma, variam os outros sentidos de uma palavra, os sentidos “especiais” ou “não costumeiros”: em função do contexto e do cenário, o que implica uma dimensão cultural e uma individual, além da própria dimensão textual, que é linguística (e que não deixa de ser cultural, mas que pode ser vista em separado para fins de análise científica). (FERRAREZI JR., 2008, p 28-29)

## Considerações (que estão longe de serem!) Finais

Acreditamos que as palavras que aqui se encontram são preliminares, tanto quanto à teoria da “Semântica de Contextos e Cenários”, quanto ao que diz respeito à prática docente em sala de aula, em turmas do ensino médio.

A Semântica, como apresentado outrora neste texto, é relativamente nova enquanto ciência, quicá quanto disciplina na educação básica?! O que vemos, portanto, é uma grande limitação dos professores quanto ao uso apenas do livro didático em sala de aula, não buscando inserir o cenário do aluno nas aulas de semântica – neste caso, de polissemia.

Se a polissemia, como afirma o livro didático em estudo aqui, é a condição que uma palavra detém para assumir vários sentidos, parece-nos, então, de suma importância que esses vários sentidos sejam tratados em sala de aula, buscando sempre uma relação dialógica com a realidade na qual o aluno se encontra. É exatamente aqui onde entra a teoria brevemente apresentada – “Semântica de Contextos e Cenários” que considerado o ‘Contexto’ e o ‘Cenário’ tão necessários e oportunos nos trabalhos desenvolvidos em sala de aula, por parte do professor.

## Referência

- AMARAL, Bruna Rodrigues do. *Polissemia: efeitos contextuais no acesso lexical*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- ANDRADE, J.R.O; FERRAREZI JR, C. *Análise semântica dos enunciados de avaliações em educação básica: uma aplicação cultural no estudo de respostas possíveis*. In: Revista Entre Parêntese. V 1, nº 5, 2015, p. 1 – 12.

- BRÈAL, Michel. *Ensaio de semântica*. São Paulo: Educ, 1992.
- CEREJA, William Roberto; COCHAR, Thereza. *Português Linguagens*: volume único. 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2014, p. 126 – 133. (Livro didático)
- FERRAREZI JR., Celso. *Semântica para educação básica*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- \_\_\_\_\_. Os sentidos da escola: o processo de re-significação e a aprendizagem em ambiente escolar. In: *Línguas, Linguagens e Culturas Amazônicas*. São Paulo: Pedro e João Editores/ Porto Velho: EDUFRO, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.
- ILARI, Rodolfo. *Introdução à Semântica: brincando com a gramática*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- OLIVEIRA, F.A; FERRAREZI JR., C. *Análise Semântica: os processos de ressignificação em livros didáticos*. In: Revista Entre Parêntese. V 1, nº 5, 2015, p. 1 – 19.
- PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 23 – 54.
- SILVA, Augusto Soares da. *De Aristóteles a Bréal: da homonímia à polissemia*. Revista Portuguesa de Filosofia LII-1/4, pp. 797–812, 1996.
- \_\_\_\_\_. O que é que a polissemia nos mostra acerca do significado e da cognição?. In: SILVA, Augusto Soares da (org.). *Linguagem e Cognição: A Perspectiva da Linguística Cognitiva*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, pp. 147–171, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Almedina: Coimbra, 2006.
- TAMBA, Irène. *Semântica*. Trad.: Marco Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

## TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE ABSTRACTS ACADÊMICOS

**MARCELO AUGUSTO MESQUITA DA COSTA (UFPE)**

### Introdução

A tradução profissional na atualidade vem se tornando cada vez mais necessária e importante nas mais variadas áreas do conhecimento. Esse reconhecimento do trabalho do tradutor não é gratuito: cada vez mais os profissionais da área estão buscando novas formas de aperfeiçoamento para melhorar a sua rapidez, qualidade essencial para um tradutor, e, principalmente, a sua qualificação, com conhecimentos variados sobre *softwares* e tecnologias ligadas à área, entre outras estratégias às quais facilitam o resultado final do trabalho desenvolvido por este profissional.

Para um tradutor na antiguidade já era suficiente possuir o conhecimento das duas línguas em que este realizaria a tradução do texto. Nos dias de hoje, com o avanço das tecnologias, as demandas relacionadas ao trabalho com traduções se tornaram bem mais complexas: traduções simultâneas por chamadas através de programas como o *Skype*, interpretação consecutiva de palestras em eventos, tradução de documentos (tradução juramentada), legendagem de vídeos e jogos eletrônicos, entre tantas outras atividades extremamente variadas e que requerem um conhecimento ou competência além da língua-alvo. O conhecimento e a preparação para os eventos em que o tradutor irá participar são imprescindíveis para o seu sucesso. Dessa maneira, este profissional deve buscar o máximo possível de profissionalização, conhecimentos específicos e experiência ao longo do tempo.

Mesmo aqueles profissionais que não participam de eventos de interpretação tais como palestras e reuniões também devem estar atentos à organização das necessidades atuais do mercado: o tradutor *freelancer* que trabalha de casa deve se tornar bom em divulgar o seu trabalho e em buscar seus clientes.

O trabalho com resumos, mais especificamente resumos acadêmicos, como é o caso dessa pesquisa, também exige do tradutor um trabalho sistemático na tentativa de desenvolver um banco de dados relativo à área em que desenvolve as suas traduções, visando poupar tempo com palavras já antes traduzidas. Além disso, o tradutor de um gênero como este trabalha bastante com revisão e com um dilema comum vivido por tradutores das mais diversas áreas: mudar o texto ou deixá-lo o mais próximo do texto-fonte?

Apesar do trabalho do tradutor ser uma recriação do original e sempre “perder” algum elemento em razão de uma tradução, em vista da estrutura, sentidos e usos da outra língua não possuírem semelhanças ou equivalentes possíveis, o profissional que realiza a mudança do texto-fonte para o texto-alvo deve estar ciente de que a sua fala não é apenas sua, mas do cliente o qual solicitou a tradução, isto é, a autoria continua sendo exclusivamente do cliente, não aparecendo qualquer indício, no artigo submetido à uma revista ou capítulo de livro, nota sobre o tradutor do texto, sendo mais comum aparecer quando o texto foi traduzido na íntegra (todo o artigo) e não apenas o resumo.

Essa pesquisa busca analisar possibilidades de tradução baseadas em Unidades de Tradução (UTs) que podem ser extensos como parágrafos mais longos, assim como palavras e expressões apenas. Apesar do trabalho utilizar UTs de até quatro frases, algumas expressões menores foram escolhidas para serem comparadas. A comparação não é entre resumos inteiros como estrutura, mas em termos das divisões utilizadas pelo tradutor e suas escolhas na composição do texto na língua-alvo.

O trabalho discutirá um pouco sobre as atribuições do tradutor nos tempos modernos; as unidades de tradução (UTs) e como elas podem auxiliar na tradução de resumos; *back-translation*, como uma estratégia de revisão efetiva de texto; a prática de tradução em resumos como um processo; o processo criativo relativo a versões da Língua Portuguesa para a Inglesa; e finalmente algumas conclusões baseadas nas reflexões sobre o processo de tradução.

## As atribuições do tradutor nos tempos modernos

Como já mencionado, o tradutor deve buscar se apropriar de inúmeros conhecimentos visando melhorar a velocidade com que realiza as traduções e também com o intuito de estar preparado para os mais diversos desafios e dificuldades.

Robinson (2007) discute como o tradutor se modificou ao longo do tempo e elenca cinco aspectos incorretamente interpretados por muitos que desconhecem as dificuldades encontradas na transformação do texto-fonte em outro no texto-alvo. Os itens elencados pelo autor refletem sobre o ato de traduzir e a própria identidade do tradutor:

- “1. O ato de traduzir está centrado mais em pessoas do que em palavras;
2. A tradução está mais relacionada com os trabalhos que as pessoas realizam e como elas percebem o mundo a sua volta do que sobre os registros linguísticos ou sistemas simbólicos.
3. A Tradução está mais diretamente relacionada com a imaginação criativa do que com regras estabelecidas pela análise textual.
4. O tradutor é mais como um ator ou músico do que um toca-fitas ou gravador.
5. O tradutor, mesmo aquele que realiza tradução de textos técnicos, se parece mais com um poeta ou escritor do que com um sistema de tradução automatizado.”<sup>1</sup> (p.35)

A tradução é mais do que mera substituição de palavras e, para alguns autores, tais como Arrojo (2007), uma tarefa extremamente difícil de ser realizada, principalmente se for a tradução de um texto literário. A própria Arrojo considera o texto transformado como um novo texto, que dificilmente conseguirá recuperar elementos semelhantes àqueles da época de sua produção original, mas que não diminui a tradução como um produto autoral e necessário, pois ela auxiliará aqueles que não podem ler a obra na língua em que ela foi produzida.

---

1. Texto traduzido.

## O resumo como uma UT

Alves (2000), ao discorrer sobre a tradução e possíveis definições, afirma que apesar de muitos autores não deixarem muito claro quais são os passos ou estratégias ao lidar com o texto de forma mais específica, a sua discussão gira em torno da liberdade e da fidelidade em relação ao texto fonte.

O autor busca ser prático e dar exemplos sobre o que chama de UT (Unidade de Tradução), enfatizando que elas podem variar bastante em estrutura e sentido: elas podem ser desde palavras, agrupamentos de palavras a nível sintático, frases inteiras ou mesmo parágrafos de um texto. Essas UTs são divididas baseadas no conhecimento e estilo do tradutor, mas é necessário que este esteja atento a certos agrupamentos que podem gerar ambiguidade e comprometer a tradução do texto.

Alguns autores tais como Catford (1965) e Theodor (1976) trabalham com conceitos mais relacionados à estrutura linguística e elementos mais técnicos e específicos para a tradução, enquanto Alves (2000), Arrojo (2007), Angelelli & Baer (2016), Jones (2002) e Williams (2013), entre outros, utilizam conceitos menos específicos, porém que possibilitam ao tradutor refletir sobre a sua prática de uma forma mais autônoma.

As UTs partem de uma perspectiva que dá ao tradutor essa liberdade na sua tradução e, conseqüentemente, uma autonomia para refletir sobre o seu próprio processo criativo de desenvolvimento de traduções, sejam elas literárias ou não. Ao analisar os resumos posteriormente, vai ser possível notar que as análises trabalham com UTs maiores do que uma frase apenas, mas períodos inteiros relacionados com uma mesma ideia. Essa estratégia de divisão com UTs é muito positiva na análise de resumos acadêmicos, já que eles não possuem divisões estruturais marcadas por parágrafos, sendo dessa forma trabalho do tradutor perceber esses elementos e julgar de que maneira a tradução poderá ser melhor trabalhada.

## A prática da tradução em resumos: *back-translation* e questões estilísticas

Além do uso das UTs, uma das estratégias que mais auxiliam para a checagem dos sentidos e estruturas na língua-alvo é a *back-translation*. Esse tipo de estratégia se refere a uma tradução reversa, isto é, quando o autor finaliza a tradução para uma língua qualquer, ele faz a tradução do texto nessa língua de volta para o original como forma de conferir se o texto faz sentido realmente e se ele está também natural na língua-alvo. Dessa forma, a *back-translation* ou ainda “tradução reversa” pode trazer benefícios para o processo de revisão e finalização de uma tradução, aumentando a precisão da tradução dos termos escolhidos pelo autor no texto original, além de tornar mais perceptível a fluidez do texto na língua-alvo.

Assim como já mencionado, a consciência sobre a importância da escolha relacionada às “divisões” feitas durante o processo de tradução, chamadas Unidades de Tradução ou UTs, são tão importantes como a escolha lexical, estrutural e semântica ligadas ao texto que será utilizado na língua-alvo.

## O processo de tradução de resumos acadêmicos

Os textos escolhidos para a breve discussão a que este trabalho se propõe a fazer não serão aqui reproduzidos na íntegra e nem os nomes de qualquer autor dos abstracts será revelado. A pesquisa é de cunho reflexivo sobre a prática da tradução e das escolhas realizadas pelo tradutor/pesquisador durante o processo de tradução e das variações ligadas ao estilo e processo decisório ligado a toda e qualquer tradução.

As traduções aqui realizadas tratam de um gênero, o resumo acadêmico, que visa interessar o leitor em uma determinada pesquisa em uma área específica do conhecimento, nesse caso a educacional. Dessa maneira, a tradução é uma geradora de opções e torna possível o interesse em pesquisas brasileiras por parte de leitores fora do país.

Além disso, uma possível publicação em uma revista de circulação nacional ou internacional requerem um resumo em pelo menos duas línguas: a língua materna do autor e uma outra língua que geralmente varia entre Espanhol, Francês ou Inglês.

Por isso, muitos profissionais que não possuem fluência na outra língua a qual o resumo também deve ser escrito requerem o auxílio de um profissional capacitado para o trabalho: o tradutor.

Apesar do resumo ser um texto relativamente simples e curto, em termos de extensão, variando de trezentas a quatrocentas palavras mais ou menos, ele pode exigir bastante do tradutor. Principalmente se este não possui um banco de dados de palavras e expressões relativas à área para a qual realizará a tradução. Muitas expressões também podem ser extremamente difíceis de serem traduzidas mesmo com auxílio de dicionários, sendo necessária também uma pesquisa acerca do uso e dos aspectos culturais relacionados àquele termo ou expressão.

As melhores traduções de resumos, sejam elas do Português para o Inglês e vice-versa, são aquelas que não têm tantas semelhanças estruturais e repetições de expressões, isto é, o texto deve buscar ser o mais próximo do natural na língua-alvo a tal ponto que um nativo possa até confundir se de fato aquele texto é traduzido ou foi inteiramente produzido pensando na língua-alvo, sem possuir um texto de referência. Na verdade, o texto-fonte ou original pode até atrapalhar, já que o tradutor novamente estará com o dilema de alterar tanto o texto ficando este irreconhecível para o cliente ou se deve se manter o máximo com o intuito dele ser reconhecido facilmente, apesar de parecer menos natural. Novamente a fidelidade e a liberdade desempenham um papel essencial nas decisões do tradutor e no produto final que será entregue ao cliente. A seguir serão discutidos algumas expressões e termos que tornam a tradução um trabalho de pesquisa e criação/criatividade, já que nem sempre existem equivalentes na língua-alvo e nem mesmo muitos sinônimos, o que pode tornar o texto repetitivo.

## Processo criativo de versões de resumos do Português (língua-fonte) para o Inglês (língua-alvo)

A análise presente neste artigo considerou três abstracts da área de educação produzidos por profissionais, tanto professores como alunos da pós-graduação, e algumas expressões contidas neles serão discutidas, assim como as dificuldades do processo de tradução.

Um dos termos mais recorrentes foi “saberes” e “formação continuada”. Ambos são termos específicos citados por autores da área e não podem ser ignorados ou traduzidos livremente ou de forma descontextualizada. Para o primeiro, “saberes”, a dificuldade está na estrutura do substantivo: no Inglês, o termo escolhido para ser utilizado foi “knowledge”, porém a forma plural presente na letra “s” em “saberes” é perdida no Inglês quando traduzido por “knowledge”. Outros termos tais como “abilities” e “skills” que possuem a forma plural em Inglês foram também pensados, porém eles culturalmente são utilizados pensando em conhecimentos práticos, capacidades, entre outros. Outro problema com o termo pode acontecer se forem utilizados primeiramente “knowledge” para substituir “saberes” em um momento e “abilities” para substituir em outro: o leitor pode não reconhecer como a mesma coisa, caso leia apenas o abstract, isto é, apenas o resumo em Inglês. Além disso, a ênfase empregada na repetição e por este ser um termo específico, dificulta ainda mais a possibilidade de substituição dessa UT.

O segundo termo, por sua vez, já é um tanto mais maleável e possui sinônimos que guardam mais semelhanças do que os anteriores: “teacher training” ou “continuing education” podem substituir a expressão e podem até ser utilizados de forma a não repetir no texto traduzido ou texto-alvo.

Esses dois termos são um tanto diferentes, mas ainda assim dependem bastante das escolhas que o tradutor fará durante a tradução. Essas escolhas estilísticas se tornam cada vez mais subjetivas à medida em que nem mesmo a gramática normativa da língua-alvo de escritores renomados faz uma distinção exata sobre certos aspectos. Por exemplo, a estrutura “teacher’s training” ou “the training of teachers” ou ainda “teacher training” são extremamente sutis e interferem basicamente na ênfase que o autor/tradutor pretende ao alterar a ordem dos elementos: a primeira e a última expressão são bem mais parecidas, com o foco no professor

“teacher’s” e “teacher”, enquanto que a segunda o foco é no treinamento dos professores e não mais no professor “the training of teachers”.

O texto base tem uma influência grande no texto-alvo para o Inglês, pois as decisões tomadas na escolha das palavras na língua-alvo são imensamente influenciadas por esse reconhecimento dos textos como semelhantes. Uma versão<sup>2</sup> deve ser reconhecível pelo autor o qual produziu o texto-fonte, de uma forma que você não tenha um texto completamente novo.

Outras formas que causaram dificuldade na tradução foram certas nominalizações tais como “um olhar” e “nessa direção”. Esses termos são muito usados na escrita em língua portuguesa e causam efeitos de sentido interessantes ao se incluírem em um registro mais formal como no gênero resumo acadêmico, mas causam dificuldade de equivalência no caso do Inglês.

Para a primeira uma tradução mais literal seria “a look” para “um olhar”, mas talvez expressões tais como “perceptions about” ou “an overview” pudessem se encaixar melhor, apesar de mudar um pouco a ideia principal.

Na segunda expressão, “nessa direção”, foi escolhido “by considering this” como uma expressão capaz de transmitir um sentido semelhante ao se referir ao que já foi discutido anteriormente no texto.

---

2. A versão aqui é considerada como a “tradução” do texto do Português para o Inglês, caminho mais incomum e que requer mais atenção e concentração do tradutor; e tradução como o processo mais comum de transferência ou substituição do texto da língua estrangeira para a língua materna.

## Algumas conclusões

Apesar das UTs terem variado bastante em tamanho durante a tradução, a maioria das dificuldades foram com palavras ou expressões isoladas, do que em períodos completos, às quais eram as UTs mais comuns do texto-alvo. As divisões do texto eram de aproximadamente três a quatro frases, o que correspondia à descrição dos elementos essenciais do resumo: introdução, objetivos, descrição do trabalho e metodologia e resultados. Essas também eram as UTs principais, mas em que estavam inseridas certas expressões que necessitaram de uma pesquisa e escolha de termos específicos por parte do tradutor.

O uso de termos semelhantes para uma ou mais palavras ou frases também nem sempre eram possíveis, pois alguns sinônimos em Inglês não são equivalentes quando traduzidos e podem gerar dúvida quanto ao seu sentido, já que o leitor do texto em Inglês depende inteiramente da tradução, já que nem todo leitor tem proficiência nas línguas utilizadas na construção dos resumos.

O presente trabalho não buscou analisar textos partindo de uma visão estrita em que uma teoria seria aplicada na prática. A tradução, assim como muitos autores a consideram, é uma “oficina” de aprendizagem contínua, na qual a prática reflete na teoria e vice-versa, já que são partes integrantes de um processo maior de intersecção cultural. Mais do que uma substituição de termos, a tradução tem relação com povos, ideias, crenças, culturas e, de forma específica quanto ao trabalho do tradutor, de escolhas bastante difíceis de serem feitas, já que irão interferir diretamente na interpretação do leitor.

## Referência

- ALVES, F. et. al. **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto, 2000.
- ANGELELLI, V. C.; BAER, J. B. **Researching Translation and Interpreting**. London and New York: Routledge, 2016.
- ARROJO, R. **Oficina de Tradução**: a teoria na prática. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- CATFORD, J. C. **A linguistic Theory of Translation**. Oxford University Press: 1965.
- GENTZLER, E. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. Tradução: Marcos Malvezzi. 2. ed. São Paulo: Madras, 2009.
- JONES, R. **Translation Practices Explained**: conference interpreting explained. London and New York: Routledge, 2002.
- ROBINSON, D. **Becoming a Translator**: an Introduction to the Theory and Practice of Translation. 2. ed. London and New York: Routledge, 2007.
- THEODOR, E. **Tradução: ofício e arte**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1976.
- WILLIAMS, J. **Theories of Translation**. New York: Palgrave and Macmillan, 2013.

## UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA DA INTERPRETAÇÃO NO LIVRO DIDÁTICO *LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DO ESTADO DO PARANÁ*

ADILSON VENTURA DA SILVA<sup>1</sup> (UESB)

### Introdução

Neste trabalho tomamos como corpus o material *Língua Portuguesa e Literatura* do Estado do Paraná (2006)<sup>2</sup>, que é o livro didático utilizado na rede de ensino estadual do Paraná. Neste livro, interessa-nos observar os sentidos da palavra *interpretação* pois, compreendendo seus sentidos, podemos compreender como este material estabelece o que é interpretar e, de certo modo, como se dá o ensino/aprendizagem de interpretação a partir deste material. Desse modo, não nos cabe aqui fazer qualquer espécie de julgamento do tipo: “este material é bom”, “não use este material”, etc. Como dissemos, o nosso interesse está em compreender como se dá a interpretação a partir deste texto.

Assim, para esta pesquisa, vamos nos situar na linha teórica da Semântica do Acontecimento, proposta por Guimarães (2002, 2004, 2007, 2009, 2011). Após, faremos as análises desta palavra nos recortes do texto e em seguida apresentaremos os resultados obtidos nestas análises.

---

1. Adilson Ventura da Silva - Doutor em Linguística pela Unicamp - Professor Adjunto do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários - DELL - da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB - Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGLin/ UESB - Professor do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS

2. Disponível em <http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/livrodidatico.pdf>

## Semântica do Acontecimento

A questão do sentido na língua(gem) é uma preocupação de todos semanticistas. Porém, como se estudar o sentido na linguagem? Esta pergunta é pertinente, na medida em que há várias possibilidades de respostas. Por conta dessas várias possibilidades de respostas, temos várias teorias semânticas diferentes, as quais trazem diferentes análises e diferentes resultados também. Por conta disso, é de suma importância se situar em determinada teoria semântica para que possamos ter uma análise fundamentada cientificamente.

Como já dissemos, para esta pesquisa nos situamos na teoria da Semântica do Acontecimento, teoria esta que coloca que os estudos sobre o sentido devem se situar na enunciação, no acontecimento do dizer. Mas o que é a enunciação? Diferentes teorias conceituam este fenômeno de modos diversos. Para a Semântica do Acontecimento, a enunciação é “um acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua” (Guimarães, 2002, p.8). Então, ao descrever a enunciação, temos os sentidos de certas expressões na língua. A grande questão que é colocada é sobre como descrever a enunciação. Para isto, o observável é o enunciado, isto é

temos que observar o funcionamento de uma forma em um enunciado para sabermos o seu sentido. E temos que considerar o enunciado em um texto, ou seja, temos que considerar a forma em um enunciado, enquanto enunciado em um texto. Isso traz que a relação de sentido se dá nessa passagem do enunciado ao texto, passagem essa que não é segmental. (Silva, 2012, p.21)

Ao observar o enunciado em um texto, observamos a temporalidade, a Cena Enunciativa, as Reescrituras e as Articulações de determinada forma linguística, o que nos traz a possibilidade de constituir o Domínio Semântico de Determinação (DSD) dessa expressão linguística, ou seja, a partir da observação destes fenômenos linguísticos temos os sentidos da expressão em análise.

## Temporalidade

Para a Semântica do Acontecimento, a temporalidade se dá no acontecimento, ou seja, é o próprio acontecimento que temporaliza. Este fenômeno é dado na enunciação e, diferentemente da posição de Benveniste (1976), na qual é o locutor que temporaliza ao se apropriar da língua, na Semântica do Acontecimento o locutor é tomado nesta temporalidade, isto é, o locutor não é dono, mas tomado pela temporalidade. E o que é esta temporalidade? No acontecimento, que

De um lado ela se configura por um presente que abre em si uma latência de futuro (uma futuridade), sem a qual não há acontecimento de linguagem, sem a qual nada é significado, pois sem ela (a latência de futuro) nada há aí de projeção, de interpretável. O acontecimento tem como seu um depois incontornável, e próprio do dizer. Todo acontecimento de linguagem significa porque projeta em si mesmo um futuro.

Por outro lado este presente e futuro próprios do acontecimento funcionam por um passado que os faz significar. Ou seja, esta latência de futuro, que, no acontecimento, projeta sentido, significa porque o acontecimento recorta um passado como memorável.

A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro. (Guimarães, 2002, p.12)

Assim, cada texto recorta memoráveis específicos, isto é, em cada acontecimento há a presença de enunciações passadas (memoráveis) que fazem uma forma possuir certos sentidos e não outros.

## Cena Enunciativa

Quando falamos que a enunciação é o acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua, a Semântica do Acontecimento traz que este sujeito é dividido em cenas específicas. Isto é, são lugares tomados pelo agenciamento enunciativo, o qual divide estes papéis na enunciação, são lugares constituídos pelos

dizeres, o que retira destes lugares a noção de intenção do sujeito falante, já que é o agenciamento que constitui estes papéis. Desta forma são constituídos os lugares de Locutor (L), que é a figura apresentada como responsável pelo dizer. Porém, na cena enunciativa, este L fala por estar em um lugar social específico, ou seja, o L é dividido em locutor-x, sendo x o lugar social do L em um acontecimento. Mas para que haja um desconhecimento que L fala de um lugar social, temos outra figura que é o enunciador, o lugar de dizer. Ou seja, este lugar de dizer, que o é o modo como algo é dito no acontecimento, é o que traz a ilusão ao L que ele diz algo por sua própria vontade e não por ocupar um lugar social específico.

### **Reescritura, Articulação e DSD**

Para que possamos produzir as análises e assim iremos observar as operações enunciativas a partir de dois procedimentos: a reescritura e a articulação. Para Guimarães, a “reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto re-diz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado.”(Guimarães, 2004, p.17). Este procedimento nos dá a possibilidade de verificar, pelos mais variados procedimentos, como uma expressão se reporta a outra, dentro de um texto. Assim temos que a reescrituração pode se dar de diversos modos:

- Por Repetição: uma expressão é repetida por inteiro em outra parte do texto;
- Por Substituição: uma expressão é retomada em outra parte do texto por uma outra expressão;
- Por Elipse: nesse caso, uma parte de uma expressão é omitida em um outro ponto do texto;
- Por Expansão: temos uma expressão que expande uma expressão anterior, ou seja, uma expressão que apresenta a anterior dando-lhe uma ampliação no sentido;
- Por Condensação: aqui temos o contrário da expansão, na medida em que temos uma palavra ou uma expressão que resume uma expressão anterior;

- Por Definição: uma expressão serve para dar uma definição de algum termo;

Esses procedimentos de reescrituração podem se dar por Sinonímia, em que uma palavra ou expressão é apresentada como tendo o mesmo sentido de outra à qual se liga, porém, ao ser reescrita, predica algo de uma expressão ao outro termo, através de um movimento de polissemia desta reescritura; ou por especificação, em que há uma determinação explícita do reescriturado pela expressão que o reescritura.

Além disso, temos ainda a reescritura por desenvolvimento, por generalização, totalização e por enumeração. Este processo de reescritura liga diferentes partes do texto, construindo o sentido de determinadas palavras e expressões.

Quanto à articulação, Guimarães nos diz: “procedimentos de articulação dizem respeito às relações próprias das contiguidades locais. De como o funcionamento de certas formas afetam outras que elas não redizem.” (2004, p.18). Ou seja, a articulação é o procedimento pelo qual se observa as relações de determinada palavra (ou de suas reescrituras) com outras palavras em um enunciado, sendo que deve-se considerar este enunciado como fazendo parte de um texto. Através desses procedimentos, poderemos dizer o que um nome designa, o que é, para Guimarães, constituir o Domínio Semântico de Determinação (DSD).

O DSD de uma palavra será constituído pelas relações de atribuição de sentido que encontrarmos para ela num certo texto, ou conjunto de textos específicos. Por exemplo, se no livro que compõe o *corpus* deste trabalho, encontramos, por um procedimento de descrição, tal como os que apresentaremos abaixo, uma relação que nos leve a considerar que a palavra “interpretação” está semanticamente determinada por “liberdade”, (isto será representado por interpretação | liberdade), então diremos que esta relação faz parte do DSD da palavra “interpretação”, ou seja, faz parte do que constitui a designação desta palavra. Também temos que, se esta palavra estiver em uma relação de antonímia com “intenção”, por exemplo, teremos uma linha ( \_\_\_\_\_ ) para mostrar esta relação.

Com estes procedimentos enunciativos apresentamos, logo a seguir, as análises que fizemos da palavra “interpretação” neste texto.

## Análises

Assim, com este aporte teórico que apresentamos, passamos à análise do livro em questão, *Língua Portuguesa e Literatura* do Estado do Paraná (2006). Desse modo, como já dissemos, vamos nos ater ao estudo da palavra “interpretação”, e, para isto, vamos trazer os recortes nos quais esta palavra e suas reescrituras aparecem. Devemos dizer, antes da análise, que, para melhor observar estes procedimentos de análise, o fato de ter este material em formato digital traz um auxílio muito grande para observar estes procedimentos, na medida em que nos permite uma busca digital pelas expressões que estão sendo analisadas.

Sendo assim, esta palavra aparece pela primeira vez somente na página 57, no seguinte recorte:

RECORTE 1 – “Antes de continuarmos nossa conversa sobre o texto *Pescador de Ti*, convém dizer que a interpretação de um texto não é controlável pelo seu autor, embora ele, ao escrevê-lo, tivesse uma intenção para tal, um objetivo. Mais, um texto pressupõe até um público, um leitor ou uma comunidade de leitores, ao qual esse texto se dirige, já que, como se disse, o texto só existe como diálogo. Um texto também corre sempre o risco de cair nas mãos de leitores para os quais ele não fora originalmente destinado.” (pág.57)<sup>3</sup>

Neste recorte, podemos observar uma articulação que, para nós é decisiva, entre “interpretação” e “texto”. Nesta articulação coloca-se que interpretar é interpretar textos, mas, no decorrer do livro, não temos uma definição do que seja texto, o que já nos abre a importância de uma análise futura desta palavra neste mesmo material. Neste mesmo enunciado, temos a presença da palavra “interpretação” em um sintagma nominal em que está articulada com a palavra “a”, ou seja, aqui já temos colocado que a interpretação é única, o que não abre possibilidade para mais de uma interpretação. Assim podemos dizer que “interpretação” é unívoca. Além disso, há

---

3. Grifo nosso

uma articulação com “não é controlável pelo seu autor”, o que, de certo modo, diz que o autor não tem domínio sobre o que escreve, isto é, não possui controle sobre os sentidos, porém, devido a uma articulação que temos de “autor” com “intenção”, podemos dizer que, mesmo não tendo controle sobre a interpretação que um texto terá, o autor possui uma intenção ao escrever determinado texto. E um outro ponto que nos chama a atenção é que, articulado com “texto”, temos “leitores”, os quais, pelo mesmo processo de articulação, se dividem entre os que o texto foi direcionado e os que o texto não foi direcionado. Assim, neste recorte, temos relações de determinação entre “interpretação”, “a”, “autor”, “intenção”, “leitores”.

Nos recortes a seguir, temos atividades propostas para os alunos e, nestas propostas, temos algumas reescrituras de “interpretação”:

RECORTE 2 - “Os conceitos de “público” e “privado” podem ser interpretados como a tradução em termos espaciais de “coletivo” e “individual”.

Num sentido mais absoluto, podemos dizer: pública é uma área acessível a todos a qualquer momento; a responsabilidade por sua manutenção é assumida coletivamente. Privada é uma área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa, que tem a responsabilidade de mantê-la.” (p. 67)

RECORTE 3 - “Quais são os indícios que podem permitir essa interpretação por parte do leitor?” (p. 118)

RECORTE 4 - “Qual a importância do título para a leitura / interpretação desse texto?” (p. 120)

RECORTE 5 - “Como a maioria interpretou o termo “solução”?” (p. 150)

Nestes recortes, podemos observar a palavra “interpretação” sendo reescrita por “interpretados”, “interpretação”, “interpretou”. Nestas reescrituras, que estão presentes nas atividades propostas para os alunos, há algumas articulações que trazem uma outra possibilidade para a interpretação, ou seja, que algo possui mais de uma interpretação possível. Assim, no recorte 2, há a articulação de “interpretados” com “podem”, no qual os conceitos apresentados trazem possibilidades de interpretação, ou seja, não há somente uma interpretação possível para os conceitos de “pú-

blico” e de “privado”. No recorte 3, novamente há uma articulação entre “podem” e “interpretação”, porém, devido a uma articulação com “leitor”, temos algo importante, que é a atribuição da interpretação ao leitor. Isto, de certo modo, também traz possibilidades de interpretações diferentes, na medida em que há leitores diferentes. Esta também é o que nos traz o recorte 5, já que, devido a uma articulação de “interpretou” com “maioria”, podemos dizer que há leitores que interpretaram de um modo e outros leitores que interpretaram de outro modo.

Já no recorte 4, temos, nesta atividade, uma articulação de “interpretação” com “leitura” em um sintagma nominal no qual estes dois termos são colocados enquanto uma sinonímia, ou seja, no texto podemos dizer que ler é interpretar. Com isso, para futuras análises, coloca-se como de fundamental interesse a análise desta outra expressão: leitura.

Por fim, temos um outro recorte:

RECORTE 6 – “Comerás o pão com o suor do teu rosto. Esse pão custará lágrimas.

Eis aí um exemplo de metonímia. Na época em que essa máxima foi aplicada, os trabalhos mais conhecidos eram aqueles em que se empregava força física. Conseqüentemente, essa força desprendida faria com que a pessoa transpirasse, dessa forma, suor é o efeito do trabalho. A partir da atribuição do significado de trabalho à palavra suor, devemos interpretar pão como alimento e lágrimas como efeito do sofrimento. Metonímia, portanto, é a mudança de sentido de uma palavra ou expressão quando, entre o sentido que uma palavra tem e o que ela adquire, existe uma relação de inclusão ou de implicação.” (p.174)<sup>4</sup>

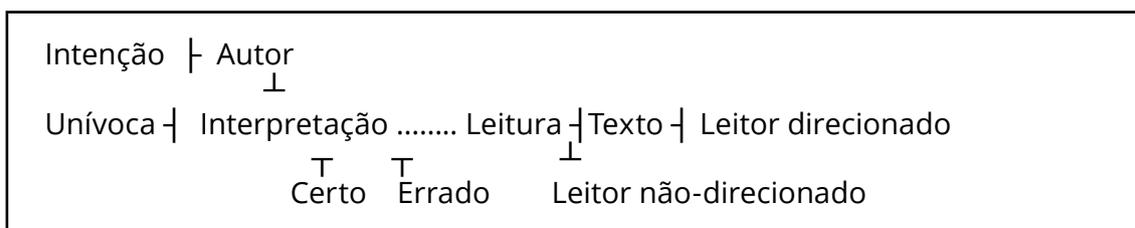
Neste recorte, tal qual o recorte 1, não é uma atividade proposta e sim a explicação de algum ponto da disciplina de Língua Portuguesa. Neste recorte, temos a palavra “interpretar”, que é uma reescritura da palavra “interpretação” em uma articulação com “devemos”. Nesta articulação, há uma imposição sobre o modo como algo tem que ser interpretado, ou seja, novamente aparece a interpretação como unívoca, possuindo um e somente um sentido.

---

4. Grifo nosso

Com isto, podemos dizer que há, a princípio, uma diferença no que seja interpretação quando se está “explicando” um ponto da disciplina e quando se traz atividades para que o aluno/leitor desenvolva. Porém, por conta destes enunciados no texto que trazem a interpretação como unívoca, há um memorável funcionando de que, mesmo nas atividades, há uma interpretação que é considerada correta. Isto também é reforçado pelo próprio discurso presente nos espaço de enunciação no qual se utiliza um livro didático, ou seja, na escola, em que o aluno tem que “acertar a resposta” ou, outro discurso recorrente presente em enunciados do tipo “ A resposta correta é...”. Isto traz um memorável de que, em textos utilizados para o ensino/aprendizagem, o que se tem é que há a interpretação correta, enquanto as outras são erradas.

Com isso podemos agora apresentar o DSD da palavra “interpretação” neste livro, que é:



Obs.: ler ┆ Determina e ..... como sinônimo

Assim, em conformidade com as análises que apresentamos, neste DSD podemos observar que “Interpretação” aparece em uma relação de sinonímia com “leitura”, os quais determinam “Texto”. “Interpretação” é determinada por “Intenção”, “Unívoca”, “Certo”, “Errado”. “Intenção” também é determinada por “Autor”, enquanto que “Texto” determina “Leitor direcionado” e “Leitor não-direcionado”. Ou seja, podemos dizer que interpretação, no texto analisado, é unívoca, isto é, possui somente a possibilidade de uma resposta certa e de outras respostas, que são consideradas erradas. Além disso o autor traz a “intenção” dele para que se possa interpretar, o que também podemos verificar através de um memorável de que temos que saber “o que o autor quis dizer”. Outro ponto que podemos observar é que o “Texto” é direcionado, então ele é para alguns leitores e não para outros. E esta diferença de direcionamento, a qual poderia levar a interpretações diferentes, não traz esta diferenciação, na medida em que, independente deste direcionamento, há a resposta correta e respostas erradas.

Na cena enunciativa temos o L que se divide em locutor-x, que, neste texto, é o lugar social de professor, ou seja, locutor-professor. O enunciador, neste caso, é universal, pois este enunciador é o lugar de dizer do verdadeiro ou falso, lugar de dizer que é utilizado comumente em discursos científicos, religiosos, didáticos, etc.

## Considerações Finais

Ao analisar a palavra “interpretação” neste texto, pudemos observar que os sentidos não estão estabilizados, o que fica de certa forma evidente com as articulações apresentadas nos recortes nos quais se explica algum ponto da disciplina (recortes 1 e 6), em que apresenta-se a interpretação como “unívoca”, em contraparte nos outros recortes, nos quais há a possibilidade de interpretações diferentes. Porém, mesmo nestes casos de mais possibilidades de interpretações, por conta de um memorável funcionando neste texto, há um apagamento da possibilidade de diversas interpretações, na medida em que o texto está no lugar de dizer do regime do verdadeiro ou falso, o que faz com que há um modo correto de interpretação.

Além disso, esta análise apresentou outras questões, tais como os sentidos de texto e de leitura, para que possamos compreender, neste material (e em outros), quais os sentidos de interpretação.

## Referências

- BENVENISTE, E. (1966) **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976.
- GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas, Pontes. 2002
- GUIMARÃES, E. **História da Semântica – Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil**. Campinas, Pontes. 2004
- GUIMARÃES, E. **“Domínio Semântico de Determinação”**. A Palavra: Forma e Sentido. Campinas, RG/Pontes. 2007
- Guimarães, E. **“A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido”** Cadernos de Estudos linguísticos, 52(2). Campinas, DL, IEL. 2009
- GUIMARÃES, E. **Análise de Texto. Procedimentos, Análises, Ensino**. Campinas, RG. 2011
- SILVA, A.V. **“O sentido da palavra poesia nas ciências da linguagem”** Tese de doutorado. Unicamp. Campinas, SP. 2012

# UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA DA EVIDENCIALIDADE EM NOTÍCIAS, COLUNAS E ARTIGOS EM J-BLOGS ESPANHÓIS<sup>1</sup>

**NADJA PAULINO PESSOA PRATA (UFC)**

**DANIEL STEPHANYE FILGUEIRAS DA SILVA (UFC)**

**JANE EYRE MARTINS CALDAS (UFC)**

**RENATA PEREIRA VIDAL (UFC)**

## Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar a categoria evidencialidade em língua espanhola em um *corpus* escrito constituído a partir de textos jornalísticos retirados da internet. Para tal, apoiar-nos-emos na vertente funcionalista, mais especificamente, na Gramática Funcional e na Gramática Discursivo-Funcional, doravante GF e GDF, respectivamente.

A opção por analisar a categoria em questão adotando o funcionalismo linguístico como embasamento teórico se deu uma vez que esta vertente conceitua a língua como um fenômeno social. À vista disso, a perspectiva funcionalista vê a língua como mais além do que um sistema de signos, como um instrumento por meio do qual os indivíduos interagem, compartilham conhecimentos, estabelecem a comunicação. Em suma, esta vertente realiza o estudo da língua em uso, ou seja, analisa um conjunto de expressões linguísticas resultantes de um contexto real de uso por falantes reais, considerando todo o contexto comunicativo, haja vista que “[...] o uso das expressões linguísticas é determinado pelas condições reais de produção [...]” (PEZATTI, 2011, p. 197).

---

1. Em trabalho anterior a este a ser publicado em livro, além destes gêneros consideramos o Editorial. Nele, tentamos esboçar graficamente a relação entre o tipo de fonte e o grau de comprometimento do falante com a informação.

Com relação a GF, este modelo, que se encaixa em uma postura funcionalista mais moderada, se trata de “[...] uma teoria geral da organização gramatical de línguas naturais que procura integrar-se a uma teoria global de interação social.”, conforme Neves (1994, p.112). A GF tem a oração como unidade máxima de análise e possui uma orientação ascendente, na qual o ponto de partida, segundo Sierra (2011, p. 105), é constituído pelos elementos léxicos de uma língua, que são os predicados e os términos, os quais se expandem, mediante diferentes elementos, até configurar uma estrutura totalmente especificada.

No tocante a GDF, este modelo, o qual corresponde a uma expansão da GF, tem o ato discursivo como unidade básica de análise e, diferente da GF, possui uma orientação descendente, uma vez que a produção do discurso tem como ponto de partida a intenção do falante. Com base em Hengeveld e Mackenzie (2011, p. 8), tal orientação é motivada pela conjectura de que quanto mais capaz o modelo seja de simular o processamento da língua no indivíduo, mais efetivo será, o que não quer dizer que se trate de um modelo do falante, mas sim de uma teoria sobre a gramática que busca demonstrar evidência psicolinguística.

No que concerne a sua estrutura, com base em Hengeveld e Mackenzie (2011), encontraremos dentro da GDF quatro componentes que se inter-relacionam: o componente gramatical, constituído pelos níveis de formulação (interpessoal e representacional) e os níveis de codificação (morfofossintático e fonológico), o componente conceitual (relacionado à intenção comunicativa), o contextual (relacionado aos aspectos do contexto) e o de saída (referente à articulação). Quanto aos níveis de formulação, o interpessoal é responsável por reunir todas as distinções da formulação que dizem respeito à relação entre falante e ouvinte, enquanto que o representacional dá conta da parte semântica, ou seja, o modo como a língua se relaciona com o mundo que representa, a partir de Hengeveld e Mackenzie (2011). Com relação à parte de codificação, o nível morfofossintático se ocupa da parte estrutural, codificando as distinções interpessoais e representacionais, e o nível fonológico, que oferece sinal ao componente da articulação, se ocupa dos aspectos que não são atendidos pelo nível morfofossintático, conforme Hengeveld e Mackenzie (2011).

Com base nas questões discutidas, justificamos uma vez mais nossa escolha por tais orientações funcionalistas, uma vez que levam em conta todo o contexto comunicativo, bem como as intenções do falante, no caso da GDF, o que torna possível

investigar as motivações que levam o usuário da língua a codificar de determinada forma suas expressões linguísticas. Com relação ao nosso trabalho, dividimo-lo da seguinte forma: primeiramente, explanamos acerca da categoria evidencialidade; em seguida, partimos para a parte metodológica com as características do *corpus* e categorias de análise e finalizamos com a discussão de algumas ocorrências.

## A evidencialidade na gramática discursivo-funcional

Baseando-nos neste modelo teórico da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), que propõe uma análise linguística voltada ao Ato discursivo e não somente à oração, nos centraremos na análise da evidencialidade em níveis maiores que a 'clause', a partir do qual será possível uma investigação mais ampla dessa categoria dentro dos contextos dos gêneros textuais propostos.

Segundo Estrada (2013), a evidencialidade é uma categoria linguística que indica diversos recursos com os quais conta o falante para transmitir no seu enunciado a fonte da informação e o modo como esta foi adquirida, o que nos faz relacioná-la com o discurso jornalístico, em que indicar ou ocultar a fonte da informação constitui uma estratégia comunicativa e cujos marcadores evidenciais, forma específica cujo significado faz referência à fonte da informação, são expressos dos seguintes modos como, por exemplo, "según dejaron trascender fuentes oficiales", "información de primera mano", "fuentes confiables", etc. (BERMÚDEZ, 2005, p.1).

Hengeveld e Mackenzie (2008) mostram que a GDF põe uma interconexão entre os diferentes níveis de organização da gramática (Interpessoal, Representacional, Morfosintático e Fonológico), hierarquicamente ordenados, considerando as decisões comunicativas que o falante faz. Além disso, relaciona esses níveis aos componentes Conceitual e Contextual relativos ao conhecimento de mundo do falante, suas capacidades comunicativa e linguística; e às informações derivadas da situação de interação, respectivamente.

Ao apoiarmo-nos na perspectiva teórica da GDF, ser-nos-á permitido averiguar de que modo as intenções comunicativas determinam as unidades evidenciais e como estas estão organizadas de acordo com a realidade que descrevem. Assim, com base na GDF, estabeleceremos uma relação entre os níveis, as camadas e os tipos de evidencialidade, conforme Quadro 1:

Quadro 1: Categorias dos evidenciais na GDF

Categorias Evidenciais			
NÍVEL	TIPO		CAMADA
<b>Interpessoal</b>	<b>Reportativa</b>		<b>Conteúdo Comunicado</b>
<b>Representacional</b>	<b>Inferida</b>	Sensorial	<b>Conteúdo proposicional</b>
		Conhecimento existente	
		Conhecimento geral da comunidade	
	<b>Genericidade</b>		<b>Estado-de-coisas</b>
<b>Percepção do evento</b>			

Fonte: Prata et al. (no prelo) a partir da GDF<sup>2</sup>

A GDF faz a distinção conceptual-funcional da evidencialidade em dois tipos: (1) reportativa (uma categoria do nível Interpessoal) e (2) a evidencialidade propriamente dita (uma categoria do nível Representacional). Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), a ‘reportativa’ indica que o Falante está relatando um Conteúdo Comunicado expresso por outro Falante dentro de seu próprio Ato Discursivo; enquanto que, na ‘evidencialidade propriamente dita’, a marca evidencial especifica como o falante obteve a informação contida no Conteúdo Proposicional: (i) por meio de uma inferência ou (ii) por meio de um conhecimento partilhado pela comunidade; ou ainda na camada do “Estado-de-coisas” (EC), quando se indica se o EC foi testemunhado pelo falante.

Segundo Estrada (2013), a maioria dos estudos sobre a evidencialidade em espanhol foi influenciada pelo trabalho pioneiro de Reyes (1994), que mostra, de modo geral, que mediante o uso de procedimentos léxicos e gramaticais pode-se

---

2. Este quadro foi elaborado pelos participantes do projeto e consta em outro artigo apresentado ao Gelne em 2016.

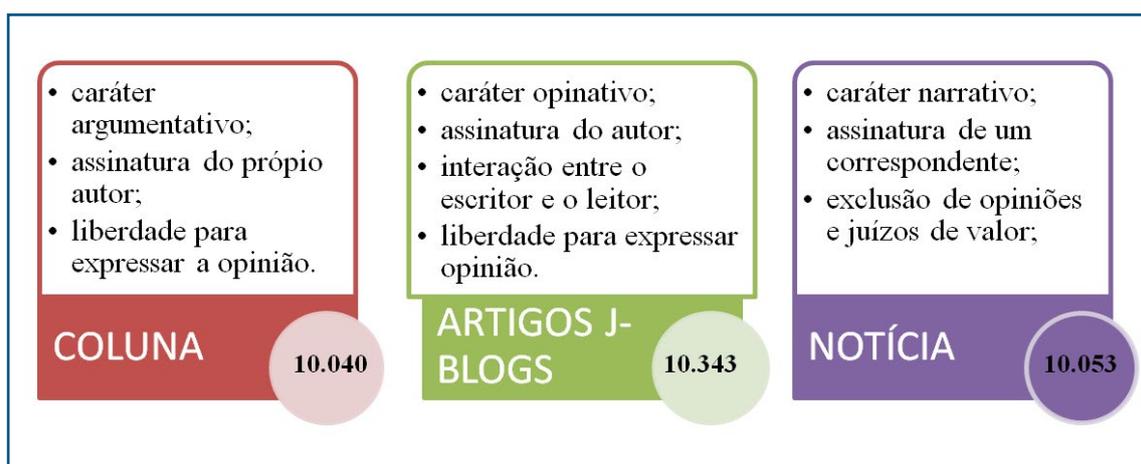
marcar a fonte da informação e o grau de comprometimento do falante com relação ao seu enunciado. Cornillie (2015) explica que o uso dessas estruturas linguísticas em espanhol, diferente das demais línguas polisintéticas no mundo, não constitui um paradigma de marcador obrigatório podendo a evidencialidade vir a ocorrer por meio de adjetivos, advérbios, verbos auxiliares e tempos verbais, como também em construções parentéticas com verbos *dicendi*.

## Metodologia de investigação: *corpus* e categorias de análise

A partir dos objetivos estabelecidos para a realização desta pesquisa, decidimos por trabalhar com um *corpus* (formado por três *subcorpus*) composto de ocorrências reais extraídas de textos jornalísticos escritos em língua espanhola, tendo em vista que nossa análise se fundamenta sob a perspectiva funcionalista.

Para a construção do *corpus*, foram selecionados os dois ‘periódicos’ mais lidos pelos espanhóis, segundo a Associação para a Investigação de Meios de Comunicação (AIMC, fev./nov. 2015), em suas versões *on line*. Foram coletadas cerca de 30.000 mil palavras divididas de modo equitativo entre os gêneros ‘coluna’, ‘artigos em j-blogs’ e ‘notícia’, constituindo, assim, um *subcorpus* para cada gênero textual.

O esquema a seguir mostra de forma sucinta, as características gerais de cada gênero que constituem os *subcorpus* desta pesquisa.



Por se tratar de uma pesquisa de caráter inicial (pertencente ao Projeto de Pesquisa “A Evidencialidade em textos jornalísticos: uma análise funcionalista em

língua espanhola”<sup>3</sup>), decidimos por analisar e descrever o uso de marcadores de evidencialidade em língua espanhola nos gêneros textuais citados anteriormente, estabelecendo as seguintes categorias de análise: (i) Aspecto Contextual (gênero textual: coluna, notícia e artigos em j-blogs); (ii) Tipo de fonte informativa: falante, terceiro definido, terceiro indefinido, genérico (senso comum) e (iii) Aspecto morfosintático (classe morfológica do marcador de evidencialidade: verbo, substantivo, preposição, advérbio e adjetivo).

Levando em consideração as categorias estabelecidas acima, passaremos à análise qualitativa de algumas ocorrências encontradas em cada *subcorpus* e aos resultados preliminares obtidos. Nas análises, adotamos a nomenclatura P1 e P2 para os periódicos.

## Resultados: análise e discussão dos dados

No *subcorpus* Coluna, percebemos o uso de diversos tipos de fonte da informação, muitas vezes indicadas a partir de evidenciais não tão característicos como ocorrem com os verbos *dicendi*. Vejamos o uso da construção “dejar su huella”:

(1) Hubo competencia. La alcaldesa de Barcelona, Ada Colau, **dejó su huella** en Twitter: “Vergüenza de estado aquel que celebra un genocidio”. (P1 - Coluna).

Em (1), a expressão “dejar su huella”, que, neste contexto, funciona com um significado de deixar marcas ou rastros, o falante pode, de alguma forma, estar caracterizando a fonte definida “La alcaldesa de Barcelona, Ada Colau”. Durante as análises, vimos alguns casos como este em que o falante não só coloca uma marca evidencial para indicar a fonte, bem como o modo de obtenção da informação, mas também atribui a esta marca uma carga semântica que transcende o significado de indicação da fonte do conteúdo comunicado, podendo indicar um sentimento, um posiciona-

---

3. Projeto coordenado pela profa. Dra. Nadja Paulino Pessoa Prata (DLE/UFC) e conta com apoio dos seguintes colaboradores: Profa. Dra. Izabel Larissa de Lucena Silva (UNILAB), e os alunos Daniel Stephanye Filgueiras da Silva (UFC), Jane Eyre Caldas Martins (UFC) e Renata Pereira Vidal (UFC).

mento (atitude), uma caracterização da fonte, etc. Com relação ao efeito de ‘credibilidade’ da informação, podemos dizer que, ao usar marcas gráficas, como as aspas, o escritor dá a impressão de maior credibilidade, uma vez que traz a informação tal qual como foi escrita na postagem do *twitter*.

Em (2), a fonte da informação é o próprio falante, neste caso, o escritor da coluna em questão, que se indica como fonte do conteúdo comunicado mediante um adjetivo (‘obvio’), classe morfológica pouco frequente no *corpus* com base na leitura já realizada:

(2) Es **obvio** que los independizados lo serían de la Constitución española y por lo tanto no se ve cómo podrían beneficiarse de lo que dispondría esa Constitución arrasada. (P1 – Coluna).

Como podemos ver o falante não se indica como a fonte da informação de forma explícita, marcando a primeira pessoa por meio de verbos *dicendi*, verbos de opinião, etc. Neste caso, o adjetivo em posição predicativa indica que a fonte é o falante, uma vez que mostra que este obteve a informação por meio de uma inferência, ou seja, a partir da avaliação dos fatos, que o levou a especular a informação como sendo óbvia.

No *subcorpus* Artigos em J-blogs, observamos também uma variedade de fontes de informação e distintos evidenciais utilizados para marcar essas fontes. Em (3), a marca de evidencialidade se dá por meio do verbo ‘intuir’ (‘intuye’), que aparece em uma posição medial entre a fonte definida e o conteúdo asseverado:

(3) Amazon **intuye** y probablemente acierte, **que** un nuevo Kindle de 70 euros no conseguirá ampliar el mercado a estas alturas pero uno de 300 la consolidará como la empresa mejor situada en el mundo de las publicaciones digitales. (P1 – Artigo em J-blog)

Percebemos que a fonte ‘terceira definida’, ‘Amazon’, expressa uma informação, provavelmente, obtida por meio de uma inferência elaborada mentalmente (menos direta) baseada em um conjunto de informações sobre o produto, informações essas de caráter estrutural e funcional sobre o “lector de libros electrónicos”, que tornam

possível para a fonte intuir sobre determinada ‘verdade’. O próprio significado do verbo, “perceber íntima e instantaneamente uma ideia ou verdade, tal como se a tivesse a vista” (RAE, 2014), favorece a ideia de que a partir da compreensão desse conjunto de informações é possível chegar a uma conclusão como a que a fonte ‘Amazon’ afirma por meio da proposição e que somente terá sua efetivação num momento futuro ao da enunciação, ou seja, apresenta um aspecto de previsão.

Em (4), a fonte é do tipo definida e está marcada pelo uso do substantivo próprio *Mikel Iturriaga*, o que torna a expressão como referencial único dentro do discurso.

(4) *Mikel Iturriaga*, responsable de ‘El Comidista’ **responde**: “El texto al que se refiere la lectora no era mío, sino de Mar Calpena. En cualquier caso, como responsable de ‘El Comidista’, lo único que puedo decir es que en el caso de ‘A Coruña’ la lectora tiene toda la razón...” (P2 – Artigo em J-blog)

A marca de evidencialidade aparece localizada entre a fonte da informação e o conteúdo comunicado manifestada pelo uso do verbo *dicendi* ‘responde’, seguido da utilização de marcas gráficas (aspas), o que denota que o modo de obtenção dessa informação se deu de forma direta. Além disso, o uso das aspas configura a ideia de literalidade, ou seja, a informação é repassada ao leitor de forma objetiva escrita de modo fidedigno ao discurso da fonte. A escolha pelo discurso direto propicia ao articulista um “descomprometimento em relação ao conteúdo comunicado” (SILVA, 2013) e põe sobre a fonte a responsabilidade pela informação divulgada.

No *subcorpus* Notícia, devido ao modo objetivo do correspondente ao dar a conhecer os acontecimentos de interesse coletivo sem incluir opiniões e juízos de valor, estamos percebendo uma maior ocorrência de fontes do tipo definida. Charaudeau (2007) afirma que esse modo de identificação da fonte influi na credibilidade da notícia, pois produz um efeito de verdade e seriedade profissional a esta. Vejamos:

(5) El ministro de Defensa, *Pedro Morenés*, **ha recordado** que el año pasado se contabilizaron 3.500 ahogados y 170.000 rescatados en las aguas que separan Libia de las costas italianas, mientras que en lo que va de año hay constancia de casi 1.500 víctimas mortales más. (P2 - Notícia)

Em (5), o uso do verbo ‘recordar’, no pretérito perfeito composto, indica dados contabilizados no passado e que estão relacionados com o momento presente. O referido verbo se presta à expressão da evidencialidade e sinaliza a fonte da informação, que é do tipo definida, uma vez que é possível identificá-la por meio do substantivo próprio “Pedro Morenés”, que recorda alguns dados de mortes e resgates nas águas que separam a Líbia das costas italianas e os relaciona com o momento presente, afirmando que neste ano já houve um aumento de 1.500 vítimas comparado ao ano que passou.

Apesar de haver uma predominância de fontes do tipo definida, vale ressaltar que, nesse gênero jornalístico, nem sempre o correspondente poderá informar claramente a sua fonte da informação como, por exemplo, nos casos de confidencialidade. Entretanto, segundo um ‘Manual de Estilo’<sup>4</sup>, “nos casos de confidencialidade o jornalista deve se esforçar para atribuir a informação com a maior precisão possível [...]”. Vejamos:

(6) “Hemos dicho lo que teníamos que decir, las cifras son las que tenemos”, **explican** *fuentes europeas* muy cercanas al proceso. (P1 - Notícia)

Em (6), vemos que o jornalista utiliza o verbo *dicendi* ‘explicar’ após o discurso direto, isto é, após a transcrição precisa da informação fornecida por essas ‘fuentes europeas’, utilizando-se do uso das aspas. Apesar de a fonte parecer ser definida, já que há uma expressão ocupando a posição da informação, a fonte, neste caso, é semanticamente indefinida, pois está expressa pelo sintagma nominal, ‘fuentes europeas’, que tem como núcleo um substantivo contável no plural. Segundo Charau-deau (2007), isso influi na credibilidade da informação, vindo a produzir um efeito de suspeita, visto que a identificação da fonte é feita de maneira anônima. Verificamos que o falante, neste caso, segue a recomendação do ‘Manual de Estilo’, isto é, provavelmente devido à confidencialidade, não define claramente a fonte da informação e atribui a ‘fuentes europeas’ a ideia de que são muito próximas ao processo do qual se fala na notícia.

---

4. Tradução nossa. O original diz: “En los casos de confidencialidad el periodista debe esforzarse por atribuir con la mayor precisión posible la información, [...]”.

Em (7), a fonte é do tipo definida, entretanto, neste caso, temos uma ‘instituição’ representada pelo sintagma nominal ‘el Ministerio de Empleo’ (o Ministério do Emprego). Este tipo de fonte produz um efeito de seriedade profissional e parece dar mais credibilidade a veracidade da informação, tendo em vista que a ‘instituição’ é de interesse social e funciona como uma organização social que controla o funcionamento da sociedade e, portanto, dos indivíduos. Vejamos:

(7) En términos desestacionalizados, el paro registrado disminuyó en 34.160 personas en el quinto mes del año, “el mejor dato registrado en un mes de mayo”, **según** ha resaltado el Ministerio de Empleo, que ha añadido que el paro desestacionalizado acumula ya 25 meses de caídas.  
(P1 – Notícia)

Além disso, neste caso, percebemos que o falante expressa a evidencialidade por meio da preposição ‘según’ (segundo) e, esta, além de indicar a fonte, mostra que a informação foi obtida por meio de uma evidência sensorial não-visual do ‘Conteúdo Comunicado’ expresso pelo uso das aspas, como também parece atribuir a esta fonte uma atitude, por meio do verbo ‘ha resaltado’, de ter dado relevância, destaque a informação.

## Considerações finais

Mediante as análises preliminares estabelecidas neste trabalho, verificamos como ocorre a marcação da fonte de informação em textos jornalísticos escritos em língua espanhola e sua relação com o fator credibilidade, no que diz respeito à divulgação das informações obtidas, levando em consideração as características dos gêneros analisados. A opção por analisar a evidencialidade sob uma perspectiva funcionalista se baseia no fato de que esta corrente linguística conceitua a língua como um fenômeno social, ou seja, como um instrumento de interação, com o qual os indivíduos compartilham conhecimentos e estabelecem a comunicação.

Observamos a presença de uma grande variedade de marcadores evidenciais utilizados no contexto dos três gêneros aportados. Morfologicamente, não há uma classe responsável pela representação desta categoria linguística, visto que, as

ocorrências analisadas mostram o uso de substantivo, preposição, adjetivo, verbos *dicendi*, expressões linguísticas e outros verbos não tão característicos quanto ao uso da evidencialidade. Por outro lado, observou-se que a fonte definida é a mais comum em textos jornalísticos, acreditamos que isso acontece devido a necessidade que o jornalista tem em não se comprometer com a informação e transmitir maior confiabilidade ao conteúdo comunicado.

Esses resultados preliminares apontam ao amplo campo de estudo que essa categoria proporciona. Além disso, mostram a importância de analisar e descrever esses fenômenos linguísticos de modo a abarcar outros contextos genéricos a fim de observar as possibilidades que a língua em seu uso real propicia aos seus falantes.

## Referências

- BERMÚDEZ, F. W. Evidencialidad: La codificación lingüística del punto de vista. Estocolmo, 2005. 201 p. Tesis doctoral. Disponível em: <<http://su.diva-portal.org/smash/get/diva2:199511/FULLTEXT01>>. Acesso em: 12 ago. 2016.
- CHARAUDEAU, P. **Discursos das mídias**. Tradução Angela S.M. Corrêa. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- CORNILLIE, B. Los auxiliares evidenciales en español. In: RUIZ, R. G.; ALEGRÍA, D. I.; LAMAS, O. L.(eds). 2015. **La evidencialidad en español: teoría y descripción**. Editorial Vervuert/Iberoamericana. Disponível em: <<http://goo.gl/7QLg0S>>. Acessado em: 10 ago. 2016.
- DE MOURA NEVES, Maria Helena. Uma visão geral da gramática funcional. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 38, 1994. Disponível em:<<http://goo.gl/fdSjaK>>. Acesso em: 22 ago. 2016.
- ESTRADA, A. M. **Panorama de los estudios de la evidencialidad en el español: teoría y práctica**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Teseo, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/T7n-CQH>>. Acesso em: 11 ago. 2016.
- GRIJELMO, A.; SERNA, J. DE LA. **Manual de estilo del diario “EL PAÍS” de España**. 429p. Disponível em: <<http://blogs.elpais.com/files/manual-de-estilo-de-el-pa%C3%ADs.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2016.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- \_\_\_\_\_. **La Gramática Discursivo-Funcional**. 2011. Disponível em: <http://minerva.usc.es/bitstream/10347/7327/1/2-Hengeveld-Mackenzie.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2016.
- Libro de estilo del diario el mundo. p. 4. [20--?]. Disponível em: <[http://www.masmenos.es/wpcontent/uploads/2002/01/librodeestilo\\_elmundo.pdf](http://www.masmenos.es/wpcontent/uploads/2002/01/librodeestilo_elmundo.pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2016

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. 23. ed. Madrid, 2014. Disponível em <<http://dle.rae.es/?w=diccionario>>. Acesso em: 2 jul. 2016

REYES, G. La Evidencialidad. In: \_\_\_\_\_. Los procedimientos de cita: citas encubierta y ecos. Madrid: Arco/Libros, 1994. Cap. II, p.25-37.

SIERRA, Ligia Ochoa. La Gramática Funcional de Dik. **Folios: revista de la Facultad de Humanidades**, n. 34, p. 103-112, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/folios/n34/n34a09>. Acesso em: 22 ago. 2016.

SILVA, Izabel Larissa Lucena. **A expressão da evidencialidade no português escrito do século XX no contexto de gêneros textuais**. 2013. 224 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2013.

## OS SENTIDOS DA PALAVRA “LINGUAGEM” NA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO DE CELSO CUNHA E LINDLEY CINTRA: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA.

ROSSANA OLIVEIRA REIS (UESB)

PRISCILA TAYLANA CARVALHO DE SOUZA (UESB)

ADILSON VENTURA DA SILVA (UESB)

### Introdução

O trabalho que empreendemos é resultado de análises que têm como fim entender a construção do sentido de palavras que influenciam o processo de interpretação. Entendemos que as concepções da palavra *linguagem*, apresentadas em materiais didáticos, contribuem para a compreensão de textos, pois o que se entende por *linguagem* interfere na relação dos leitores com a interpretação textual. Pensando na relevância desses estudos, analisamos os sentidos da palavra *linguagem* presente nos dois capítulos iniciais da *Gramática do Português contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra (1998). Com esse artigo contribuímos com um trabalho maior que vem sendo desenvolvido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que procura compreender os sentidos da palavra *interpretação* presentes nos materiais utilizados para ensino no Brasil, e, assim, entender o que se entende por *interpretação* nesses materiais.

Para tal análise, nos posicionamos a partir da Semântica do Acontecimento, teoria proposta por Eduardo Guimarães, e que tem como base os estudos da enunciação propostos por Benveniste, pelos estudos da argumentação, propostos por Ducrot, além de um diálogo decisivo com a Análise de Discurso. A partir da teoria de Guimarães é que pudemos empreender a análise dos sentidos produzidos em um texto a partir dos procedimentos enunciativos da reescrituração e articulação. O nosso objetivo era conseguir compreender a construção dos sentidos da palavra

*linguagem* no referido material, buscando observar as suas reescrituras e articulações no texto. Com base na teoria desenvolvida por Guimarães é que construímos o DSD (Domínio Semântico de Determinação) para apresentar as relações de significação que ocorrem no seguinte texto.

## A semântica do acontecimento

Segundo Guimarães (2002), o sentido do enunciado se dá no momento da enunciação, ou seja, no momento no qual há a relação entre o locutor e a língua e, por conta disso, uma enunciação é sempre distinta da anterior. Porém, a enunciação não é dependente somente do sujeito no momento em que fala, ela está funcionando historicamente, ou seja, ao ser enunciada ela recorta um memorável e cria uma futuridade. O sentido não é construído porque referencia algo, ele é resultado de uma ação enunciativa, na qual o sentido é produzido por uma relação da linguagem com ela mesma. “[...] São as relações enunciativas do acontecimento que constituem sentido [...]” (GUIMARÃES, 2009, p.50). O autor ainda explica que as relações de referenciação são importantes para a semântica, porém, esse fenômeno ocorre em uma esfera extralinguística que corrobora com a construção de linguagem.

A enunciação opera “Por uma relação do locutor com aquilo que ele fala, do locutor com o acontecimento no qual ele fala aquilo que ele fala [...] por uma relação entre os elementos linguísticos.” (GUIMARÃES, 2009, p.50). Contudo, a enunciação não ocorre no tempo cronológico no qual costumamos pensar, ela possui a sua própria temporalidade, e esta funciona a partir do acontecimento do dizer. No momento em que algo é enunciado, faz-se um recorte de um memorável no passado – em que o memorável é algo que possui sentido dentro de uma comunidade linguística e já foi dito anteriormente – e abre uma latência para o futuro, ou seja, cria possibilidades de interpretação. Ainda sobre a temporalidade da enunciação, Guimarães explica que a temporalidade não tem origem no sujeito no momento em que ele fala algo, mas que é o próprio acontecimento do dizer quem cria a sua temporalidade.

Contudo, após compreendermos a temporalidade enunciativa, é necessário observar qual o lugar onde se dá as enunciações. Guimarães explica que a enunciação ocorre dentro de um espaço político e em cenas enunciativas – ao passo que ele define como espaço político o lugar de disputa da palavra –. A cena enunciativa é o

recorte no espaço da enunciação no qual “[...] Uma cena enunciativa caracteriza por constituir modos específicos de acesso à palavra, dadas as relações entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas.” (GUIMARÃES, 2002, p.23). Ou seja, as cenas enunciativas agenciam o lugar social de onde o Locutor diz algo.

O que Guimarães chamou de Locutor – ou L– foi esse Locutor, que não é o sujeito real, mas a fonte do dizer, e, como fonte, cabe a ele marcar o presente do acontecimento enunciativo. Entretanto, Guimarães explica que, para que o Locutor represente a origem do dizer, é necessário que ele esteja alocado em um lugar social que o permita dizer algo. Ao exemplo do locutor-presidente que pode decretar uma lei, por razão do lugar social de presidente que ele ocupa, ao passo que ao locutor-secretário não é permitido realizar a mesma ação enunciativa.

## Procedimentos enunciativos

Para compreender como se dão os sentidos, Guimarães propõe analisarmos os procedimentos de agenciamento enunciativos que funcionam dentro de um texto, são eles: a reescritura e a articulação. Portanto, será através desses dois mecanismos que apresentaremos o processo de significação e os sentidos que foram produzidos no corpus de nossa análise.

Para explicar o processo de reescritura – que é um dos procedimentos de análise que nos permite estudar a atribuição de sentido à palavra –, Guimarães (2007, p. 84) diz que “A reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si.”, ou seja, no processo de reescrituração a palavra é ressignificada toda vez em que esta for reescrita no texto. O linguista complementa informando que o processo de reescrituração acaba por criar a predicação, e esta seria importante no ponto em que trata das ligações que são feitas no texto e que acabam produzindo os sentidos. A reescritura pode aparecer em um texto por: expansão, condensação, negação, retomada ou sendo redita no texto de maneira diferente. Ela pode aparecer em uma relação de: sinonímia, como uma especificação, um desenvolvimento, generalização, totalização ou enumeração.

O que ocorre na reescritura por expansão é que o termo sobre o qual está sendo dito algo acaba sendo ampliado, o oposto do é realizado quando a reescritura

aparece por condensação, pois, nesse caso, a enunciação é condensada, ou seja, reduzida a uma forma menor. A reescritura pode aparecer por uma negação do enunciado anterior, ou com uma retomada do termo para que algo seja explicitado sobre ele. Por outro lado, a reescrituração de um termo pode aparecer substituída por outra expressão. Desse modo, seja qual for a forma em que a enunciação venha reescrita, é possível entendermos quais são os sentidos que ali estão sendo criados. Mas, para isso, precisamos, também, nos atentar às articulações que a expressão apresenta no texto.

Se com as reescrituras podemos observar as diversas formas como uma palavra vem reescrita no texto, com a articulação, o que conseguimos notar, são as relações entre as palavras e o processo no qual essas relações fazem algo significar. Ou seja, é na contiguidade das palavras que se dão os sentidos em um enunciado. De acordo com Guimarães, as relações de articulação ocorrem de três maneiras diferentes, sendo elas: por dependência, por coordenação e por incidência.

Eduardo Guimarães explica que, na articulação por dependência, os elementos linguísticos estão organizados de tal forma que acabam se tornando um só. A menção de apenas um dos constituintes já é suficiente para retomar todo o enunciado. Por outro lado, na articulação por coordenação temos constituintes linguísticos de mesma natureza que, do modo como estão agrupados no enunciado, passam a constituir um só elemento. Por último, Guimarães apresenta a articulação por incidência, essa relação se dá entre componentes linguísticos de natureza distinta, que juntos formam um novo componente de natureza similar ao último deles.

Além dos procedimentos de reescritura e articulação, temos a enumeração que pode ou não ocorrer dentro do texto. Guimarães explica que a enumeração reúne um conjunto de enunciados – ou uma adição ou agrupamento de palavras – e que juntos eles formam uma única unidade de sentido. Ainda em conformidade com o que Guimarães (2007, p.59) apresenta, a enumeração é “[...] Uma articulação coordenada que pode ser uma reescrituração que expande (ou condensa), um termo presente ou não, algo enunciado como “um todo”.” Ou seja, a enumeração é uma articulação em que os seus constituintes se relacionam e fazem parte dos sentidos do enunciado, em que “o enumerado atribui sentido aos enumeradores”.

## Domínio Semântico de Determinação (DSD)

Importa dizer que, para essa corrente teórica, a relação com o exterior é construída linguisticamente. “A relação de uma expressão com as coisas [...] é relação de sentido entre palavras” (GUIMARÃES, 2007, p. 78), e as palavras significam de acordo com as relações de determinação semântica estabelecidas na enunciação. E analisar o sentido de uma palavra é constituir seu Domínio Semântico de Determinação (DSD), que busca explicar o funcionamento do sentido da palavra.

O DSD é a equivalência gráfica das relações de significação de enunciados dentro de um texto. É nele que estarão representadas as relações de determinante e determinado, entre as palavras, que implicam nos sentidos de um enunciado. Guimarães explica que a relação de determinação não é dada em relação à palavra quanto referenciadora de um objeto, pelo contrário, o autor explica que essa relação de sentidos é dada entre uma palavra e outra.

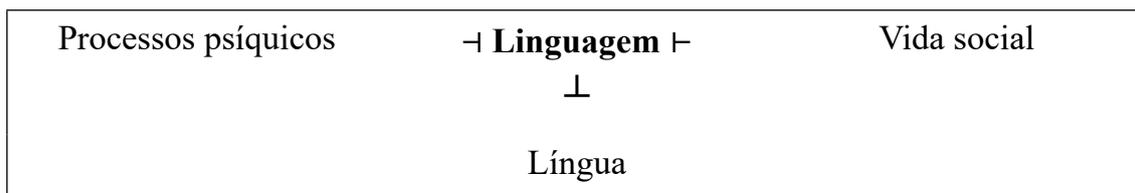
## Linguagem

A escolha da Gramática do português contemporâneo de Cunha e Cintrase justifica pelo fato desse material ser muito utilizado para o ensino da gramática da língua portuguesa nas escolas brasileiras. Pela sua relevância no ensino, a Gramática do Português contemporâneo ainda hoje é utilizada para a elaboração de outros materiais didáticos. Sendo assim, nos atentamos a importância de se estudar a construção de sentidos da palavra “linguagem” nesse material, pois, a partir dessa compreensão é que podemos entender os sentidos e interpretações feitas com base nessa gramática.

A princípio, observamos todas as reescrituras da palavra “linguagem” no correr do texto, para que depois conseguíssemos determinar as articulações que foram feitas entre a palavra analisada, suas reescrituras e o restante do texto. Com isso, conseguiremos, ao final, apresentar os DSD’s e os sentidos criados no texto. Para construir os DSD’s, faremos uso dos sinais gráficos propostos por Guimarães:  $\vdash$  (determina algo),  $\dashv$  (está sendo determinado por algo), ----- (sinônimo) e ——— (oposição).

A palavra “linguagem” aparece articulada por coordenação com os termos “Língua, discurso e estilo”. Em seguida, temos uma reescritura de “linguagem” por repetição e outra por expansão e desenvolvimento, que estão determinando linguagem, como representado do DSD abaixo:

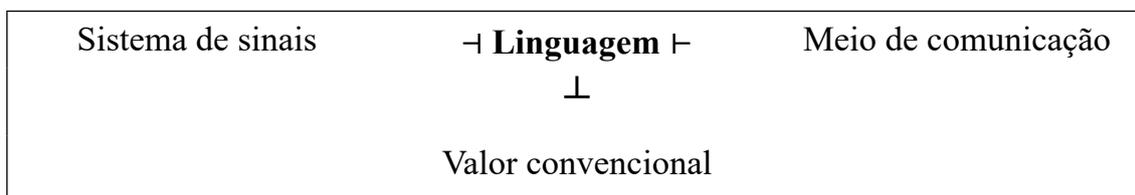
Quadro 1.



O que podemos observar é que, como representado no DSD, dentro da reescritura por expansão e desenvolvimento, os termos “processos psíquicos” e “vida social” estão construindo o sentido de linguagem nesse texto específico. Ou seja, de acordo com essa primeira observação, a linguagem tem caráter psíquico e é produto da vida social, ao passo que, através dela, é que se dá a concretização de qualquer língua.

Ainda no primeiro parágrafo do texto, “linguagem” é reescrita por substituição pelo “O termo” e reescrita por definição com “[...]O sistema de sinais que serve de meio de comunicação entre os indivíduos[...]” (Cunha e Cintra, 1998, p. 1). Logo em seguida, há uma reescritura por repetição que se articula, por incidência, com “[...] Desde que se atribua valor convencional a determinado sinal [...]”. Com essas observações podemos representar as relações de determinação da seguinte forma:

Quadro 2.



Ou seja, “Sistema de sinais”, “valor convencional” e “Meio de comunicação”, estão, nesse trecho, determinando os sentidos da palavra “linguagem”, de forma a

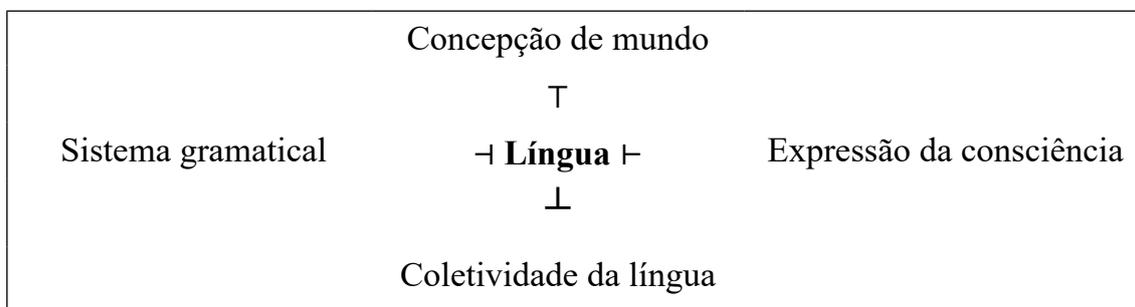
construir como “linguagem” é um sistema de sinais que tem valores atribuídos por convenção e que serve para a comunicação entre os indivíduos. Além do mais, no final do trecho, temos uma reescritura por repetição e determinação que se articula com uma reescritura de linguagem por especificação, em que linguagem aparece dividida como “linguagem falada” ou “articulada”.

De acordo com Guimarães (2007, p.79), “[...] Não há relação de determinação sem que ela seja nas duas direções e construída na enunciação. [...]”. Sabendo disso, apresentaremos os DSD’s das palavras “língua, discurso e dialeto” que, nessa gramática, acabam por construir os sentidos de “linguagem”.

No segundo parágrafo do primeiro capítulo, encontramos uma reescritura por definição da palavra *língua* como mostra o seguinte trecho: “Língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos”. Já no fragmento “Expressão da consciência de uma coletividade, a LÍNGUA é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age”, temos, inicialmente, em “expressão da consciência de uma coletividade”, uma reescritura por expansão que produz um desenvolvimento; e, no último período, temos uma reescritura de língua por repetição e uma articulação.

Ainda no mesmo parágrafo, localizamos as seguintes reescrituras por elipse de língua: “utilização social da faculdade de linguagem”, “criação da sociedade”, “não pode ser imutável” e “tem de viver em perpétua evolução”. Observamos que cada reescritura e articulação constituem o sentido de língua e com base nas análises construímos o seguinte DSD dessa palavra:

Quadro 3.

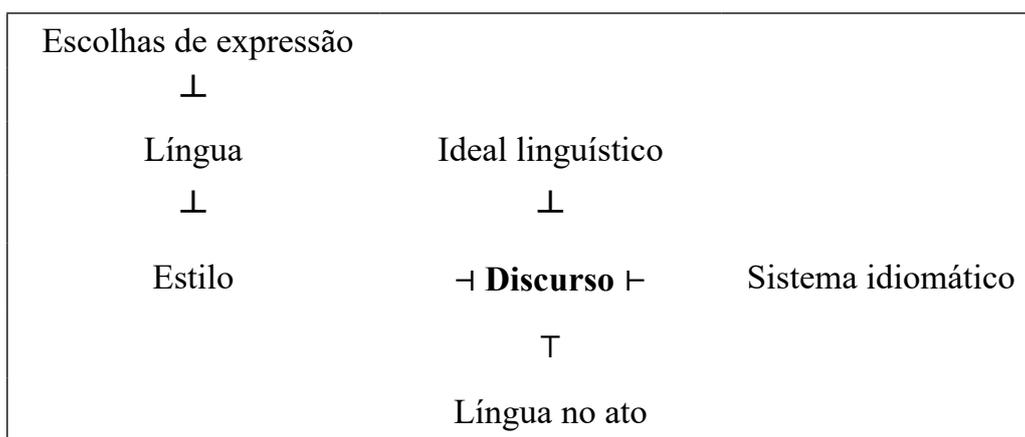


O que podemos ver representado no DSD é que, “Sistema gramatical, Expressão da consciência e Coletividade da língua” estão determinando o sentido de Língua, en-

quanto Língua determina a concepção de mundo. Ainda nesse parágrafo, pudemos observar que a expressão “Faculdade da linguagem” aparece como uma reescritura por especificação do que Cunha e Cintra inicialmente definem como Linguagem. E, o que o texto apresenta, é uma articulação de língua com a faculdade da linguagem.

No parágrafo seguinte, temos discurso articulando-se com língua em “Discurso é a língua no acto, na execução individual”, em que podemos apontar as expressões “língua no acto” e “execução individual” que estão construindo o sentido de discurso. Ainda nesse trecho, temos as expressões “ideal linguístico”, “sistema idiomático” e escolhas de expressão que também influenciam no que entendemos por discurso na referida gramática. O que também é apresentado no corpo do texto é a palavra *Língua*, que acaba por determinar a expressão “Estilo”. Ilustramos essas relações entre determinantes e determinados com o seguinte DSD:

Quadro 4.



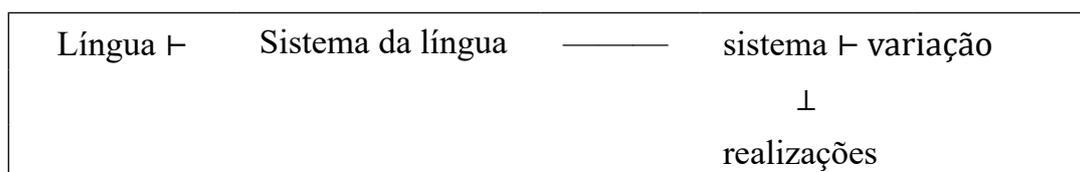
Mais adiante, encontramos uma reescritura por repetição de linguagem articulada com língua e discurso por coordenação, produzindo uma enumeração. Aqui, língua e discurso estão determinando o sentido de linguagem. Em seguida, as expressões “linguagem, língua e discurso” aparecem reescritas por condensação em “as três denominações” que, por sua vez, articula-se com “comunicação humana”, cujo sentido é determinado por língua. Além disso, pudemos observar que a expressão “três denominações” está determinando o sentido de comunicação humana.

No segundo tópico da gramática, observamos na expressão “Língua e sociedade: variação e conservação linguística”, uma articulação entre as palavras língua

e sociedade, reforçando o caráter social que a língua tem e que os gramáticos defendem nesse livro. Em seguida, temos no fragmento “[...] VARIAÇÕES DIAFÁSICAS (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc.)”, observamos uma enumeração de reescrituras das palavras língua e linguagem. Cada reescritura articula-se a um termo que especifica e, portanto, traz novos significados à língua e à linguagem. Para a palavra *língua* temos: Língua ⊢ padrão, Língua ⊢ falada, Língua ⊢ escrita e Língua ⊢ literária. Enquanto que linguagem aparece articulada por dependência por: “linguagens especiais, linguagem dos homens e linguagem das mulheres”.

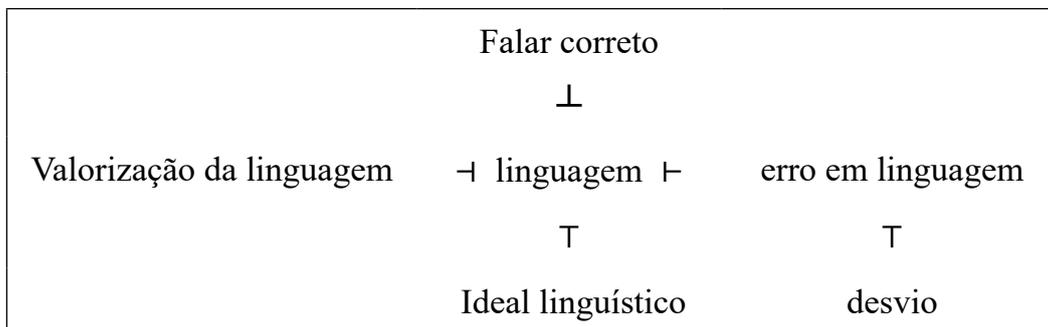
Em seguida, o texto apresenta uma articulação de língua, explicada na enumeração, com os termos “competência linguística” e “variação”. Ademais, a expressão “sistema da língua” também aparece articulada com o que os autores explicam por língua e se articula por especificação com a enumeração “[...] fonético, fonológico, morfológico, sintático etc. [...]” (CUNHA e CINTRA, 1998, p. 2). Cunha e Cintra (1998) retomam a enumeração com uma reescritura por condensação e substituição em que o termo “multiplicidade de realizações” condensa a enumeração que havia sido feita, articulando-a com uma reescritura por redução em que sistema da língua aparece como sistema. Para esse trecho, temos o seguinte DSD:

Quadro 5.



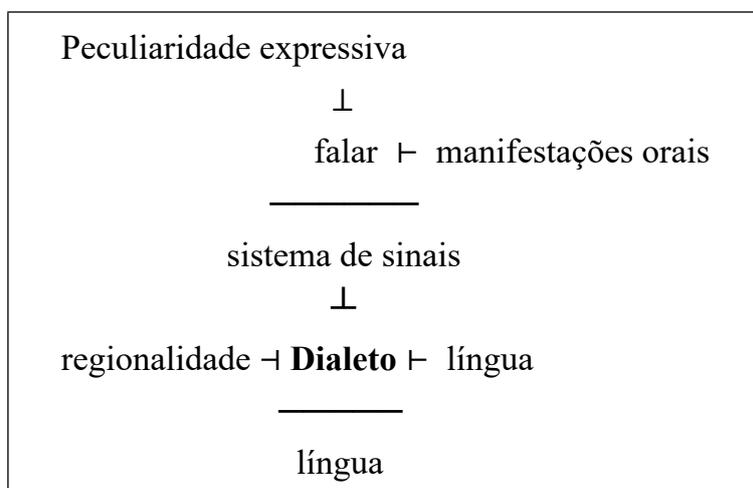
Mais à frente, encontramos duas reescrituras por repetição de “linguagem”. A primeira encontra-se na expressão “erro em linguagem” e constitui uma oposição com “falar correcto” que se articula com “o falar que a comunidade espera”, enquanto “erro em linguagem” está articulada com “desvios desta norma”. “falar correcto” e “erro em linguagem” estão, portanto, determinando o sentido de “linguagem”. A segunda reescritura por repetição aparece em “valorização da linguagem”, a qual se articula com “ideal linguístico”. Podemos, então, representar essas relações de determinação com o DSD abaixo:

Quadro 6.



No terceiro tópico do primeiro capítulo da gramática temos, já no subtítulo, uma articulação entre “língua”, “diversidade geográfica”, “dialeto” e “falar”. Ao que, no corpo do texto, dialeto é definido como uma forma regional da língua. Ao que os gramáticos dão continuidade apontado as diferenças entre o dialeto e o falar. Ilustramos esses apontamentos com o DSD:

Quadro 7.



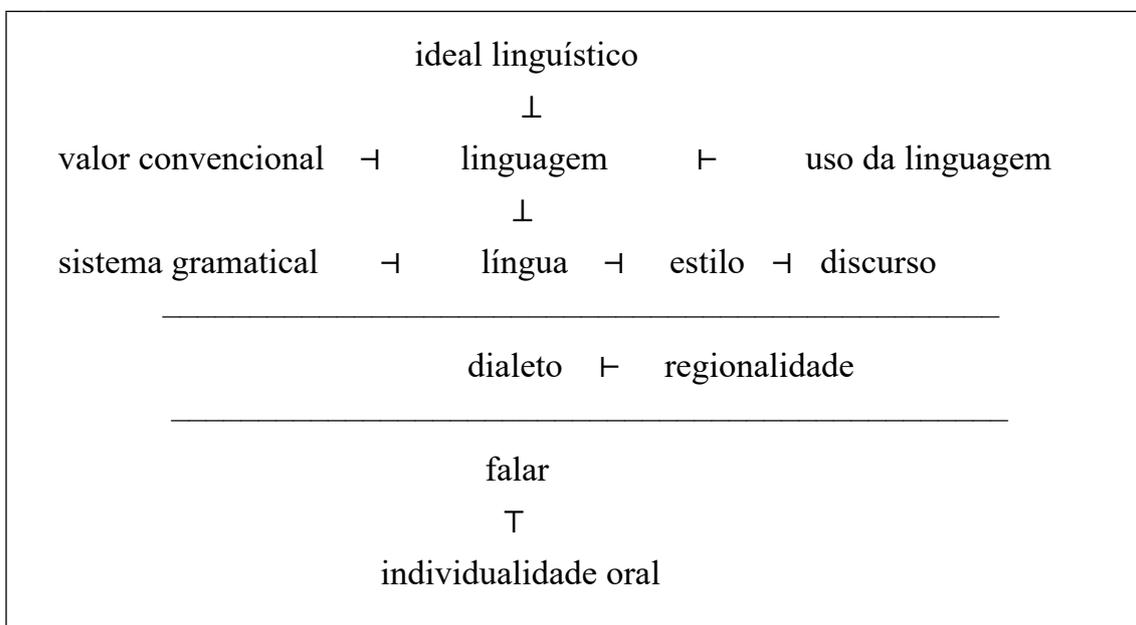
Sobre esse DSD, podemos explicar que a palavra língua, ao mesmo tempo em que constrói os sentidos de “dialeto”, também está sendo apresentada em uma relação de oposição. Já a fala, os autores explicam que falar não apresenta a mesma dimensão que um dialeto tem, pois falar conta apenas com “manifestações orais”.

Ademais, já no segundo capítulo da gramática de Cunha e Cintra (1998), continuamos por buscar as reescrituras e articulações no texto. A princípio, logo no título

do capítulo, encontramos uma reescritura de língua por “língua portuguesa”, ou seja, nesse momento do texto, língua portuguesa para determinar o que é língua. Assim, temos uma reescritura por repetição da expressão “língua portuguesa”, e, logo após, reescritopor redução, em que aparece apenas como “português” e articula-se com “língua viva” e “variedades”. Nesse trecho, a palavra “português” acaba sendo determinada por “língua viva”, logo, o que podemos dizer acerca disso é que, língua viva constrói os sentidos de português e por consequência, de língua.

A partir da análise que empreendemos, construímos o seguinte DSD final:

Quadro 8.



## Considerações finais

Com a análise que apresentamos, podemos afirmar que língua, nesse texto, apresenta um sentido de sistema organizado de acordo com uma gramática, determinado por uma convenção social, cuja função maior é estabelecer (intermediar) a relação (interação) entre os indivíduos e o mundo. A língua é, nessa gramática, diferente do dialeto e da fala. Enquanto dialeto diz respeito às marcas regionais de uso da língua, falar corresponde às manifestações orais, às peculiaridades de expressão. Desse modo, a partir dos sentidos dessas palavras que compõem o DSD

de “linguagem”, podemos dizer que esta palavra possui, neste texto, os sentidos de uma espécie de conjunto abstrato de sinais que serve como meio de comunicação entre os indivíduos presentes em uma comunidade. Os valores de cada sinal são resultado de uma convenção social, esses valores convencionais estão construindo os sentidos de linguagem. Segundo o que os autores escreveram, a linguagem representa um ideolinguístico, e seu uso é passível de erros de linguagem.

## Referências

- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. 14. ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1998.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2002.
- GUIMARÃES, Eduardo. A ENUMERAÇÃO FUNCIONAMENTO ENUNCIATIVO E SENTIDO. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 51, n. 1, p.49-68,2009.
- MOLLICA, Maria Cecília; GUIMARÃES, Eduardo. “Domínio Semântico de Enunciação”. In: *A palavra: forma e sentido*. Campinas: Pontes, RG Editores, 2007.